# REVISTA
DO
# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
# DO RIO GRANDE DO SUL

10

I TRIMESTRE
ANO XV

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

1935
OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. — PÔRTO ALEGRE
— FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS —

PÔRTO ALEGRE
= 1935 =

# *Memorável Centenário*

Leopoldo de Freitas

A comemoração do primeiro Centenário da Revolução Riograndense de 20 de setembro dá ensejo à publicação de uma valiosa bibliografia histórica.

E' animadora esta inspiração do civismo dos escritores patrícios.

Acompanhando, intelectualmente, o aparecimento de cada um dêsses livros cada vez mais cresce o apreço que dedicamos a tudo que pertença ao passado e ao presente do "Continente Gaúcho".

Missão louvável de cada povo é essa que se consagra ao culto das tradições, e o povo Riograndense do Sul possue as honrosíssimas, pela abnegada intrepidez e lealdade dos seus militares e civís.

A guerra e a paz tiveram sempre na Capitania, na Província e no Estado brasileiro do extremo Sul a máxima dedicação do merecimento de tantos homens cujas atividades celebrizaram-se galhardamente.

---

A grande Revolução Farrapa representa um dêsses acontecimentos que vitalizaram a altivez cívica, a dignidade moral e a bravura indômita dos batalhadores Gaúchos.

Os anais da História recolheram todos os fatos das épocas em que os continentinos ilustraram as suas vidas, e hoje se reproduzem numa variedade de publicações instrutivas e exemplares.

Hoje a **Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul,** no desempenho da sua elevada missão intelectual e social está prestando êsse extraordinário serviço à cultura contemporânea.

Entre as publicações comemorativas que a Livraria do Globo tem editado, seja-nos consentido referências, neste artigo, **Os Amores de Canabarro,** estudo romantizado da individualidade do valoroso guerreiro gaúcho; também ao Estudo Biográfico do mesmo **General David Canabarro,** da autoria do sr. H. Canabarro Reichardt.

O talentoso jornalista e literato sr. Othelo Rosa romantizou passagens da vida militar e sentimental do valente patrício e de alguns dos seus companheiros d'armas na epopéia decenária.

Principiou pelas páginas muito reais dos aspétos Riograndenses "Nas margens do Sarandí".

Naquela madrugada "Pampeana", o exército revolucionário desacampava.

"Sombras de homens, na luz difusa, passavam e repassavam. Aquí e alí, cavalos em tropel, bufando e relinchando... tinir de freios; repiques de esporas, retinir de armas e, de vez em vez, em meio do tumulto, ditos chistosos e alegres... Os **quero-queros** pelas cercanias, repetiam a miúde, os seus gritos de alarma".

Dois personagens do cenário militar dêste período trocavam palavras: Antônio Vicente da Fontoura e Manuel Carvalho de Aragão e Silva, "êste era bem o tipo do gaúcho, cheio de fé e cheio de entusiasmo, que não perde a confiança na vitória". Pag. 11.

O outro, está descrito, neste original perfil "Um homem encostado ao seu cavalo, já pronto, olhava silenciosamente a cena. E formavam como um grupo estatuário, aquele homem de aspéto concentrado e severo, e aquele cavalo rosilho, delgado e forte, de cabeça alta e orelhas empinadas de leve.

Com uma das rédeas segura na mão esquerda, o cavaleiro numa atitude de aparente negligência, apoiava-se



sôbre o lombilho, aonde pousava, dobrado em arco, o braço direito.

E, assim tão profundamente identificados pareciam aquelas duas figuras, que se não poderia uma separada da outra: cavaleiro e cavalo".

Nestes períodos o escritor esboçou um quadro do Rio Grande antigo, na sua vida pastoril e campeira.

Corria o ano de 1844, todo de sacrifício e dificuldade para a revolução que se abeirava do fim, pela pacificação.

Já bastava de tantas lutas heróicas, de valentes contra valentes irmãos.

Lentamente o exército do brigadeiro Canabarro costeava a margem do Sarandí; uma guapa indiada cavalgava seguindo as ondulações do terreno, para a fronteira do Uruguai.

Na vanguarda estava o bravo cavaleiro coronel João Antônio da Silveira.

O chefe Canabarro, com o seu estado maior, foi visto na sela do cavalo baio ruano, e na fisionomia esboçou-se um sorriso de alegria.

Uma carretilha passava — Antônio Vicente voltou-se para o major Carvalhinho, estendeu o braço e disse: o perigo para todos nós está naquela carretilha, em que vai a Maria Francisca, a Papagaia. — Maldito rabo de saia! exclamou o bravo farrapo, correndo esporas no seu alasão.

Esta mulher, era uma formosa morena, espôsa de João Duarte que acompanhava a coluna servindo de médico-cirurgião; namorada do brigadeiro Canabarro, desde os tempos que se encontraram num baile, na vila de Taquarí e dansaram ardorosamente a "Tírana e a Chimarrita".

Na blusa do cavaleiro fulguravam os galões do pôsto de tenente. A dama, também, moça — era "flor em botão, cheia de viço e beleza". Pág. 28.

---

**E' bonita a cena do baile em que Maria Francisca ostentava o seu donaire, "formosa e provocante nos meneios da dansa".**

Cantava-se em côro a canção da Tirana, que parece que seja do folk-lore gaúcho, pela singularidade dos seus versos, repetidos ao som da viola:

"Eu amei uma tirana — e ela não me quís bem: agora vou despresá-la, vou ser tirano tambem... Tirana, feliz tirana!... Minha tirana de gôsto, rosto mimoso e bem feito, — quem teu fandango não baila — não é gaúcho direito. ... Tirana, feliz Tirana!"

Tudo isto se esfumou no ambiente do passado. O oficial David Canabarro subiu na hierarquia militar até o generalato na grande Revolução — até que tornou aos amores da juvenil querida, nas operações da guerra fratricida.

"E' que na bôca, de lábios húmidos e vermelhos, ela, trazia um constante sorriso, acolhedor e, amável, vaidosa sentia-se feliz com a aventura, e arrostava com subtileza e tenacidade, as suas conseqüências, procurando conquistar, com todos os recursos de uma instintiva arte de sedução, o ânimo daqueles lutadores bravios, que murmuravam sôbre a sua ligação com Canabarro". A sedução desta mulher não podia ser por toda vida. O general prosseguia no seu campo de operações, em marchas e contra marchas; procurando e evitando as colunas inimigas; deixou de reünir-se à brigada do general Antônio de Sousa Neto — a-pesar-das prevenções que êste lhe fisera das cîladas dos astutos chefes Bento Manuel Ribeiro e Francisco Pedro de Abreu, vaqueano habilíssimo e intrépido.

Foi êste bravo legalista que no encontro na "paragem agreste de Porongos derrotou os rebeldes farrapos, atacando-os de surprêsa, no acampamento.

"Os farrapos dormiam, mais tranqüilos, porque a esperança da paz sôbre êles adejava"... Pág. 113.

Na barraca do general a luz estava acêsa; o ordenança Joaquim guardava-a vigilante... Houve alarma. Os lanceiros negros resistiram com bravura ao inimigo "numeroso e forte". Não obstante a derrota o pânico da surprêsa foi completo. Só a retirada podia salvar os restos da coluna do general Canabarro que cavalgava "o seu baioruano".



Depois de vencida e dispersada a sua tropa de combate o general farrapo escreveu ao marechal Caxias que em conseqüência dêsse ataque achava-se resolvido a continuar a guerra.

A carretilha da condução de Maria Francisca ficou aprisionada com toda a bagagem, mas João Duarte disse ao coronel Abreu que era cirurgião e farmacêutico da coluna rebelde, e foi pôsto em liberdade, para cuidar dos seus companheiros feridos.

Nas canastras da sua bagagem havia documentos do arquivo do brigadeiro Canabarro... O estratagema teve êxito.

Mais tarde, reorganizados os elementos vencidos empreenderam marchas apressadas e novas manobras da guerra de recursos. — Compreendeu David Canabarro que não convinha a presença daquela mulher, no acampamento, e desta resolução participou a João Duarte.

"O desastre parecia ter infundido novas energias em Canabarro.

Desdobrava-se, incansável a sua atividade. Nunca parecera tão confiante, tão seguro de sí, do que nesse dia, que todos suporiam de desconfôrto e desânimo". Pág. 126. — Nesse dia conseguiu escapar do inimigo, mas para ela, para a Querida "é que talvez estivesse para sempre perdido"... A consciência da sua responsabilidade devia doer-lhe amargamente..." Pág. 135.

Entretanto, estava resolvido a continuar os seus feitos de guerrilheiro como soubera mostrar-se nas campanhas que pelejava.

"Na povoação de Encruzilhada cumpriu João Duarte as ordens do general Canabarro: alí ficava Maria Francisca, pois que não convinham mulheres no acampamento". Pág. 148.

— Belas narrativas romantizadas escreveu o literato dos Amores de Canabarro, deixando-nos espiritual recordação de leituras semelhantes, nas vidas do almirante lord Horace Nelson e ladí Hamilton; do ínclito general Bolivar e da formosa Manoela Sanz.

O sr. Canabarro Reichardt contribue e prova a comemoração do Centenário Farroupilha com o Estudo Biográfico do brigadeiro David Canabarro, em brochura de 220 pág., dez capítulos e apêndice.

Dois retratos, do hábil batalhador, ilustram esta publicação histórica e para autentificar a sua produção declara que a "História estuda as causas para explicar os efeitos", e sendo assim "necessita da psicologia, da etnográfia, e do meio político, econômico, social, geográfico e sociológico. Então, a crítica, no conceito do inglês Strachey, "não critica e não julga"; ex. Pág. 8.

Uma exposição, exatamente, é o que o autor fez no alentado volume dêste Estudo de uma personalidade de relêvo, começando pelas origens, do general Canabarro, e da descrição das guerras Rioplatenses na juventude do herói gaúcho, cujos avós foram naturais da Ilha Terceira; possesão portuguesa, de onde veiu o núcleo de colonos que fundaram o Pôrto dos Casais hoje a florescente cidade de Pôrto Alegre.

Com desessete anos de idade o jovem David Canabarro entrou para a classe militar; e sentar praça, naqueles tempos, não "significava simplesmente envergar a farda e dar guarda em quartéis, senão prestar efetivo serviço de Guerra".

David Martins que mais tarde adotou o sobrenome de Canabarro pertenceu à expedição militar aos estados do Prata, comandado pelo general Dom Diogo de Sousa, capitão general do Rio Grande do Sul, em 1811.

Abrangeu cincoenta e cinco anos a carreira do bravo Riograndense no exército da Pátria. A sua actuação foi notável nas campanhas do período colonial do Brasil; no combate de Catalan perdeu os tres cavalos em que montava e pelejava.

Em Rincon de Galinas o denôdo de uma carga de cavaleiros ao seu mando garantiu o êxito da operação de retirada da fôrça acometida.

Na campanha Cisplatina combateu na batalha do Rosário. Foi nas ríspidas operações da guerra que, êle, conheceu os chefes Bento Gonçalves e Bento Manuel Ribeiro.



"Aprendera pràticamente tudo quanto da arte militar era possível conhecer.

Mais ainda, fisera-se destro na Guerra peculiar nos Pampas, "em que o cavalo, era a arma eficiente". — Pág. 29.

Da mobilidade da profissão miliciana o oficial Canabarro passou a criador de gado, pois ficara estancieiro em Quaraim.

Sobreveiu a procela de 20 de setembro de 1835 e no ano seguinte foi que depois da derrota de Bento Gonçalves, na ilha do Fanfa — deliberou David Canabarro entrar para a Revolução, na fronteira de Alegrete.

A história política da Revolução Riograndense apresenta nos seus episódios um grupo de intrépidos combatentes que se revelaram dotados de capacidade militar superior.

Os comandantes das fôrças insurgidas João Antônio da Silveira, Jacinto Guedes, Lucas de Oliveira, Teixeira Nunes, Afonso Côrte Real, Antônio Neto, Joaquim Pedro Soares, José Alves Valença, Manuel Carvalho, José Gomes Portinho, Dionísio Amaro da Silveira, coronel Crescêncio; todos acompanharam neste decênio de ideais e de sacrifícios ao chefe Bento Gonçalves da Silva e à causa política da Província Riograndense.

Fiéis ao govêrno Regencial e depois ao do Imperador Pedro II estiveram combatendo os insurrectos, os notáveis Generaes Soares de Andréia, Santos Barreto, Manuel Jorge Rodrigues, Pedro Labatut, o veterano da vitória de Pirajá, na campanha da Baía, pela Independência Nacional; Bento Manuel Ribeiro, Antônio Seara, Francisco Xavier da Cunha, Silva Tavares, Elzeario de Miranda, Manuel Marques de Sousa, depois Conde de Pôrto Alegre e vencedor da batalha de Caséros, em 1852.

Ínclito brasileiro pelo patriotismo e pelas virtudes militares que triunfou gloriosamente na Guerra dos Dez anos foi o marechal Luís Alves de Lima e Silva, Barão, Conde,, Marquês e Duque de Caxias o Pacificador.

Conhecendo a psicologia do povo continentino, a sua intuïção militar determinou que aqueles legionários não seriam abatidos pelo desastre das armas e os desviou desta estrada para as da Paz e da Confraternização cívica.

Entendeu-se o marechal Caxias com os principais revolucionários e com êles firmou o acôrdo de 1.º de março de 1845, que teve a aprovação e as garantias do imperial govêrno.

O general David Canabarro merece das posteridade brasileira a mesma expressão de homenagem dos franceses a um dos seus guerreiros da Revolução de 89 a 1800 "Chantéz pour le grand Sabreur, un chef que n'a pas peur á la guerre".

As suas honrosas tradições vincularam-se na paz com as lutas partidárias do liberalismo nacional, até que a morte encerrasse-lhe o ciclo da existência objetiva.

# *Caxias e os generais de 35*

**Conferência realizada no salão de honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 30 de julho de 1934, pelo coronel Álvaro de Alencastre**

A Revolução de 35 durou dez anos, porque os generais, que o govêrno imperial lançou sôbre o Rio Grande, revelaram uma incapacidade lamentável, ou foram infelizes.

Só apareceu na contenda um grande cabo de guerra: Caxias.

Falo como militar, como rio-grandense, como regionalista.

Como militar liga-me à classe e aos colegas um alto espírito de camaradagem, que me faz admirá-los nas suas proezas, nos seus sacrifícios.

Como rio-grandense procuro sempre exaltar o valor da terra pampeana.

Como regionalista amo a terra onde nascí, Considero-a a melhor do Brasil, mas desejo-a rica, grande, culta, dentro da nacionalidade. Nunca foi o regionalismo um perigo para o Brasil. E' uma fórma de nosso nacionalismo. E' um aspecto da nossa brasilidade.

"Regionalismo não é separatismo. Se alguma vez ouvirdes que se levanta no Rio Grande uma voz bradando por separatismo, não vos alarmeis. E' o desejo de impressionar pelo escândalo. E' o desejo insano de uma hora de celebridade".

Não se compreende que uma província com 140.000 habitantes em dissidência pudesse resistir durante dez anos ao resto do Brasil, com 7.000.000 de almas.

Logo se vê que houve imperfeições de atitudes. Houve desorientação. Ações desacertadas. Providências improdutivas.

A revolução de 35 é um fenômeno complexo nas suas origens, no seu desenvolvimento. Estudaremos um único aspecto do problema social.

Antes de mais nada, umas observações rápidas sôbre a nossa história. Para tal mister encaremos tres fases distintas da vida nacional. Expressemo-las da seguinte fórma:

### 1.ª Fase

Da descoberta do Brasil até a chegada do Príncipe Regente em 1808. Durante êsse período processou-se a formação de nosso espírito de brasilidade. Guerras, entradas, bandeiras, Guerra dos Holandeses, lutas com francêses e espanhóis. A coroação de Amador Bueno foram movimentos que tiveram uma finalidade histórica: a formação do nosso nacionalismo. Foi durante êsse tempo que se criou e cristalizou a nossa alma nacional. Sim; Senhores, temos uma alma nacional, que se fez carne em nossos corações e conciência em sua mentalidade.

Como se explica que êsse colosso de 8.500.000 km², se mantenha unido e coheso entre os homens mais diferentes, entre os climas mais deseguais, entre as produções mais variadas, entre as terras mais dissemilhantes? O homem do norte é diferente do homem do sul. O clima é diferente. A produção agrícola é diferente. A extrativa é diferente. Os costumes são diferentes. As tradições são diferentes.

Há uma fôrça que liga êsses aspectos dispares. E' a alma nacional que nos une por laços inquebrantáveis.

Deixai que a política desnorteie e desbarate. Deixai que os máus políticos, os políticantes de todos os tempos, apregoem o nosso desmembramento. Deixai que os nossos



estadistas ensangüentem a nacionalidade, sem finalidade patriotica. Temos dentro de nós uma fôrça que nos domina e nos guiará nas horas dolorosas de sacrifício extremo: o amor a êste Brasil, grande, rico, vitorioso.

A longa elaboração de nossa alma nacional foi um processo demorado que se fez em 300 anos através dos maiores esforços, de inúmeros sacrifícios. Recolhemos o trabalho dos nossos antepassados. Êle está gravado a fogo no coração dos brasileiros: E' a nossa alma nacional. E' o nosso sentimento sublimado de brasilidade.

### 2.ª Fase

Vai de 1808 até 1848, data da última revolução em Pernambuco. Durante êsse longo tempo processou-se a formação de nossa nacionalidade.

Todos os movimentos que agitaram o país de Norte a Sul, e que pareciam aos coevos discordantes, desconexos tiveram uma finalidade construtora. Orientaram-se para o mesmo objetivo: a formação da nossa nacionalidade.

Nós, que estamos afastados no tempo e no espaço, reconhecemos hoje que eram movimentos concordantes para a mesma finalidade.

Durante aquele período entrou em preparação a nossa nacionalidade. Foi grandemente útil aos interêsses brasileiros e atuação do Principe Regente. A sua ação governamental convergiu para a criação de uma nova nação. Criou todos os órgãos necessários a administração pública. Abriu escolas. Deu-nos a abertura dos portos ao comércio internacional. Decretou a liberdade industrial, o que quer dizer que nos deu a independência econômica. Elevou o Brasil a reino.

Tiveram depois o Fico, uma revolta do Príncipe D. Pedro em favor do Brasil, o grito do Ipiranga representou o ânseio da nacionalidade. O 7 de abril foi uma conseqüência dêle.

Com a proclamação da Independência não ficou constituída definitivamente a nacionalidade. Era preciso dar-

lhe uma constituïção e uma mentalidade política. A luta entre brasileiros e portugueses foi uma conseqüência lógica da primazia que queria dar D. Pedro aos seus compatriotas.

As revoluções que sobrevieram foram acontecimentos lógicos e necessários. Não se poderia constituir uma das maiores nacionalidades da terra sem vibrações. Nada se constrói na imobilidade e na inércia. Movimento é trabalho. E' vida. As sociedades se agitaram no calor das paixões. As revoltas e revoluções que perturbaram a vida nacional correspondiam a uma temperatura alta do ambiente. Unidades do exército revoltaram-se. Mas também se rebelaram José Bonifácio, Antônio Carlos, Feijó, Teófilo Ottoni.

A ação construtora de D. João VI. A Revolução constitucionalista de 1820, o Fico, as medidas coercitivas das côrtes de Lisboa, o 7 de setembro. A Independência na Baía, Revolução de Pernambuco em 1824, a Cisplatina em 1825, questões entre os portugueses e brasileiros, o 7 de abril, a reforma da Constituïção, revoluções na Baía em 1837. Revolução no Maranhão em 38, proclamação de maioridade de D. Pedro II, as revoluções de Minas, de São Paulo em 42, revolução de Pernambuco de 1848, foram vibrações que tiveram uma finalidade construtora. Foram movimentos encaminhados para darem fórma e solidez à nacionalidade nascente.

Nenhuma nação formou-se sem grandes deslocamentos, sem contrações, sem convulsões.

Tivemos na independencia dos povos americanos um exemplo flagrante e impressinante. Todos êles foram agitados por sublevações, revoltas e revoluções que os fizeram sofrer e subdividir-se. O Brasil, viu esboroar-se ao redor de sí o grande império colonial Castelhano das duas Américas.

O Brasil coeso, uno, curtindo dores amargas, sustentando guerras e vencendo revoluções manteve-se unido e vitorioso. Mostramos ser dignos herdeiros dêsses extraordinários portuguêses que nos brindaram com uma das maio-



res nações do mundo, conquistada pelo heroísmo, valor, sabedoria da gente lusitana.

Se a América toda, que nasceu conosco, agitava-se no paroxismo de lutas violentas e atrózes, como se poderia admitir que o Brasil vagasse mansamente em um mar de rosas?

Não. Todas essas convulsões foram necessárias para a constituïção de nossa nacionalidade. Foi uma elaboração dolorosa e demorada. Até 1848, data em que se pode considerar constituída a nacionalidade, tivemos de sustentar lutas esgotantes com os mais poderosos países.

No tempo colonial repelimos holandeses, espanhóis, franceses e ingleses.

Nessas contendas os nossos antepassados portugueses foram sublimes de devotamento e de bravura.

Nos confíns do Brasil, onde nós chegamos ainda hoje só com o maior sacrifício, lá plantaram fortificações os portugueses para demonstrarem o seu poderio e o valor de seu povo.

Agora é o caso de perguntar-se: qual a influência que teve a revolução de 1835 na formação do nome nacionalidade?

Podemos precisar o que representou a revolução farroupilha para o Brasil. Teve três finalidades.

1.ª — Contribuïção para a cristalização da alma nacional.

2.ª — Contribuïção para a formação de nossa nacionalidade.

3.ª — Foi semente de ideais republicanos lançada no território nacional.

Daí se verifica que os sacrifícios feitos na contenda não foram perdidos. Considerada isoladamente a revolução farroupilha foi um grito de revolta contra a prepotência dos govêrnos e seus erros.

Considerada ligada ao conjunto dos sucessos que fizeram o país vibrar durante longos anos, devemos admití-la como elo de uma cadeia de acontecimentos que tiveram finalidades sociológicas.

Podem todos os brasileiros festejá-la. É um título de glória, desprendido de caracteres regionais, para todo o país. Ficou demonstrado que ambos os contendores tinham enfibratura de lutadores de boa têmpera.

Reintegrado o Rio Grande na comunhão brasileira, admiremos os homens e não lamentemos a sua derrota. O problema nacional e internacional simplificaram-se. Tivemos ùnicamente Rosas às nossas portas e não Rosas dentro do território nacional, como desejava o Marquês do Paraná.

Não se pense que durante a contenda eram só rio-grandenses que mantiam a bandeira revolucionária. Havia lá dentro da fogueira gente de outras províncias. Três dos mais notáveis revolucionários não eram rio-grandenses.

Domingos de Almeida, o grande organizador do novo estado, o grande construtor; João Manuel de Lima e Silva, tio de Caxias e irmão do regente Francisco, comandante em chefe do exército republicano, e José Mariano de Matos, presidente da república, não tinham nascido na terra pampeana.

### 3.ª Fase

Tratemos rapidamente da 3.ª fase: A 3.ª fase vai de 1822, dia do Fico, até nossos dias. Já passou mais de um século. Cuidamos durante êle da formação da nossa mentalidade política. O que o nosso grande imperador não nos poude dar em cincoenta anos de monarquia não nos deu a república em quarenta e quatro anos de govêrno.

Não podemos ainda garantir que a nossa nacionalidade está definitivamente constituída. O povo brasileiro ainda não tem opinião, nem consciência do seu valor. Não póde controlar a ação dos seus mandatários. Não sabe controlá-la.

Ainda não conseguimos dar ao país a consciência de sua responsabilidade e do valor.



A guerra dos Farrapos trouxe a esta fase á sua contribuïção. Dividindo o Rio Grande em dois partidos políticos com programas em luta secular deu-lhe uma mentalidade política que dirige as duas grandes correntes partidárias.

O remédio já o deram Miguel Couto e o grande Calogeras, o nosso grande Ministro da Guerra. E' uma questão não de instrução ùnicamente, mas de educação moral e patriótica.

A uma grande erudição, póde corresponder uma acentuada corrupção de costumes políticos.

Na nossa política temos visto brilhar na fraude as mais poderosas mentalidades.

Recapitulando podemos registar que a Revolução de 35 auxiliou a formação da nacionalidade. Contribuiu para a construção da alma nacional, desenvolvendo e aumentando o nosso sentimento de brasilidade. Agiu eficientemente para dar ao povo brasileiro uma mentalidade política, com o seu exemplo.

### Os generais

Comandante em chefe das fôrças imperialistas, nada menos de onze generais:

Sebastião Barreto, Bento Manuel, Elzeario Britto, Anthero de Britto, Chagas Santos, Jorge Rodrigues, Soares Andréa, Conde de Rio Pardo, João Paulo Barreto, Silva Bittencourt e Caxias.

Dirigiram o exército republicano Bento Gonçalves, Lima e Silva, Antônio Netto e David Canabarro.

Pelo número de generais que exerceram o comando em chefe reconhece-se de imediato que a política nacional estava desordenada. Os sucessos do Rio Grande desorientaram-na.

Basta um fato para demonstrar como desbarataram os homens do govêrno central. O Marquês de Paraná quando Ministro dos Estranjeiros assinou um tratado com Rosas contra o Uruguai e o Rio Rio Grande. Rosas e os seus

exércitos pisaram o solo pátrio, trasido por um dos nossos eminentes estadistas.

Para felicidade nossa, Rosas teve repugnância em executar o tratado.

A governança do Rio de Janeiro parecia desejar que os generais tivessem uma ação católica. Devia vencer a revolução só com a sua presença.

Nenhum dêles realizou o **veni, vidi, vinci** de Cezar. Nem o grande Caxias. Era preciso identificar-se com o ambiente ou melhor como se diz atualmente ambientar-se. Dos onze só três conheciam a zona de operações: Sebastião Barreto, Bento Manuel e Chagas Santos.

Era uma guerra onde dominava o emprêgo da cavalaria. O cavalo era elemento preponderante.

O animal cavalar sofre muito com o inverno no Rio Grande. Emagrece ràpidamente e não póde prestar serviços. Só no campo de primeira ordem êle se conserva utilizável no inverno. Nas demais a geada cresta os pastos, tirando-lhes valor alimentício.

A maioria dos chefes militares desconhecia êsse fenomeno local. Tentaram operações descuidando-se do elemento essencial. Fracassaram.

Explicada ràpidamente essa característica do ambiente, passemos ao estudo das operações, desenvolvidas por cada um dos generais em chefe.

### Bento Manuel

A 30 de dezembro de 35 Bento Manuel, como comandante das Armas, ordena a todas as fôrças do seu comando que reconheçam Araújo Ribeiro como legítimo presidente da Província.

Deram-se sob o comando de Bento Manuel notáveis acontecimentos militares e políticos.

Em abril de 36 o coronel Albano Bueno é derrotado por Lima e Silva.

Marques de Souza, cercado em Pelotas rende-se também a Lima e Silva.



Ficaram os revolucionários donos de toda a província, menos Rio Grande e São José do Norte.

Marques de Souza, foi remetido como prisioneiro para Pôrto Alegre. Auxiliado pelo marechal Gaspar Menna Barreto revolta a guarnição da capital e toma conta dela, aprisionando o presidente em exercício, dr. Marciano Pereira.

A perda de Pôrto Alegre foi um verdadeiro desastre para a Revolução. Depois da sua quéda foi ela sempre o objetivo visado pelos farroupilhas. Perderam-na e batalharam em extremo para retomá-la. Ficaram hipnotizados. Impotentes para retomá-la, continuaram a assediá-la sem elementos necessários para tornar o assédio eficiente.

Revelaram neste período os generais da revolução pouca imaginação. A pobreza da imaginação é um disprimor para o general. E', talvez, a qualidade predominante. Nada vale ao general a potência de sua inteligência se êle não tiver uma boa dosagem de imaginação.

A guerra é uma arte de aplicação. E' um ato prático. E' um terreno onde as faculdades criadoras da imaginação trabalham para idealizar a manobra.

Reincluida a capital à Comunhão Nacional a 15 de junho de 36, a 30 dêsse mês investe contra ela Bento Gonçalves.

Defendeu Pôrto Alegre o marechal Gaspar Menna Barreto.

Os revolucionários fortificaram a entrada de Guaíba no Itapuã.

Fôrças de terra comandadas pelo brigadeiro Xavier da Cunha, e de mar, comandadas por Parker, atacaram a fortificação e tomaram-na depois de uma luta encarniçada.

O general Netto infligiu no Seival uma derrota completa a Silva Tavares, que teve 180 mortos, 116 prisioneiros e 60 feridos.

O general Netto, a 4 de novembro de 36 proclama a República em Jaguarão.

Onde estava o comandante das Armas, enquanto se desenrolavam êsses acontecimentos? Bento Manoel, quan-

do proclamou às suas tropas em 30 de dezembro de 35 estava em São Gabriel.

Organizava as suas fôrças com contingentes que lhe mandavam os seus amigos. Lima e Silva, que tinha iniciado a sua marcha para o interior procurou Bento Manoel que retirou, atraíndo a vanguarda de seu adversário, comandada por Côrte Real.

Quando o viu suficientemente afastado do grosso, derrota-a completamente, fazendo do seu comandante prisioneiro, no passo do Rosário.

Côrte Real. Coronel aos vinte e poucos anos, não podia bater-se com o experimentado guerrilheiro.

Derrotada a vanguarda de Lima e Silva, Bento Manoel retira à aproximação do grosso.

Tentou Bento Manoel marchar para Pôrto Alegre. Saíu-lhe aos embargos Bento Gonçalves. Bento Manoel retira para Caçapava.

Não ficou inativo Bento Manoel. Cercado pelos adversários, atacado pelos adversários, combatia e organizava as suas fôrças. Era o único chefe imperialista que agia com eficiência.

Caindo a capital em poder dos legalistas, pôs-lhe assédio Bento Gonçalves. Bento Manoel em Caçapava concebe uma manobra belíssima. Resolve socorrer a praça sitiada. Depois de uma rápida marcha atravessou o Guaíba e socorre a capital com homens e mantimentos, que já escasseavam. Entrou na cidade a 26 de julho.

Melhorava a situação dos imperialistas. Podiam ser executados os movimentos combinados entre as fôrças de terra e mar.

Não ficou Bento Manoel inativo. Aprestava-se para atacar os revolucionários com fôrças superiores. Bento Gonçalves em Viamão pressintiu o perigo a que estava exposto de ser batido por fôrças maiores em número que as do seu comando. Urgia uma ação rápida de Bento Gonçalves, para salvar-se. Seguiu para São Leopoldo. Bento Manoel que vinha agindo com segurança e previsão, aproveitando-se da esquadrilha adianta-se e desembarca na margem esquerda do Jacuí. Apertado entre o rio e as fôrças de Bento Manoel, lança-se em desespêro de causa à aventura. Tenta a passagem do rio diante da esquadrilha de Greenfell. Chega á ilha de Fanfa. E' cercado. Para evitar uma inútil carnificina rende-se sob condições honrosas. Os revolucionários tiveram 120 mortos e 500 prisioneiros. Entre os mais notáveis: Bento Gonçalves, Zambecari, Onofre e Costa Real.



Foi Lima e Silva eleito comandante em chefe das armas republicanas. Procedeu-se a eleição para presidente da República. Foi Gomes Jardim candidato de Lima e Silva. Teve maioria de votos Bento Gonçalves, prêso no Rio de Janeiro.

Assumiu interinamente a presidência Gomes Jardim para isso escolhido pelos eleitores.

Foi então nomeado comandante em chefe do exército o General Antônio Netto.

Organiza êle as suas fôrças e fica na Serra do Veleda em observação dos movimentos dos adversários.

Bento Manoel organizou um destacamento, com muitos emigrantes uruguaios.

Postou-se Bento Manoel em Bagé. Era crítica a situação dos revolucionários diante da ação eficaz de Bento Manoel.

Os homens do Rio de Janeiro não tinham uma imagem real do fenômeno político militar do Rio Grande. A ação enérgica e eficiente de Bento Manoel não foi compreendida. Bento Manoel tinha a república riograndense em cheque. A situação dos adversários era precária. A principal fôrça inimiga acossada por um adversário vitorioso, para salvar-se, emigrara.

A ação militar de Bento Manoel foi verdadeiramente brilhante.

Sobreveio um fato inesperado: a demissão de Araujo Ribeiro, amigo de Bento Manoel. Foi nomeado o general Anthero de Britto. A demissão de Araújo Ribeiro não sentou bem a Bento Manoel.

Anthero começou a hostilizar a Bento Manoel. Nas suas comunicações ao Ministro da Guerra fazia graves acusações ao comandante das armas. Os amigos de Bento Manoel foram arredados de suas posições.

### O general Anthero Britto

Foi incontestàvelmente infeliz a política do general Anthero. Araújo Ribeiro aproveita todos os valores úteis, entre as anistiados e ex-revolucionários.

Dividiu o general Anthero, o Rio Grande em quatro zonas: Pôrto Alegre, Rio Pardo, Missões e Rio Grande, confiando-as a generais de sua inteira confiança.

A ação desastrada do general Anthero, ferindo a Bento Manoel nos seus amigos e lisongeando-o em carta enraiveceu o velho guerreiro, que pediu demissão de comandante das armas. Outra coisa não desejava o general Anthero, que lhe ordenou que passasse o comando. Bento Manoel não obedeceu à ordem. Abriu as fronteiras. Licenciou a sua gente com armamento. Entrou em entendimento com os revolucionários e retirou-se para Alegrete.

O general Anthero não focalizou bem a situação. Estava convencido de que bastava a sua presença na campanha para terminar a contenda. Nomeou Chagas Santos, comandante interino das armas, deixando-o em Pôrto Alegre. Seguíu para a campanha, dando aviso de sua viajem a Bento Manoel. Diz Rocha Pombo que o general Anthero tomou o caminho de Rio Pardo com grande aparato, acompanhado de lusido estado-maior e de um vistoso séquito de empregados públicos.

A 23 de março chegou ao Passo de Itapeví, 20 léguas distante de Alegrete, onde foi aprisionado. Do seu séquito fez parte Marques de Souza que conseguíu escapar-se.

Comunicou Bento Manoel a prisão de Anthero e mais que os republicanos desistiam dos seus projetos depondo as armas se quanto antes ocupasse a vice-presidência da província o dr. Joaquim Vieira da Cunha e o comando das



armas ao general Gaspar Francisco Menna Barreto e fôsse permitido que Rivera se retirasse para o Uruguai.

Diz Araripe em seu magnífico trabalho: "A defeção do Bento Manoel foi golpe funesto para o partido legalista. A prisão do presidente da Província e chefe do exército imperial, a perda de uma fôrça importante e de grande material de guerra em Caçapava, a desmoralização da causa do govêrno central pela perda de fôrças militares e o assédio da capital da Província, tais foram os imediatos resultados da insubordinação e infidelidade do general brasileiro, a quem estavam confiadas às tropas imperialistas".

Não se compreende a atitude do general Anthero. Criou um inimigo e foi entregar-se a êle. Se êle fôsse um chefe previdente deveria saber que as guerras intestinas são férteis em surprêsas e atitudes inspiradas.

Terminou a ação do General Anthero, que se iniciara com grande aparato, por um final de opereta num ridículo atrós.

### General Chagas Santos

Foi nomeado Presidente e Comandante das armas o general Chagas Santos. Pouco tempo durou êle á frente do govêrno provincial e militar. Nomeado a 16 de maio de 37 a 6 de junho seguinte entregava o cargo.

Durante os poucos dias do seu comando houve uma tentativa de pacificação por parte dos revoltosos.

Entre o coronel Crecencio que ocupava Pelotas e Greenfell foi projetada uma anistia para tratar-se da pacificação da província.

Em companhia de Greenfell seguiram dois emissários dos farroupilhas para Pôrto Alegre.

Chagas Santos desaprova as negociações e o armistício. Terminou com os entendimentos.

Poucos dias esteve o general Chagas na presidência e no comando das armas.

Podemos enumerar duas tentativas de pacificação ambas repelidas por Chagas Santos.

Não ficou aí Chagas Santos nos seus desacertos, man-

dou prender o dr. Joaquim Vieira da Cunha que fôra indicado por Bento Manoel para pacificar a província e pelo mesmo motivo demitia o general Gaspar Menna Barreto.

Os revolucionários voltaram do Uruguai. Engrossaram as fileiras e atacaram Rio Pardo e Caçapava, ocupada pelo chefe legalista coronel Chrisóstomo, que se rende. Foi uma conquista grandemente vantajosa para os farrapos pela grande cópia de material de guerra alí existente.

Em agôsto de 37 foi o coronel Gabriel Gomes, que morreu em combate, derrotado pelo general Antônio Netto. Estavam outra vez os imperialistas reduzidos a Pôrto Alegre, Rio Grande e São José do Norte.

### Marechal Elzeario

A ação do marechal Elzeario teve duas fases. A primeira consistia em receber o govêrno de Araújo Ribeiro e entregá-lo ao mesmo poucos dias depois, em virtude de um pedido das Câmaras Municipais.

Em setembro de 37 deu-se a mudança do govêrno central. Feijó passa a regência ao Marquês de Olinda. O novo govêrno resolveu agir com segurança e eficiência no Rio Grande. Nomeou o marechal Elzeario presidente da província e comandante das armas. A 13 de novembro de 37 toma o marechal em Pôrto Alegre posse dêsses cargos.

Em comunicação dirigida ao govêrno imperial diz o marechal Elzeario. "O nosso plano de campanha é acabar com a guerra, despresando os rebeldes sem derramar sangue em batalha campal". (Araripe).

Quando o marechal íniciou a sua ação os rebeldes ocupavam toda a campanha e sitiavam Pôrto Alegre. Comandava o sítio Bento Gonçalves.

Resolveu o general legalista atacar as fôrças que assediavam a capital. Bento Gonçalves retirou-se passando a Caí. Ficou contente com êsse resultado Elzeario, e em correspondência oficial chamou a sua ação: "passeio militar de 15 dias".



Em março resolveu Elzeario tomar a ofensiva. Segue para o Rio Pardo, onde se detem em vista do máu estado da cavalhada. Deixou nesta cidade um forte destacamento das tres armas comandado pelo marechal Sebastião e generais Xavier da Cunha e Calderon.

O general Netto ataca Rio Pardo por surprêsa e infringe uma completa derrota ao marechal Sebastião Barreto.

Como resultado imediato do combate, Bento Gonçalves restabelece o cêrco de Pôrto Alegre. Os farroupilhas festejaram a vitória e Bento Gonçalves proclamou ao exército.

Elzeario fez em Pôrto Alegre os seus quarteis de inverno e tomou as providências para retomar as operações.

Em janeiro de 39 fez uma partida para levantar o cêrco da capital. Bento Manoel que veiu ràpidamente das missões toma duas canhoneiras e uma lancha na margem do Caí.

Elzeario, assutado, volta para Pôrto Alegre.

A oficialidade imperialista estava desgostosa com Elzeario a quem negaram talento militar. Veiu o Ministro da Guerra, Sebastião do Rego Barros, ao Rio Grande.

Rego Barros não apreendeu conhecimento exato dos acontecimentos. Pouco ou nada viu e nada compreendeu. Levou para o Rio a convicção de que a revolução estava prestes a terminar.

Em maio de 39 é demitido Elzeario e são nomeados o dr. Saturnino de Souza presidente e marechal Jorge Rodrigues Comandante das Armas.

A revolução estava no seu período áureo. Os imperialistas apertados dentro de três cidades e os revolucionários senhores de toda a campanha com a capital em Caçapava.

---

Bento Manoel andava desgostoso com Bento Gonçalves. A nomeação de um oficial para um pôsto no exército foi pretêsto para o rompimento.

Os farroupilhas fizeram todo o possível para dissuadí-lo de sus intentos. Bento Manoel conservou-se afastado de ambos os contendores.

Oficiara Mariano de Mattos, Ministro da Guerra farroupilha, exonerando-o do seu comando.

---

O general Elzeario ocupou a presidência da província e o comando em chefe de novembro de 37 a 30 de maio de 39, um ano e seis mêses.

Deixava os farroupilhas mais fortes e em condições de tentar novas proezas. Durante o seu comando os imperialistas não obtiveram uma única vitória.

Nos meados de 39 tentaram os revoltosos a conquista de Santa Catarina. Canabarro, Garibaldi e Teixeira entre mil peripécias e proezas grandiosas tomam Laguna. A' chegada da esquadra legal retiram. Perseguidos praticaram a ponta de espada uma série de façanhas.

Foi um êrro de digressão que fiseram. Foi um enfraquecimento de recursos. Para combater e vencer não se divide fôrças. Ao contrário são elas agrupadas no ponto onde se procura o resultado decisivo.

Tiveram os revolucionários um êrro fundamental nas suas operações. Desde o princípio da luta. Sem fôrças suficientes para tomar Pôrto Alegre pelas armas continuaram a assediá-la.

Uma visão mais perfeita dos acontecimentos militares, daria lugar a uma manobra arrojada. Onde estavam os adversários? Em Pôrto Alegre, Rio Grande e São José do Norte. Qual era o objetivo principal? Pôrto Alegre. Sôbre êle deviam fazer o esfôrço principal a fundo. Com grande energia.

Diante do Rio Grande uma pequena fôrça destinada ao sacrifício extremo se fôsse preciso. Depois concentrar ràpidamente, num lance ousado, nos arredores de Pôrto Alegre e conquistá-la a ferro e fogo. Quanto mais demorasse a luta, menor seriam as probabilidades da derrota para



os revolucionários. Ou o esgotamento ou a derrota pelas armas. Por grandes que fôssem os auxílios que davam o Uruguai e Corrientes, não eram suficientes para a sustentação na luta por muito tempo.

Elzeario, como os seus antecessores, á exceção de Bento Manoel nada fez.

Vejamos agora o seu substituto.

### Marechal Manoel Jorge Rodrigues

Nomeados Presidente e Comandante das Armas tomaram posse o sr. Saturnino de Souza e general Jorge Rodrigues, a 24 de junho de 39.

O marechal Rodrigues ficou inactivo até março de 40, distraídos os dois contendores pelos sucessos de Laguna.

Em dezembro de 39 Serafim de Alencastre, assumindo o Ministério da Guerra e da Marinha, imediatamente reconheceu que se achava a capital Farroupilha exposta a um golpe de mão. Oficía ao general João Antônio, que estava de marcha para o Norte. João Antônio não obedeceu a ordem, alegando que atendia a um plano de operações.

O marechal Rodrigues concentra-se com as suas fôrças no Caí. Ordena a Calderon que se venha reünir a êle. Alencastre tem conhecimento de que Calderon passou o S. Gonçalo e que marcha para o Norte em direção à Capital indefesa. Só lhes restava uma providência: abandonar ràpidamente a Capital. Foi o que fiseram. Calderon ocupou-a durante alguns dias. Ameaçado pelos revolucionários abandona-a. Alencastre limpou as cercanias da capital dos elementos legalistas que tinham por alí ficado e entrou em Caçapava.

Incontestàvelmente foi uma bela proesa de Calderon. Passou com o seu destacamento por uma zona completamente dominada pelo adversário e reünindo-se ao grosso do seu exército.

Bento Gonçalves foi ao encalço de Jorge Rodrigues. Em abril transpõe o Caí e em 3 de maio estava defronte do exercito inimigo.

Eram 6.000 os republicanos e 7.000 os imperialistas. O Exército farroupilha tinha em 39, segundo mapa publicado no jornal farroupilha "O Povo", 9.372 homens.

A concentração de 6.000 no Caí era um esfôrço muito grande para jogar a sorte das armas num golpe final.

Os dois adversários estão com receio um do outro. Três dias perderam negociando-se. Jorge Rodrigues ocupava ótimas condições. A luta durou apenas uma hora. Ambos os adversários cantaram vitória. Jorge Rodrigues pelo triunfo foi agraciado com o título de Barão de Taquarí.

Bento Gonçalves em ofício comunicou a Alecastre a vitória das armas republicanas.

Resolveu Bento Gonçalves atacar São José do Norte. Para isso em pleno inverno marchou 50 léguas. Depois de um ataque encarniçado tomou a cidade, que foi retomada pelos legalistas com reforços que vieram do Rio Grande.

Era a ação a prova evidente de que os republicanos não foram derrotados em Taquarí. Mais inativo que êles ficou o general Rodrigues que não saíu da margem esquerda do rio.

Dividiu a sua fôrça em três destacamentos: um com êle em Santo Amaro: outro de cavalaria para fazer face a Crescêncio; o terceiro para as missões, às ordens do coronel Loureiro.

As dissidências que surgiram entre o Presidente Saturnino e o general Rodrigues levaram o Govêrno Central a concentrar em uma única mão os dois cargos de Presidente e Comandante das Armas.

Foi nomeado o general Soares de Andréa que tomou posse a 24 de junho de 1840.

## Manoel Soares de Andréa

Durante a direção administradora e militar de Soares de Andréa deram-se acontecimentos importantes: a maioridade do imperador, a volta de Bento Gonçalves incorporando-se ao exército legalista, tentativa de pacificação por parte do govêrno central.

Soares de Andréa iniciou junto a Bento Gonçalves trabalhos para a pacificação da província. Trocaram correspondência epistolar. Bento Gonçalves era o Presidente da República, em exercício do cargo de generalíssimo do Exército republicano. Desempenhava interinamente a presidência Mariano de Matos e eram ministros Almeida e Alencastre.



O govêrno republicano teve conhecimento das negociações que fazia Bento Gonçalves. Julgou-se desautorado e remeteu-lhe uma nota enérgica, protestando contra êsse ato e declarando que êle não podia iniciar negociações sem serem prèviamente ouvidas a Câmara Municipal, os procuradores gerais e o seu exército.

Em resposta disse Bento Gonçalves que o seu fim era ganhar tempo para melhorar a posição da sua fôrça.

Varela transcreve o ofício em seu trabalho "História da grande revolução".

Não aceitaram os homens do govêrno republicano as explicações dadas por Bento Gonçalves e voltaram nos seguintes têrmos:

"Quanto à segunda parte, etc., etc., mas, pois que V. Ex. a traduziu no seu literal sentido cumpre que não oculte a V. Ex. o desprazer de que se possuiu, quando quasi desmoronado o novo Edifício Republicano Rio Grandense, pelas correspondências entre V. Ex., e os delegados do Brasil, havidos em 15, 20, 21 e 25 de agôsto próximo, explicação alguma lhe mandara fazer a respeito, e que não a êle, mas sim ao inexoravel tribunal de opiniões públicas, tem V. Ex. de justificar-se dos males que temos sofrido por aqueles incidentes e os que sofrerão por suas consequências eficientes e remotas".

Assim se dirigiram os homens do govêrno ao próprio Presidente da República, generalíssimo do exército e senhor de poderes discricionários. Convenhamos, senhores, eram admiráveis os homens daquela época. Caso interessante: dos três homens que estavam à frente da governança Mariano de Matos e Domingos de Almeida eram mineiros. Só Alencastre, riograndense.

As negociações foram iniciadas por inspiração de Antônio Carlos. Alvares Machado foi representante do govêrno central, foi à Vila Setembrina entender-se com Bento Gonçalves.

Soares de Andréa não estava de acôrdo com o modo por que eram feitas as negociações. Alvares Machado comunicou as suas impressões para o Rio. Soares de Andréa, que não pertencia à política do gabinete, foi demitido.

A passagem de Soares de Andréa pela província foi rápida, sem operações militares. Notabilizou-se, entretanto, por uma feliz concepção estratégica.

### O general João Paulo Santos Barreto

O general João Paulo Santos Barreto foi nomeado Comandante das Armas. Encontra-se com Alvares Machado na cidade do Rio Grande. Vão os dois a Pôrto Alegre. A 30 de novembro tomaram posse dos seus cargos.

Diz Rocha Pombo que Alvares Machado encetou negociações com Bento Gonçalves escrevendo-lhe para Viamão, propondo-lhe anistia plena e abrindo mão de umas tantas impertinências com que o marechal Andréa havia irritado os chefes rebeldes.

As negociações fracassaram. O govêrno resolveu dirimir a luta pelas armas, por meio de uma ação eficaz.

Esperavam os imperialistas um refôrço notável, que vinha sob o comando de Labatut. Êsse contingente tinha à sua frente um chefe de grande valor. Ilustrara-se na Baía, na campanha da Independência, onde se revelara general brilhante.

Labatut, vindo de Laguna, devia ocupar Passo Fundo, afim de cortar a retirada dos republicanos. Bento Gonçalves estava em Viamão.

A manobra estratégica que se executava pertencia ao plano de operações de Soares Andréa. João Paulo ia executá-la com os reforços vindos do Norte. Era incontestàvelmente má a situação dos republicanos.

Aperceberam-se estes imediatamente à ocupação de Passo Fundo dos perigos que os ameaçavam. Estavam com a retirada cortada. Só uma manobra hábil poderia salvá-los.

Labatut abandona Passo Fundo e segue para Cruz Alta, em busca de recursos.



Em novembro Canabarro segue para o norte. Em princípio de dezembro Bento Gonçalves toma a mesma direção e junta-se com o seu colega.

Depois de uma penosíssima marcha através da floresta e das serranias chega Bento Gonçalves a Passo Fundo.

Labatut, adoecendo gravemente, deixa o comando.

Bento Gonçalves prossegue na sua marcha. Chega a São Gabriel, onde assume a presidência da República.

Estava frustrado o plano organizado por Soares Andréa, devido á manobra hábil e ousada do chefe republicano.

Durante essas operações era, na campanha, derrotado um forte partido legalista pelo general João Antônio e coronel Jacinto Guedes.

João Paulo estava em excelentes condições para agir. Estava Pôrto Alegre livre do assédio, que durou três anos.

Começava a empalidecer a estrêla dos farroupilhas. A dissidência lavrava em suas fileiras. Já contava o chefe republicano com uma grande oposição.

João Paulo não compreendeu os processos da guerra empregados pelos revolucionários. Concentrou as suas fôrças em Rio Pardo, em número de 5.200 homens.

Engrossou Silva Tavares o seu destacamento com contingente de 1.200 homens. Tinha João Paulo 6.400 homens.

Sai a 1.° de março de 41 de Rio Pardo e chega a São Vicente em abril. Os adversários dividiram-se em pequenos partidos que o inquietavam continuadamente, que apareciam e desapareciam por todos os lados. Chega João Paulo a São Vicente sem cavalo. Não poude marchar e aí ficou inativo.

A operação de João Paulo foi desastrada. Com a sua fôrça em São Vicente nada podia fazer. O inverno impossibilitou-lhe os movimentos.

Fracassou.

A política nacional foi abalada no Rio por causa da demissão de João Paulo. Tivemos novo gabinete e novo general

## Conde do Rio Pardo

Foi novamente nomeado Presidente da Província o dr. Severino de Souza e Comandante das Armas o Conde do Rio Pardo. Tomaram posse dos cargos a 17 de abril de 41.

O Conde do Rio Pardo, em vez de seguir para o interior, afim de assumir o comando das fôrças, ficou inativo em Pôrto Alegre durante 4 meses, esperando pelo general João Paulo.

O Conde do Rio Pardo comandou de abril de 41 a março de 42. Como diretor das operações nada fez. Houve encontro das guerrilhas, em que se salientaram Francisco Pedro e João Propício. Dêsses combates fez o Conde do Rio Pardo grande reclame, dizendo que eram brilhantes feitos de armas.

Durante o comando de Rio Pardo acentuou-se o entendimento com Rivera. Bento Gonçalves enviou Mariano de Matos e Ulhôa Cintra para Montevidéu. Das negociações resultou um tratado entre o Uruguai e o Rio Grande.

Era natural que os revolucionários procurassem fóra das nossas fronteiras os recursos que não podiam encontrar dentro delas.

O Marquês de Paraná, como Ministro dos Estrangeiros, justificou plenamente a atitude dos revolucionários. O Marquês de Paraná fez um tratado com Rosas contra o Uruguai e o Rio Grande do Sul.

Sim, senhores. O Brasil foi aliado de Rosas contra o Rio Grande. Só não tivemos Rosas, como amigo, como aliado, pisando vitoriosamente o solo patrio, porque êle teve escrúpulo em executar o patuado.

Não culpemos aqueles que no fragor da luta, mantida com tremendo sacrifício, tiveram necessidade de recorrer ao estranho à vida nacional. O Marquês do Paraná, notável estadista, escreveu uma página infeliz na história do Brasil.

Há ainda um aspecto particular no problema. As questões e relações entre o Uruguai e o Brasil podem ser na fronteira consideradas questões entre bons amigos, questões domésticas.

O Uruguai sempre interveiu nos nossos movimentos sediciosos por meio dos políticos de fronteira.



O Brasil da mesma maneira interveiu no Uruguai.

Tendo servido em Santana do Livramento, minha terra natal, durante muitos anos apreciei lá diversas intervenções nossas na política uruguaia.

Há na fronteira uma especie que só alí medra: os eleitores internacionais. São indivíduos que votam nos dois países. O número dos que votam no Brasil é sempre maior. Aquí há mais facilidades eleitorais.

Essa é a intervenção pacífica entre duas populações visinhas que falam indiferentes duas línguas e onde correm duas moedas diferentes, ligadas pelas correntes comerciais e pela união das famílias. A sociedade de Livramento e Rivera é uma só.

Grandes devem ser as ligações entre os dois povos na fronteira. Ligados por correntes comerciais, pelas famílias, pela política, as nossas afinidades são grandes. Hoje maiores do que ontem.

Não se pense que há um caso de desnacionalização. Nenhum outro Estado do Brasil apresenta coeficiente de nacionalismo tão grande como a fronteira do Rio Grande. De ambos os lados da fronteira existe o mesmo fenômeno.

Temos diante de nós um visinho arrogante e orgulhoso de sua nacionalidade. Essa atitude desperta a nossa fibra patriótica, dando lugar a um fato talvez único na vida da nacionalidade. O filho de pais uruguaios, nascido na fronteira, no Brasil, por exemplo, é integralmente brasileiro. O filho de pais brasileiros, nascido em Rivera, ainda que venha para o Brasil, é integralmente uruguaio.

Há uma vintena de anos passados, tivemos a intervenção da política brasileira fronteira nas questões partidárias do Uruguai.

Depois da revolução de 93 ficou dividida no Estado a família gaúcha, uma herança de ódios políticos.

Rafael Cabeda e o coronel João Francisco combatiam em primeira linha. Cabeda estava emigrado em Rivera. A propósito da eleição presidencial no Uruguai a temperatura política elevou-se. Cabeda intervinha na política de Rivera a

favor dos colorados e coronel João Francisco a favor dos blancos.

A luta dêsses dois homens políticos levou o Uruguai a uma revolução.

De outra feita, o Uruguai em revolução defrontaram-se em Massoller, em uma encarniçada batalha os generais Vasques, governista e Aparício, revolucionário.

Aparício Saraiva tinha a sua retaguarda apoiada na fronteira brasileira. Estava cercado. Ferido gravemente o chefe blanco foi levado para uma estância brasileira.

O exército revolucionário estava irremediàvelmente perdido ao anoitecer. No dia seguinte ou se rendia ou seria internado e desarmado no Brasil. Não havia outro caso.

Quando amanheceu o dia o general Vasques teve uma surprêsa. Nenhum soldado inimigo na sua frente.

Foi logo depois informado de que o exército blanco marchava a algumas léguas em direção à Rivera.

Autoridades brasileiras tinham feito todo o exército revolucionário passar pelo nosso território, salvando-o de um aniquilamento fatal.

Temos tido na fronteira guerras municipais entre Livramento e Rivera com mortes e ferimentos.

As questões entre brasileiros e uruguaios na fronteira devem ser consideradas atualmente sob um aspecto particular, amistoso.

Quando criança fui criado no ódio ao uruguaio. Eu e todos os brasileiros da fronteira. Do lado de lá dava-se o mesmo fenômeno.

Todos os domingos havia combates e pedradas entre meninos de Rivera e Livramento. Não escasseavam as cabeças quebradas.

Meninos brasileiros, quando iam a Rivera, eram espancados. Meninos uruguaios, quando vinham ao Brasil, eram duramente maltratados.

As nossas relações não passavam dos negócios comerciais.

Os uruguaios tinham uma grande mágua que lhes doía muito: o domínio das águas da lagôa Mirim e do Rio Jaguarão.



Rio Branco, com a sua larga visão diplomática, fundiu as duas fronteiras numa só família, fazendo bons amigos das duas nacionalidades.

Perdoemos aos nossos patrícios de antanho pelos excessos empregados quando ainda hoje fazemos coisas piores.

Voltando ao Conde de Rio Pardo, tem-se a reconhecer que êle nada fez, a-pesar-do anúncio de vitórias brilhantes.

### O general Bittencourt

A 26 de junho de 42 tomava posse do comando das armas, o general José Maria da Silva Bittencourt. Assumiu o comando das fôrças em Vacaiquá e transferiu o acampamento para Arroio do Sol.

A 28 de setembro foi nomeado Caxias Presidente da Província e Comandante das Armas.

O general Bittencourt sentiu-se feliz em retirar tão grande responsabilidade de cima dos seus ombros. Comandou três meses.

### Caxias

O ilustre auditório já notou que apenas digo Caxias. Dos outros generais não esquecí os postos. Do grande duque escreví apenas um nome. A humanidade designa assim os seus grandes vultos: Socrates, Aristóteles, Arquimedes, César, Napoleão, Camões, Dante, Goethe, Comte, etc., etc.

Designa do mesmo modo os seus grandes criminosos. Exemplo: Calabar. O maior de todos: Judas.

Caxias procurou chamar novos adeptos à causa nacional.

Bento Manoel foi um dos visados. Desde agôsto de 1840 estava êle retirado de qualquer atividade: Fazia 2 anos e meio que êle se tinha afastado da contenda.

A primeira impressão que se tem é que Caxias age com precisão e inteira segurança. Encarou o problema sob todos os aspectos. Interessou-se junto ao govêrno central para que fôsse modificada a proteção que os governos visinhos davam à revolução.

Organizou ràpidamente as fôrças em operações. Tomou pela remonta do exército, especial interêsse.

Os revolucionários dominavam ainda toda a campanha e parte da Serra.

Em primeiro lugar Caxias concentra as suas fôrças em Rio Pardo. Sai com um destacamento de Pelotas, atravessando o São Gonçalo por surpresa. O general Netto que guarnecia o Passo de Canudos foi surpreendido com a passagem de Caxias pelo Norte do rio. Caxias fez uma marcha de 80 léguas e reüne-se ao grosso do exército.

O general Netto esperava que Caxias transpusesse o passo de Canudos. Foi surpreendido pela passagem de Caxias no Passo da Barra. A transposição do Passo era perigosa. Caxias fê-la em excelentes condições.

Gastou um mês do Passo da Barra ao acampamento de São Lourenço onde chegou a 11 de fevereiro.

O general Canabarro, com o grosso do exército, estava em Rio Pardo.

Organizou Caxias o seu exército em três divisões.

Por sua vez os farroupilhas fiseram a concentração de suas fôrças. Canabarro e Netto concentraram-se no Passo do Rosário a 19 de fevereiro.

Antes de procurar o exército inimigo, mandou Caxias limpar a Serra dos revolucionários que a dominavam. O coronel Jeronimo Jacinto foi feliz na emprêsa. Derrotou a 4 de março o farroupilha Portinho.

Ao ver Caxias que os seus adversários concentraram-se no Passo do Rosário, julgou que êles se quisessem empenhar em uma batalha campal.

Seguiu para São Gabriel, onde deixou um forte destacamento. Os revolucionários furtaram-se ao combate. Continua Caxias a marcha em seu encalço para Livramento. Os revolucionários internaram-se no Uruguai por Cuñaperú. Voltaram ao Rio Grande por Itaquatiá, pouco adiante do lugar, por onde emigraram.

Canabarro marcha ràpidamente e ataca São Gabriel. Caxias faz uma marcha admiravel do Livramento a São Gabriel. Os farroupilhas gambeteam procurando Bagé.



Não era Caxias homem que se prendesse a uma idéia fixa, a um pensamento preconcebido. Manobrava de acôrdo com a situação.

Vendo que os adversários se concentravam no Passo do Rosário, lançou-se sôbre êles, com uma única coluna.

Dividem-se os adversários. Muda a tática de Caxias.

Decompõe a fôrça em dois destacamentos, entregando o maior a Bento Manoel.

Deixou fôrças ocupando Alegrete que era uma das melhores fontes de recursos do adversário. Nessa localidade tinham êles instalado a Capital da República. Reüniu-se aí a Assembléia Legislativa e Constituïnte.

Reinava entre os farroupilhas uma profunda discórdia. O descontentamento contra Bento Gonçalves era grande. A Assembléia Constituinte deu lugar a expansão da mais acalorada paixão. Pelos dissidentes foi publicado um violentíssimo manifesto contra Bento Gonçalves.

Demitíu-se Bento Gonçalves da presidência e do comando em chefe.

Essa luta violenta diante de um inimigo cada vez mais forte e com um general, como Caxias, à frente, representava o primeiro sintoma de uma derrota completa. Começaram os revolucionários a apresentar-se às autoridades legalistas já desenganados. Aceitaram a anistia Domingos de Almeida, Ulhôa, Cintra, Alencastre e muitos outros.

Seguem as duas colunas ao encalço do adversário. Vendo os farroupilhas que se dividiam em duas colunas as fôrças imperialistas jogam-se em Poncho Verde sôbre Bento Manoel. Foi uma luta violenta de duas horas. Tiveram as fôrças em luta 120 mortos e 700 feridos.

O encontro não abateu o ânimo inquebrantável dos revolucionários. Os dois adversários cantavam vitória.

Canabarro ataca Alegrete que o Brigadeiro Arruda ocupava. Bento Gonçalves e Netto reforçaram o ataque.

Bento Manoel ameaça-os. Retiram-se os revolucionários.

Francisco Pedro derrota João Antônio em Santa Maria Chica.

Não se detinha, entretanto, Caxias com os acontecimentos que dirigia. A sua visão abarcava maiores horizontes.

Comunicou ao Govêrno Imperial que seria impossível a terminação da luta, sem um entendimento com o govêrno uruguaio para evitar a proteção aos rebeldes. Sinimbú, enviado pelo Gabinete do Rio, conseguiu as maiores facilidades do govêrno do Uruguai e de Corrientes.

As operações de guerra terminam pela ocupação do terreno inimigo e pela perseguição. Não havendo ocupação, posse do terreno e perseguição, não há vitória real.

Caxias estava na fase final, aliás, muito difícil. Tendo cruzado toda a província durante o ano de 43, adquiriu pleno conhecimento do que devia fazer e do que necessitava. As providências não se fariam esperar. A previsão do chefe atendia a todas as necessidades em tempo oportuno.

Ao inimigo que aparecia e desaparecia repentinamente, que se eclipsava sem ser pressentido, era necessário antepôrlhe os mesmos homens, os mesmos elementos, a mesma situação.

Caxias lançou contra êles os seus logares-tenentes, homens de ação, energicos, bravos, semelhantes em tudo aos adversários que combatiam.

João Antônio, derrotado por Demétrio no Batoví, procura reünir-se a Canabarro, operação que Caxias evita. João Antônio entra em Corrientes e é desarmado.

Depois de armar três lanchões para defesa do rio Uruguai, Caxias vai ràpidamente a Pôrto Alegre tomar medidas de ordem administrativa.

Em junho de 44 retomou Caxias o comando e continuou perseguindo os revolucionários.

Em Candiota Francisco Pedro derrota a Manoel Amaral. Aprisiona Domingos de Almeida, que conseguíu fugir, Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares.

A surprêsa de Porongos foi uma derrota irreparavel.

Menos de dois meses levou Caxias para tomar as medidas administrativas e militares.

Dirigiu-se a pessoas influentes, concitando-as a prestar serviço ao Império.



Passou Caxias com inferioridade numérica.

Caxias nunca teve um recontro com o seu adversário, porque êste o evitava.

Procurando-o fez uma marcha admirável de Livramento a São Gabriel. Caminhando 24 léguas em dois dias com 4.000 homens e 9.000 cavalos.

Por um movimento rápido e preciso evitou que, na fronteira argentina, João Antônio se reünisse a Canabarro, obrigando-o a internar-se em Corrientes.

Realizada a primeira operação da reünião das fôrças imperialistas, teve Caxias a iniciativa das operações, o que quer dizer, superioridade na ação.

Deu sempre a Bento Manoel a coluna mais forte: manobrava de tal sorte que sempre se apresentava ao inimigo com superioridade numérica.

As negociações para a pacificação foram conduzidas por Caxias com habilidade e energia.

Caxias, com plena autorização do govêrno Imperial, estabeleceu as seguintes condições:

1.º — Anistia irrestricta.

2.º — Isenção do serviço militar e da Guarda Nacional para os revolucionários.

3.º — Terem os chefes rebeldes as honras de seus postos.

4.º — Referiu-se aos escravos que tomaram parte a favor da revolução.

O estudo do decenato farroupilho dá-nos impressões interessantes dos seus aspectos militares.

A política central que dirigíu as operações desnorteou completamente. Não estando o govêrno acostumado a uma resistência tão grande procurou solucionar o problema dentro de cada situação ministerial. Por vezes a um novo gabinete correspondeu um novo general.

A revolução farroupilha não era caso político a interessar a um ou outro partido. Era um caso nacional e como tal devia ser solucionado.

Entregar os casos nacionais aos azares da política partidária é mentir á finalidade patriótica da sua missão social.

Não foi o heroísmo dos riograndenses, sempre admirável; não foi o espírito do sacrifício inesgotável da gente pampeana; não foram os alevantados ideais da província sulina que determinaram aquele esfôrço hercúleo durante dez anos.

Foi a má política. Foi a política de quarteirão. Política de conchavo. Política de acomodações entre amigos. Política de oportunidade. Foi a política pessoal que só dá mérito aos amigos do peito.

Foi a política que não quís nomear Caxias comandante do Exército Brasileiro no início da guerra do Paraguai e que só o fez em desespêro de causa.

Os grandes cabos de guerra não aparecem todos os dias. Durante o segundo império o Brasil contava com um.

Era o único. Muito nobre. Muito grande. A sua espada gloriosa, limpa da mancha ou de mérito, garantiu a integridade da nação.

Quando a política pretendeu escolher um general para comandar o exército ou uma contenda em que se jogava o futuro de nossa nacionalidade, não quís ela a má política, não quiseram êles, os máus políticos que fôsse nomeado o nosso grande general. Não foi só êle nomeado, foi maltratado, desrespeitado na sua velhice gloriosa.

A maior derrota para as fôrças imperialistas foi a nomeação do general Anthero de Britto, para presidente da província e comandante das armas.

O general Anthero levou o seu colega Bento Manoel à revolta. Foi uma atitude lógica, consequência de uma atuação infeliz. Bento Manoel, ferido em seus interêsses, ferido nos seus amigos, ferido na sua pessôa, deveria fatalmente aceitar o general Anthero como um inimigo que planejava a sua destruïção.

O estudo pormenorizado e cuidadoso da guerra deu-me a impressão de que Bento Manoel teria vencido a revolução.

A guerra no Rio Grande tinha caracteres especiais. O general, para dirigir operações, deveria em primeiro lugar ser filho do ambiente, identificado com êle ou um general que o apreendesse ràpidamente.

As guerras intestinas têm fisionomia especial. A guerra



dos Boers fez várias surprêsas aos generais ingleses. A guerra da Successão nos Estados Unidos deu-nos alguns ensinamentos que ainda hoje vigoram.

Estavam as operações em boas mãos. Bento Manoel era um brilhante general. Realizou na sua vida militar notáveis façanhas. Durante a guerra da Cisplatina praticou uma das maiores façanhas conhecidas, senão a maior.

Passou de noite o Uruguai a nado, com mais de 1.000 metros de largura, com 500 homens com cavalos de mão, venceu quatro adversários, por surprêsa e com inferioridade numérica. Saqueou diversas localidades. Repassou depois triunfante o Uruguai nas mesmas condições.

Para se não dizer que é exagêro patriótico é útil lembrar que essa proesa foi em primeira mão narrada por Mitre na História de Belgrano.

A ação de Bento Manoel, como comandante das armas, tinha sido eficiente, rápida e precisa.

No Fanfa deu um golpe de morte. Não destruíu o adversário, mas enfraqueceu-o.

Desnorteou-o. O general Neto, pouco antes proclamara a República para vencer pela atoarda e pela encenação.

Seival não foi uma resposta ao Fanfa. Foi, entretanto, uma revigorada de energias.

Bento Manoel não permanecia na capital. Agia no interior da província em contacto com o adversário, a quem hostilizava continuamente.

Depois do encontro de Candiota, que lhe fôra infeliz, o general Neto emigrou para o Uruguai.

Era a sorte adversa aos revolucionários. O homem que os combatia tinha pleno conhecimento do terreno, em que agia e dos homens, a quem combatia.

Outro general, que foi mais político, era Soares Andréa.

Depois do combate de Taquarí desenhou-se plenamente a situação à visão acertada de Soares Andréa. Concebeu êle uma brilhante manobra em um teatro de operações muito grande.

Cortou a retirada ao inimigo. Era uma manobra napoleônica.

Os farroupilhas em Taquarí precisavam retirar para a campanha, que dominavam e que era fonte de recursos.

Compreendendo Bento Gonçalves que se lhe fechavam a passagem, jogou-se contra São José do Norte. Tomou a vila que foi retomada pelos legalistas depois de um contato sangrento.

No combate morreram 253 homens, foram feridos 237.

A praça estava defendida por 500 soldados e eram 1.200 os atacantes.

Para 1.700 combatentes, 470 baixas. Êsse grande número de perdas para tão poucos combatentes, significa que os dois adversários disputaram a posse com o maior esfôrço.

Fechada a porta do sul, tinham a léste o exército legalista mais forte, jogaram-se para o Norte num lance arrojado. Não podiam transpor o Taquarí. Greenfell vigilante não os deixaria passar.

Só lhes restava a floresta virgem e a serrania escarpada. Depois de atravessá-la o exército republicano, aguardava-o Labatut em Passo Fundo. Estavam tomadas todas as passagens.

Não hesitou Bento Gonçalves. Em duas colunas jogou-se para o Norte. Seguiu com uma em direção a Tôrres e deu o comando da outra a Canabarro. Após mil peripécias, as mais variadas, as mais penosas, vencendo a floresta e a montanha num esfôrço estupendo, chegam a Passo Fundo que Labatut sem recursos belicos abandonara seguindo para Cruz Alta. Estava salvo o pequeno exército farroupilha.

### Os generais da revolução

Os três generais que apresentou a revolução eram superiores aos generais legalistas, excluindo Soares Andréa, Bento Manoel e Caxias.

Caxias está num plano elevado muito acima de seus colegas.



### Bento Gonçalves

Era um condutor de homens. Dominou a política de sua província como figura primacial. Teve erros. Sobraram-lhe, entretanto, atitudes elegantes e os gestos nobres. Tinha verdadeiramente o córte de um general. O último acto notável de sua vida tem uma grande beleza moral. Tendo deixado a Presidência da República e o comando do exército farroupilha, resignou-se a um pôsto secundário.

Há fatores preponderantes na execução de um plano de operações ou num combate. E' preciso estar informado sôbre o inimigo. E' necessário saber para onde êle marcha e o que pretendem as fôrças de que dispõe. Todos êsses esclarecimentos imprescindíveis nos dá o serviço de informações. Sem êle um exército marcha às escuras e póde ser surpreendido.

A esfera da ação dêsse serviço é atualmente vasta. Basta lembrar que a aviação é um elemento de reconhecimento e de informação.

As fôrças revolucionárias esclareciam-se por meio de bombeiros e piquetes que guardavam para os pontos de passagens obrigatórias.

As surprêsas eram muito comuns. Ninguém escapou delas.

Toda a fôrça que se lançava à cata do inimigo estava exposta a surpreendê-lo ou a ser surpreendida pela insignificância do serviço de segurança. Quem está mal informado, não está bem seguro.

Hoje em dia um exército só dá um passo para frente, tendo a sua segurança completamente assegurada.

Antigamente nas guerras intestinas dava em primeiro lugar o passo para depois ver o inimigo. Apresentavam-se situações imprevistas, já inevitáveis. Daí, desastres irreparáveis. O general comprometido por uma situação dessas, imperiosas, vendo desenhar-se diante de si uma derrota esmagadora, lança mãos do último recurso. Muitas vezes é infeliz, porque não havia mais remédio possível.

Assim Bento Gonçalves no Fanfa. Pouco antes dêle deu-se a defecção de Bento Manoel. Foi a principal surprêsa do general farroupilha.

Não podia saber êle ao certo os amigos com que contava, nem os adversários que devia enfrentar.

Surge-lhe quando menos espera pela frente Bento Manoel.

A bateria de Itapuã tinha caído um mês antes às mãos de Xavier da Cunha. Podia Bento Gonçalves ignorar êsse fato. E' logico que o ignorava. Se êle soubesse que Greenfell dominava o Guaíba e os rios que nêle desagüam não tentaria a passagem.

A presença da esquadrilha de Greenfell nesse combate era uma surprêsa. Bento Gonçalves devia ignorar que a fortificação da entrada de Guaíba tivesse caído.

Assoalha-se por aí que Bento Gonçalves era um general indeciso.

Quando Soares Andréa tentou colhê-lo dentro das malhas de uma manobra habilíssima que seria a derrota e o aprisionamento, Bento Gonçalves agiu com grande rapidez e decisão.

Apreendeu ràpidamente o perigo a que estava exposto.

Salvou-se porque fez um esfôrço sobrehumano.

Não houve vacilações em Taquarí. Houve uma espectativa.

Jorge Rodrigues tinha 7.000. Bento Gonçalves 6.000. A posição dos legalistas era melhor que a dos farroupilhas.

Bento Gonçalves esperou atento, diante do inimigo, três dias, preferindo ser atacado a atacá-lo. Ocupava o adversário posição onde não podia agir com eficiência a cavalaria revolucionária.

Na parte oficial do combate a Alencastre, publica em jornal farroupilha "O Povo", diz êle, Bento Gonçalves, que atacou quando reconheceu que o general Rodrigues passava o rio Jacuí para fugir ao combate.

O general Rodrigues também cantou vitória. Bento Gonçalves restabeleceu o assédio de Pôrto Alegre. O que prova realmente que não foram derrotados.

Não houve indecisão da parte de Bento Gonçalves no combate de Taquarí. O inimigo ocupava um terreno cortado de valados que impossibilitavam o ataque da cavalaria.

Na guerra o terreno tem grande preponderância. E' impossível fugir aos seus imperativos. Quando êle diz na sua nudez, no seu silêncio, "On ne passe pas", é necessário respeitá-lo.



## O general Antônio Neto

Antônio Neto tinha foros de general.

As melhores vitórias da revolução foram ganhas pelo general Neto.

O general Neto inflingiu aos imperialistas derrotas completas. Seival e Rio Pardo, Caçapava, Triunfo. Seival não compensou a derrota de Fanfa. Foi um reconfortante eficaz.

Homem de ação enérgica, rápida, não se abateu Antonio Neto, vendo aprisionado o grande chefe republicano. Lançou mão de uma surprêsa desconcertante e atrevida. Sem preparação alguma lançou-se numa aventura perigosa. Proclamara a república pouco antes. Não foram surpreendidos unicamente os imperialistas. Os próprios farroupilhas ficaram boquiabertos.

Nem Neto, nem Bento Gonçalves, nenhum dos chefes era republicano. Os republicanos eram moços alferes. Alencastre e Amaral foram perseguidos por Bento Gonçalves em 32 por causa da propaganda republicana que faziam.

A proclamação da república foi um acto de desespêro. A maioria da província aceitou-a. Os chefes suprêsos apoiaram-na a exceção de Bento Manoel.

Depois da eleição do presidente da República foi Antônio Neto nomeado comandante em chefe das fôrças republicanas.

O general Neto ataca Caçapava defendida pelo coronel Crisóstomo. Toma a cidade e apodera-se de 15 peças de artilharia, 4.000 armas de infantaria e grande quantidade de munição.

Continua o general Neto a sua marcha e a 11 de maio restabelece o sítio de Pôrto Alegre.

Obteve Neto outra vitória em Triunfo em 12 de agosto de 37, onde o coronel Gabriel Gomes foi completamente derrotado.

No combate do Rio Pardo, talvez a ação mais eficaz e brilhante dos republicanos, tem o general Neto uma vitória com-

pleta sôbre três generais aguerridos. Comandava em chefe o marechal Sebastião Barreto. Tinha o comando de infantaria o brigadeiro Xavier da Cunha e da cavalaria o general Calderon.

Foram êsses os combates principais em que os revolucionários ganharam grandes vitórias. Todas elas ao mando do general Neto.

Como general hábil Antonio Neto venceu no Seival, em Caçapava, no Triunfo e no Rio Pardo.

À frente de suas fôrças o general Neto não sofreu derrota em combate.

Só Caxias lhe deu um "cheque mate". Não conhecia ainda o general Neto o chefe que se lhe defrontou.

Teve conhecimento de que Caxias, à frente de um destacamento, ia passar São Gonçalo. Postou-se diante do Passo de Canudos e aí esperou Caxias.

O objetivo de Caxias era concentrar as suas fôrças em Rio Pardo. Passou pelo Passo da Barra do Norte de São Gonçalo, operação muito difícil que foi executada com a maior felicidade. Supunha o general farroupilha que Caxias escolhera uma das melhores passagens. Aí o esperou.

Caxias escolheu a mais difícil e conseguiu inteiramente o seu objetivo militar.

Pela primeira vez defrontava Caxias com um general revolucionário. Era o mais brilhante, o que só contava vitória no seu ativo de gloriosas façanhas.

O resultado não podia ser outro. Tinha Antonio Neto pela frente um notável estrategista.

Na ocasião foi um demérito para Antônio Neto. Os pósteros, mais aliviados de paixão política, reconheceriam que foi para Antônio Neto honra que só o vencesse o grande cabo de guerra.

### General Davi Canabarro

Não se poderia realizar a expedição à Santa Catarina sem um chefe em condições de Canabarro, um homem de vontade férrea, capaz de uma resistência inconcebível. A retirada, em



que sobressaiu o coronel Teixeira, foi mais um esbanjamento de bravura e espírito de sacrifício.

Foi uma operação militar que tinha um objetivo político: atraía Santa Catarina ao regime republicano. Sob o ponto de vista militar foi um êrro. Não se divide fôrças para combater sem uma necessidade inadiavel imposta pelas circunstâncias.

Não tinham os farroupilhas conseguido os seus objetivos militares no Rio Grande. Por que dispersar fôrças atrás de objetivos duvidosos?

Davi Canabarro dirigiu as operações com denodo inegualavel. Tentara o impossível. Foi derrotado.

Não se póde levar o desastre de Porongos a descrédito para Canabarro.

Foi uma consequência do cansaço, do esgotamento. Por grande que fôsse a coragem moral daquela gente, deviam experimentar êles uma necessidade imperiosa de paz. Os espíritos atribulados, durante dez anos, por grandes abalos morais, perdido o ideal patriótico, sentindo desenhar-se no horizonte novos perigos, pediam a pacificação.

A profunda dissidência que lavrava entre os republicanos, abalava todos os ânimos. A surprêsa de Porongos é ato de guerra comum e fruto do ambiente. Não será nunca um desprimor pessoal para Canabarro.

Querem atribuir a derrota aos amores de Canabarro. Canabarro era um forte, um caracter indomável. Dominava. Não era dominado.

Em boa lei não se póde e não se deve atribuir defecção, descuido: foi ela uma conseqüência lógica dos acontecimentos.

### Apreciação geral

Levaram os generais farroupilhas uma grande vantagem sôbre os imperialistas: o conhecimento da zona de operações.

Não era a unanimidade do estado que se levantava em armas. Era, entretanto, uma grande maioria.

Com o govêrno central agiam nomes respeitáveis e de grandes prestígios: Silva Tavares, Marques de Souza, Andrade

Neves, Francisco Pedro, Dias de Castro, Menna Barreto, Carneiro da Fontoura, Xavier da Cunha e muitos outros.

Todos os generais tivaram as suas falhas, quer políticas ou militares.

Caxias, não. Dominou de princípio a situação. Apreendeu o fenômeno político e interpretou a questão militar.

A sua ação foi precisa, fulminante. Poucos meses depois de iniciar o grande general as suas operações, podia-se considerar vencida a revolução.

Sempre em campo, cruzando o território pampeano em todas as direções, à cata do adversário, que o respeitava e o evitava, Caxias demonstrou sua grande capacidade.

Procurou fazer a grande guerra, quando o adversário se concentrou. Era êsse o aspecto tático que mais lhe era agradável. Não se atreveram os bravos generais farroupilhas a afrontar a coluna do notável general brasileiro.

Caxias tinha 39 anos. Estava em plena exuberância de sua capacidade intelectual.

Nem no inverno ficou Caxias inativo. Estava preparado para todas as circunstâncias. Foi o único general que continuou as operações durante a estação invernosa. Não descansou, agindo sempre donde estivesse o inimigo. Tinha os seus acampamentos na margem do Jaguarí. Pensaram os farroupilhas em arrebatar a cavalhada invernada do Rincão dos Touros. Levanta Caxias o acampamento e dá a Marques de Souza a missão de surpreender o govêrno rebelde em Piratiní.

Caxias marcha de Camaquã para Caçapava.

Acossados por Bento Manoel e Caxias os revolucionários emigram. Um refôrço de uruguaios comandados por Sotello é cercado e desarmado por ordem de Caxias.

Passado o inverno, Caxias cuida de dar nova organização à sua fôrça. Divide-a em três colunas: a primeira sob o seu comando; a segunda, a maior, sob o comando de Bento Manoel; e a terceira, sob o comando de um bravo guerreiro, Francisco Pedro, que se portou brilhantemente.

Donde se vê que Caxias agia sempre de acôrdo com a situação.



Concentraram-se os farroupilhas. Caxias marchou sôbre êles em uma coluna, sob o seu comando. Dividiram-se os farroupilhas. Organizou Caxias dois destacamentos. Subdividiram-se os revolucionários. Organizou Caxias três colunas.

Começou para os farroupilhas uma série de revezes que não mais terminava.

Derrotados em Cangussú, por Francisco Pedro, em Batoví por Demetrio Ribeiro e por Fernandes Lima, na Picada de São Martinho.

O domínio de Caxias na província e a ofensiva enérgica e eficiente por êle desenvolvida não dava descanso aos revolucionários. Procuravam êles a Linha Divisória do Uruguai, onde se ocultavam, quando rudemente acossados.

Ao finalizar o ano de 43 podia-se considerar a revolução vencida. Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, João Antonio jogavam o último e desesperado esfôrço.

O homem superior que os defrontava não descansava na sua pesada faina, nem os deixava descansar.

Ao iniciar-se o ano de 44, as operações foram empreendidas brilhantemente e o êxito delas fulminante. A República de Piratiní estava em franca agonia. O seu govêrno não tinha séde fixa.

Caxias dispunha de 12.000 homens. Agiam na campanha pouco mais de 6.000.

Vai brilhar Francisco Pedro no ano de 44, como guerrilheiro temível.

Caxias, superior ao embate das paixões que encandeciam o ambiente, reconheceu que aqueles homens iriam serenamente ao completo aniquilamento. Enquanto houvesse um hausto de vida, pelejariam. Era desnecessário para o ponto de vista nacional levar os grandes heróis de 35 a extremos perigosos.

A nobreza de Caxias evitou tal sacrifício. Por outro lado já se projetava sobre o Rio Grande a sombra de Rosas.

O tirano platino pensava na reconstituição do Vice-Reinado do Prata. Era um perigo a evitar.

Tudo concorria para que a paz se fisesse. O homem que di-

rigia e dominava os acontecimentos pairava num nivel moral de alevantado patriotismo.

Vencidos os adversários, não os esmagou pela adopção das exigências desairosas.

Ao contrário, fê-los voltar à comunhão brasileira de cabeça erguida, como irmãos, integrando-os definitivamente na nacionalidade, sem ódios, sem perseguições, sem vingança. Sereno na sua energia, grande na sua clemência, inegualável no seu patriotismo.

Muito acima de todos os homens que intervieram no decenato farroupilha, Caxias emerge da multidão, que o cercava, como uma grande personalidade. Como um predestinado. A sua atuação enérgica, equilibrada, serena, consciente, hábil, não se perturba nunca no desalinho de paixões.

Muito superior aos generais que o defrontavam, muito superior aos homens que dirigia; superior pela mentalidade, superior pelo coração, Caxias revelou-se um excepcional condutor de homens.

O Rio Grande ainda não pagou o bem que lhe deve. Só o fará quando houver uma estatua do grande duque em todos os recantos da terra pampeana.

Agindo o grande varão com energia, que não magoava o adversário, não pretendia fazer-lhe dolorosa a derrota.

Foi magnânimo com o vencido e por isso foi real a pacificação do Estado.

Os vencidos ficaram com a cabeça erguida. Não conheceram humilhação no seu infortúnio. Caxias, senhor absoluto para resolver a questão, não lhes fez sentir o travo amargo de adversidade.

Chamou-os à comunhão nacional, dando-lhes compensações morais.

Compreendeu que aqueles homens de boa têmpera não queriam reintegrar-se na nacionalidade de cabeça baixa, como condenados.

Caxias respeitou os heróis rio-grandenses.

Aqueles homens ricos, dinheirosos, que tinham jogado vida e fortuna na contenda, sairam dela com as mãos abanando, sem mais nada de seu, mas com a cabeça erguida e a espada na cintura.



Os heróis de 35 reconheceram a dívida e provaram a gratidão, elevando Caxias ao senado do Império.

Os homens de hoje, preocupados com a política malsã, desorientada e impatriótica, querem negar a dívida sagrada.

Não o conseguirão. Não poderão nunca diminuir a personalidade máscula do grande general.

Graças a Caxias deixamos de ser republiqueta sem personalidade internacional, se tivessemos escapado das garras aduncas de Rosas.

Durante dois anos e meio correu Caxias, a cavalo, o Rio Grande em todas as direções, sem poupar esforços. Dois anos e meio de privações, de sacrifícios são alguma coisa para a vida de um homem.

Caxias deu tudo ao Rio Grande. Colheu tudo. Deixou um trabalho acabado.

Disseram Oliveira Lima e Alberto Farias que foram três as personalidades maiores do 2.º reinado: Pedro II, Caxias e Mauá!

Na minha insignificância reconheço e proclamo que Caxias, a espada gloriosa do 2.º Império, figurou com honra e glória ao lado do nosso grande Imperador Pedro II, o magnânimo, e do genial industrial que foi Mauá.

Honremos a sua memória. Glorifiquemos a sua memória.

# *O naufrágio de Martim Afonso de Souza*

*SOUZA DOCA*
MAGISTER DIXIT

## I

Um dos maiores defeitos de grande parte de nossos historiadores é o despreso pelos arquivos e o amor pelo que existe em letra de fôrma, esquecendo, assim, ou não compreendendo que, quanto à evolução de nossa história, ainda estamos no período heurístico.

Poucos são os imitadores de Varnhagen e de Capistrano, na caça, na divulgação e no estudo dos documentos, sendo, entretanto, muitos os copistas, os aproveitadores das obras dêsses dois mestres de nossa história.

Um êrro de Varnhagen, cometido há 92 anos, tem foros de cidade em nossa história pela fôrça com que tem sido repetido por historiadores de todos os quilates.

Essa repetição evidencia ausência de investigação ou está a denunciar que os que a praticam se orientam pela forma dogmática dos escolásticos da Idade Média e, assim, fazendo de Varnhagen o seu Aristoteles, repetem-no ou copiam-no, confiantes.

O êrro a que aludimos é sôbre o local em que naufragou Martim Affonso de Souza, em 1531, em sua viagem ao Rio da Prata.

## ONDE OCORREU O NAUFRÁGIO

E' suficiente uma simples leitura do "Diário de Navegação" de Pero Lopes de Souza, divulgado, pela primeira vez em 1839, pelo próprio Varnhagen, para que se verifique que o naufrágio não foi no Chuí e sim nas águas que que ficam entre a "punta del Este de Maldonado", antigo Cabo de Santa Maria e a foz do rio dos Begoaes, atual Solis Grande.

O Chuí está aos 33° 46'10" de latitude sul e aquela ponta aos 35°.

O naufrágio deve ter ocorrido a 26 de outubro.

Conhecidos êsses elementos acompanhemos a derrota, pelo "Diário" citado, a partir de 12 de outubro.

Nesta data consigna Pero Lopes: "ao meio dia tomei o sol em 34 graus, e com vento norte ia correndo a costa ao sudoeste".

Atente o leitor para a direção indicada, que é capital para o esclarecimento do assunto em referência.

Continua o "Diário" "ao pôr do sol fomos surgir entre três ilhas de pedras, onde matamos muitos lobos marinhos".

Atingira, assim, a Castilhos, na costa, ao sul da foz do Chuí.

A 13 navegou a esquadra dia e noite sob a ação de uma tempestade.

A 14, consigna o "Diário" —. "Sábado no quarto d'alva acalmou o vento e fui a terra firme por nos fazerem muitos fumos. Achamos duas onças mui grandes e nos tornamos para as náus sem vermos gente. E ao meio dia, se fez vento nordeste e com êle nos fizemos à vela. Estas ilhas, a que puz o nome das Onças tomei o sol em 34 graus e meio; e em dobrando a sudoeste, se corre a costa a ponta, que me demorava ao sul loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de 34 graus e 3 quartos".



E' importante observar-se atentamente as direções indicadas no "Diário".

As ilhas que Pero Lopes denominou das Onças são as que figuram no mapa de Diego Ribeiro, de 1529, com a denominação de "Ilhas de Rodrigo Alvarez" nome do piloto de Gaboto.

Tendo, porém, mais tarde sido verificado que essas ilhas haviam sido descobertas por Francisco Torres, imediato da expedição de Solis, em 1516, passaram a ter a denominação atual — Torres — em homenagem a êsse navegador, que regressou a Espanha, com o resto da expedição, depois da morte de seu chefe, cujo nome deu ao Rio da Prata.

O Cabo de Santa Maria mencionado no "Diário" não é, evidentemente, o atual e sim o antigo, que Pero Lopes localiza aos 34° 45'.

E' o mesmo cabo que no Roteiro da Viagem de Fernam de Magalhães figura aos 34° 40' e ao qual êsse navegador se refere como sendo "en la misma tierra del Brasil, de Portugal en treinta e cinco grados de latitud".

Aos 35° já havia consignado João Lisbôa, em 1514, em seu "Livro de Marinharia". Nessa mesma latitude se acha mencionado no "Regimento do astrolábio", que se supõe impresso entre os anos 1518 e 1520 e em diversos mapas quinhentistas que consultamos, entre êles os dos seguintes autores: Fernão Vaz Dourado, 1580; Joam Martines, 1582; Rumoldus Mercator, 1595; Arnold Florentin van Langeren, 1596.

Nos seiscentistas verifica-se o mesmo, entre outros estes: Jodocus Hondius, 1606; Le Pére M. Coronelli, 1688; Clemendt Jonghe, 1640; João Teixeira, 1642; Primeiro mapa do Paraguai, construido pelos jesuitas, em 1646.

Muitos são os mapas geográficos setecentistas em que o referido cabo está mencionado aos 35°. Vamos citar os mais conhecidos: o de Guillaume de L'Isle, le 1700; o de D'Anville, de 1733; o chamado das Cortes, de 1749; o de Janvier, de 1762; o de Bourgoin, de 1774.

Em outros, entretanto, dêsse mesmo século, já se encontra o referido cabo deslocado para o norte na ponta

"Rocha" e em seu lugar, aos 35°, Maldonado, com a denominação de ilha no segundo mapa dos jesuitas, de 1792 e no de Omedilla, de 1775 e com a de cabo no de Francisco Millan y Maraval, de 1768.

No decorrer do século XIX são acordes quasi todos os autores de cartas geográficas da América em localizarem o Cabo de Santa Maria em "punta Rocha", deslocado, assim, modernamente, de "punta del Este de Maldonado".

Julgamos conveniente esta digressão sôbre a localização do cabo em referência, por ser isso mui importante para se conhecer o local do naufrágio.

A 15 de outubro, continua Pero Lopes, "ao sol posto fomos ao cabo de Santa Maria e surgimos em fundo de 8 braças da banda de aloeste do dito cabo.

"Segunda feira pela manhã (16) mandou o capitão I (Martim Affonso de Souza) ao piloto mór que fosse ver uma ilha, que estava pegada com o dito cabo, se entre ela e a terra havia bom sugidouro".

Trata-se, evidentemente, da ilha dos Lobos...

Aí permaneceram até 20. A 21, "com vento e o mar mui grande, a nau capitânea se fez à vela" e Pero Lopes a perdeu de vista.

A 22, à noite, teve notícia dessa nau, não tendo sido, entretanto, verificado "se estava em sêco, se sôbre âncora".

Diversas foram as providências de Pero Lopes para ter conhecimento perfeito do destino e da sorte daquela embarcação.

Sòmente a 2 de novembro teve notícias exatas: "sexta-feira 2 dias de novembro veiu a gente, que tinha mandado em busca de Martim Affonso e me disseram como a nau capitânea tinha dado à costa, por falta de amarras; e que Martim Affonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; sòmente morreram 7 pessoas; 6 afogados e 1 morreu de pasmo".

A 6 Pero Lopes surgiu em frente à capitânea naufragada e depois, com Martim Affonso se transportou para "uma ilha que estava daí a 4 léguas a loeste".



Era a ilha das Palmas, mais tarde chamada Gorrite, em homenagem ao comandante Francisco Gorrite, chefe militar da praça de Montevidéu, na primeira metade do século XVIII, e, atualmente, conhecida por Maldonado.

Aí foi resolvido que Martim Affonso de Souza não continuasse a viagem, em vista da falta de víveres e do estado das embarcações. O capitão mór determinou então que Pero Lopes fosse plantar marcos pela costa acima.

Em cumprimento dessa missão o autor do "Diário" partiu, com 30 homens, em um bergantim, a 23 de novembro, "do Rio dos Begoaes que jaz a loeste do cabo de Santa Maria, 11 léguas".

Alí, na ilha das Palmas, permaneceu Martim Affonso até o regresso do irmão, a 27 de dezembro.

A 1 de janeiro de 1525 partiram todos para o norte e foram ao pôrto de São Vicente.

Do resumo feito do "Diário" de Pero Lopes, se vê, de modo claro, inconfundível, que o naufrágio foi no ponto acima referido, isto é: nas águas que banham a costa uruguaia, entre "punta del Este de Maldonado" e a foz do Solis Grande, antigo Rio dos Begoaes.

## A FONTE DO ÊRRO

E' curioso que houvesse sido Varnhagen, o divulgador do "Diário" de Pero Lopes, que primeiramente cometeu o êrro de mencionar o naufrágio como ocorrido no Chuí.

Disse o mestre, benemerito e erudito, anotando, em 1851, o "Tratado Discritivo do Brasil", de Gabriel Soares de Souza: "Chama-se aquí Rio de Martim Affonso ao Mampituba, mas entenda-se que não foi neste rio, mas no pequeno Chuim que aquele capitão naufragou, o que se deduz da leitura atenta do Diário de Pero Lopes". (1)

---

(1) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 14.°, segunda edição, 342.

Bastou essa declaração para que nossos historiadores, com raras excepções, e os autores de compêndios históricos se julgassem desobrigados de investigar o caso e o aceitassem tal qual o mestre o consignava, com desprezo da fonte primitiva.

E, assim, nesse servilismo inteletual, nesse desprezo pelas investigações, no comodismo da história feita, se tem repetido êsse êrro e muitos outros sôbre nosso passado, especialmente ao tratarem de nossas relações com os povos vizinhos, o que é mais grave e mais prejudicial.

## a) FOI NO CHUÍ

## II

Por nos parecer curioso, no caso em aprêço, e ilustrativo do que acabamos de afirmar vamos transcrever em seguida, a constância do êrro em nossas histórias e as variantes com que o consignam os diversos escritores que sôbre o assunto compulsamos.

Varnhagen repete êsse êrro, em 1854, em sua "História Geral do Brasil", nestes termos: "Com o pensamento sempre na colonização do Rio da Prata (que os portugueses antes já haviam também chamado de Santa Maria) seguiu Martim Affonso de Souza para o sul e dalí há dias, experimentou tão grande temporal que a nau capitânea deu à costa, junto ao riacho do Chuí, na atual fronteira meridional do Brasil; do que resultou perecerem 7 pessoas". (2)

(2) Páginas 52 e 53. Este êrro permanece, sem ser corrigido, na quarta edição.



Henrique Handelmann, em 1859, resumindo o que dissera Varnhagen, escreveu isto: "A 26 de setembro de 1531, a expedição portuguesa novamente levantou ferros, afim de sair da baía de Cananea e dirigiu-se ao ponto de seu destino — o Rio da Prata; em caminho, porém, na altura da atual fronteira entre o Brasil e o Uruguai, foi surpreendida por violenta tempestade; perdeu-se um bergantim completamente, o navio almirante deu à costa, duas outras naus ficaram sèriamente avariadas". (3)

Joaquim Manoel de Macedo escreveu em 1861: "Largando sua esquadra de Cananea adeantava-se Martim Affonso de Souza para o Rio da Prata, quando sobreveio uma tempestade que fez dar à costa a nau capitânea, junto ao riacho de Chuí, morrendo 7 pessoas neste desastre". (4)

Candido Mendes de Almeida disse, em 1868. "Martim Affonso de Souza, quando veio com a sua armada em 1531, naufragando na barra do Chuí e lançando os marcos de Portugal em Castilhos Grandes, não só não solicitou esta terra para si, como nem logo nela não se estabeleceu, com a gente que trazia para colonizar". (5)

Estacio de Sá e Menezes assim narra, em 1870, o naufragio: "Levantando ferros do pôrto da Cananea encaminhou-se a esquadra para o sul; mas quando se achava na altura do cabo de Santa Maria foi assaltada por tamanho temporal que a própria capitânea naufragou junto ao riacho de Chuí". (6)

Estaria certa esta narrativa se não existisse a explicação final precisando o local do naufrágio.

Carlos Eugenio Fontana assim se manifestou, em 1874, sôbre o assunto em referência: "Martim Affonso de Souza demorou-se em Cananea 44 dias, durante os quais espêsso nevoeiro o impedia de ver o sol. A 23 de setembro seguiu

(3) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 162.°, págs. 55 e 56.

(4) História do Brasil, 51 e 52.

(5) Atlas do Império do Brasil, 24.

(6) História do Brasil, 56 e 57.

com rumo ao sul e motivado por fortes ventanias de S. E., naufragou a 26 de outubro, a quem da entrada do Rio da Prata, em praias arentas, junto à foz do arroio Chuí".

Narra, em seguida a resolução tomada, em conselho, após o naufrágio, de não continuar Martim Affonso para diante e diz que a frota regressou para o norte, "ficando para reconhecimento das margens do Chuí, uma caravela com 30 homens, comandada por Pedro Lopes, que ficava incumbido de assentar padrões e tomar posse em nome da coroa portuguesa.

"Pero Lopes" — continua o mesmo autor — "explorou o arroio Chuí e foi o primeiro europeu que pisou o território da hoje província de S. Pedro do Rio Grande do Sul". (7)

Há confusão aqui com as explorações de Pero Lopes pelos rios Paraná, Uruguai e Negro.

O Chuí não é navegável e tão pequeno é seu volume d'agua que nas estiagens dá passo em diversos pontos de seu curso, ficando algumas vezes suas águas cortadas na proximidades da foz, pelas areias do mar e a barra só se reabre com a primeira chuva, não raro em ponto diferente, não tendo assim embocadura fixa.

Em 1907 o então capitão Arthur O. de Almeida, a serviço da Carta Geral do Brasil, o encontrou sem barra e dias depois verificou que estava desaguando no oceano a 1.600 metros ao norte do Marco n.° 1, que assinala o início de nossa divisa com a República Oriental do Uruguai.

Luiz de Queiroz Mattoso Maia, em 1880, assim narra o naufrágio: "Depois de 44 dias de demora em Cananea continuou Martim Affonso sempre para o sul; dobrando o cabo de Santa Martha, principiou a esquadra a sofrer um prolongado pampeiro; além de muitos outros estragos, um dos bergantins foi naufragar perto da ilha de Santa Catarina e o navio almirante naufragou na foz do arroio Chuí, salvando-se com dificuldade o capitão-mór e quasi toda a tripulação, perdendo-se apenas 7 pessoas e a maior parte das provisões". (8)

(7) Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande, "in" Revista do Partenon Literário, de junho de 1874, ano III, página 790.



João v. Franckenberg, em 1883, não menciona o naufrágio, diz, entretanto, que Martim Affonso de Souza "parou na foz do Chuí, mas preferindo o clima de Cananea voltou para lá e fundou a primeira colônia de S. Vicente". (9)

Sylvio Romero, em 1895, incide no êrro do autor supra, dizendo que Martim Affonso de Souza percorreu a costa do Brasil "até ao Chuí". (10)

Alfredo Ferreira Rodrigues, também em 1895, depois de mencionar a ausência de visitantes na costa rio-grandense, nos primeiros anos da descoberta do Brasil, disse: "Apenas Martim Affonso de Souza esteve na barra do arroio Chuí, onde naufragou". (11)

O padre Raphael Galanti assim narra, em 1896, o naufrágio: "Navegando afinal para o sul, sofreram na altura do arroio Chuí, hoje fronteira meridional do Brasil, uma tormenta, que, arrojando a capitânea à costa, causou a perda dessa mesma nau". (12)

Alfredo Varella, em 1897, referindo-se à costa rio-grandense escreveu isto: "São incontáveis os barcos que há devorado, e dos primeiros que ousaram avizinhar-se-lhe, comandados por Martim Affonso de Souza, naufragou um, no Chuí, como se vê o diário de navegação daquele almirante". (13)

São curiosas estas afirmativas — o historiador não viu o diário que cita, visto que ignorava até seu autor e por isso o atribue a Martim Affonso.

(8) Lições de História do Brasil, 31.
(9) História do Brasil, 6.
(10) História do Brasil, 41
(11) O presídio do Rio Grande "in" Almanack do Rio Grande do Sul para 1895, pagina 228.
(12) Compêndio de História do Brasil, I, 79.
(13) Rio Grande do Sul, 254.

Assevera, entretanto, que o naufrágio foi no Chuí, "como se vê do diário", que supomos não tenha lido e se o leu, estou nessas afirmativas as primeiras manifestações de sua confusão mental, acentuada mais tarde em seu estilo e em seu método expositivo, que tanto prejudicam a leitura de seus estudos.

Anibal Mascarenhas, em 1898, escreveu: "Levantando o ferro em seguida continuou a demandar o sul, pois o plano de Martim Affonso era estabelecer a séde colonial do Brasil na foz do Rio da Prata, o pampeiro dos mares meridionais, porém, combateu por tal forma a sua frota que a capitânea e um bergantim deram à costa na foz do arroio Chuí, ribeiro êsse que hoje nos separa da República Oriental". (14)

José E. C. de Sá e Benevides, em 1899, copiou integralmente, sem alteração de uma virgula, na parte referente ao naufrágio, o que dissera Mattoso Maia, em 1880 (15)

O conselheiro Manoel da Silva Mafra escreveu em 1899, sôbre o ponto em estudo: "Sendo o principal intuíto da expedição de Martim Affonso a colonização do Rio da Prata, para alí seguiu a armada, depois de uma demora de 44 dias em Cananéa. Em 26 de setembro (outubro, aliás) porém, em conseqüência de grande temporal, a nau capitânea naufragou no Chuí, atual fronteira meridional do Brasil". (16)

E' claramente, a repetição do que dissera Varnhagen, em 1854.

Damasceno Vieira escreveu em 1903: "Depois de passar pelo Pôrto dos Patos (ilha de Santa Catarina) e cabo de Santa Marta, sofreu a expedição fortíssimos temporais; a nau capitânea foi naufragar a cêrca de 34º de latitude sul, diante da foz do rio Chuí, que serve de limite entre o

(14) Curso de História do Brasil, 216, 217.

(15) Lições de História do Brasil, 36.

(16) Exposição Histórico-Jurídica por parte do Estado de Santa Catarina sôbre a questão de limites com o Estado do Paraná, 10 e 11.



Estado do Rio Grande do Sul e o Estado Oriental do Uruguai". (17)

Clovis Bevilaqua, em 1914, incide no êrro de Franckenberg, repetido por Sylvio Romero, nestes termos: "Explorando a orla marítima e assinalando a posse do país chegou a frota de Martim Affonso, até o ponto onde desagúa o Chuí, proseguindo na viagem apenas o bergantim de Pero Lopes". (18)

Osorio Duque Estrada, em 1918, repete êsse êrro, dizendo: "Do Rio velejou Martim Affonso para o Sul, e chegou até o arroio Chuí".

Agrava, em seguida, êsse êrro, com esta tirada: "De Cananéa partiu Pero Lopes a explorar o Rio da Prata, voltando para o Norte e desembarcando em S. Vicente". (19)

O padre Carlos Teschauer, em 1918, afirmou: "Da expedição de Martim Affonso de Souza, em 1531, só resumbra a altura do Chuí, marcada pelo naufrágio da capitânea e um bergantim do explorador português". (20)

O. de Souza Reis, em 1919, assim se manifesta: "Daí (de Cananéa) navegou ainda mais para o sul e à altura do arroio Chuí sofreu grande tormenta, em que perdeu seu próprio navio". (21)

Pedro do Couto, como o precedente, professor do Colégio Pedro II, escreveu em 1920: "Navegava êle mais para o sul, quando junto do rio Chuí, sobreveiu uma tempestade, obrigando-o a mudar de rumo, incumbindo Pero Lopes de ir tomar posse do Rio da Prata, ao tempo em que êle (Martim Affonso) se estabelecia em São Vicente". (22)

(17) Memórias Históricas Brasileiras, 145.

(18) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo II, especial, consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional, páginas 1, 16.

(19) História do Brasil, 30.

(20) História do Rio Grande do Sul, Introdução, XXV.

(21) Noções de História do Brasil, segunda edição, 33.

(22) Pontos de História do Brasil, segunda edição, 26.

Aquí, além de se elevar o arroio Chuí à categoria de rio, comete-se o êrro de figurar Martim Affonso fundando São Vicente "ao tempo" em que Pero Lopes explorava os rios Paraná, Uruguai e Negro.

E' sabido que nesse período o futuro fundador de S. Vicente permaneceu na ilha das Palmas, no Rio da Prata.

Jonathas Serrano, em 1922, referindo-se à cobiça dos tesouros que era crença existirem no Rio da Prata e depois de mencionar o nome de Gaboto, disse: "Martim Affonso não podia ficar aquem do nauta italiano. Um violento temporal na altura do Chuí e a perda da nau capitânea, arrefeceram-lhe, entretanto, o entusiasmo. Enviou o irmão, Pero Lopes, ao Prata, também sem êxito de marca, e regressou a S. Vicente". (23)

Incide, assim, no êrro dos que supõem que Martim Affonso só foi até o Chuí, e nesse êrro persiste em 1931: "Depois de mês e meio de permanência em Cananéa, desceu Martim Affonso até à foz do Chuí. Forte pampeiro, porém, perseguia a esquadrilha, obrigando o capitão a desistir da viagem ao Prata. Continuou apenas Pero Lopes, num bergantim, a tomar posse do rio, cujas águas, segundo a lenda, eram de prata fluída". (24)

Jordão de Freitas, em 1924, reassumindo a derrota de Martim Affonso, disse que a 15 atingira ao Cabo de Santa Maria, o que está certo, mas cometeu, a seguir, imperdoável êrro, dizendo: "Naufrágio da nau capitânea, na costa, junto ao riacho Chuí, próximo da ilha das Palmas, a 22 ou 23". (25)

A distância astronômica entre o Chuí e a ilha das Palmas é de 1° 14' aproximadamente, e de 120 milhas de navegação, segundo assevera o comandante Eugenio de Castro.

(23) História Geral "in" Dicionário Geográfico e Etnográfico do Brasil, I, 769.

(24) História do Brasil, 68.

(25) A expedição de Martim Affonso de Souza "in" História da Colonização Portuguesa no Brasil, III, 135.



## b) FOI NO RIO DA PRATA

### III

O local do naufrágio não foi sempre mencionado erradamente.

O padre Simão de Vasconcellos, ha 371 anos, o consignou como sendo ocorrido no Rio da Prata, nestes termos: "A povoar a sua (capitania) partiu Martim Affonso com uma armada, feita a própria custa, com que andou sondando, e demarcando todos os portos, rios e enseadas, que correm até o famoso Rio da Prata (em cujos baixios deixou perdida uma nau) saindo em terra, pondo nomes, metendo marcos e tomando posse por el rei de Portugal". (26)

Frei Gaspar da Madre de Deus, em 1797, também acertou, citando o autor supra, fazendo, porém, narrativa mais clara e precisando melhor o local: "Junto à barra do Rio da Prata, na ilha de Maldonado, assentou outro marco com as Quinas de Portugal; e subindo por êle acima, perdeu nos baixios um de seus navios". (27)

Mello Moraes, em 1866, citando Simão de Vasconcellos, mas se utilizando, evidentemente, do resumo de frei Gaspar, menciona o naufrágio nestes termos: "Na ilha de Maldonado, junto à foz do Rio da Prata, levantou um marco com as Quinas de Portugal, e subiu por êle acima, perdendo nos baixios um de seus navios". (28)

Henrique Luiz de Niemeyer que em 1834 dera uma notícia confusa da expedição de Martim Affonso de Souza, (29) mais tarde, em 1855, certamente depois de estudar o "Diário" de Pero Lopes, disse com clareza: "Seguindo mais para o sul, perdeu um de seus navios e naufragou no Rio

(26) Crônica da Companhia de Jesús do Estado do Brasil, § 63.

(27) Memórias para a História da Capitania de S. Vicente, terceira edição, 136.

(28) Crorográfia Histórica, Cronológica, Genealógica, Nobiliária e Política do Império do Brasil, 203, 204.

(29) Resumo da História do Brasil, 51, 52.

da Prata e depois salvando-se, se recolheu à ilha das Palmas, enquanto seu irmão Pero Lopes de Souza continuou nas investigações dêste rio". (30)

Antonio Alvares Pereira Coruja, também em 1855, tratou do assunto com clareza e precisão, como ninguém até então tratára: "Seguindo Martim Affonso para o Sul, sofreu um naufrágio na entrada do Rio da Prata, em fins do mês de outubro; mandou seu irmão Pero Lopes explorar o rio em um bergantim com 30 homens, o qual depois de ter explorado muitos confluentes até o esteiro dos "Carandins", voltou à ilha das Palmas, onde o esperava seu irmão". (31)

Estas lições, certas, foram preteridas pelas erradas e, durante mais de meio século, foi ensinado que o naufrágio ocorrera no Chuí.

Escrevia-se, assim, com desprêzo da fonte principal — o "Diário" de Pero Lopes — até que em 1922 o espírito investigador e bem orientado de Rodolpho Garcia, recorrendo, sem dúvida, àquela fonte, mencionou o naufrágio nestes termos: "Em demanda do Rio da Prata, a armada navegou para o sul, completando a exploração da costa. Ao defrontar o grande estuário, em frente mesmo dêsse cabo de Santa Maria, que Vespucio fôra talvez o primeiro a visitar em 1502, foi a armada colhida de golpe por formidável pampeiro, que fez perder-se completamente a nau capitânea". (32)

O comandante Eugenio de Castro, anotando, em 1927, o "Diário de Navegação de Pero Lopes de Souza", exgotou o assunto, com sua clara inteligência e seus notáveis conhecimentos técnicos, precisando com minúcia, o local do naufrágio: "ao oeste da atual punta del Este de Maldonado, em local que não demoraria senão poucas milhas ao leste do atual rio Solis Grande". (33)

(30) Idem, nova edição, 62.

(31) Lições de História do Brasil, 19.

(32) História das Explorações Científicas "In" Dicionário Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil, I, 860.

(33) Páginas 266, 267.



## CONFUSOS

Ao lado dos autores que mencionam o naufrágio no Chuí, errados, ou no Rio da Prata, certos, há os que referem o sinistro, confusamente.

Foram os trabalhos de Varnhagem que originaram as confusões.

No estudo biográfico de Martim Affonso de Souza, disse o mestre em 1843: "Depois de 44 dias de demora continuou ao Sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria sofreu a armada tal tormenta que desarvorando e desgarrando as embarcações, foi naufragar um bergantim perto da ilha de Santa Catarina, e o capitão mór deu à costa com sua capitânea na entrada do Rio da Prata.

Depois de reparado se embarcou, sendo talvez nessa ocasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome e foi esperar na pequena ilha das Palmas, ao Norte do cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão". (34)

Varnhagen confunde aqui o temporal que a esquadra sofreu na altura do Pôrto dos Patos, em 28 de setembro, com o de que foi vítima a 26 de outubro, no Rio da Prata e, além disso, se refere a distâncias de cêrca de 500 milhas como se se tratasse de lugares próximos entre si.

José Pedro Xavier Pinheiro, assim se refere, em 1864, à expedição em aprêço, orientado ou melhor dito desorientado por essa narrativa de Varnhagen: "Fez-se novamente à vela, entrou no pôrto de Cananéa, e tendo ido à ilha de Santa Catarina onde esteve em risco de se perder, ordenou a seu irmão Pero Lopes de Souza que se passasse avante para ver a costa até a fóz do Rio da Prata". (35)

Muito confusa e cheia de êrros é a narrativa de João Ribeiro: "A exploração ordenada a Martim Affonso de Sou-

(34) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 5.º página 234.

(35) Epitome da História do Brasil, 50.

za e a seu irmão Pero Lopes (1530) foi a mais precisa nos resultados: tocou sucessivamente no cabo de S. Agóstinho, em Pernambuco, Todos os Santos, Rio de Janeiro, Cananéa; Pero Lopes, só foi até à ilha das Palmas (Rio da Prata); em todos êsses lugares demorou-se algum tempo, e de volta, fundou S. Vicente e penetrou no interior até S. André da Borda do Campo (S. Paulo); aí recebeu Martim Affonso de Souza o título de donatário de S. Vicente.

"E' provável que Pero Lopes se adiantasse até o Rio da Prata, enquanto Martim Affonso de Souza restava em S. Vicente". (36)

## CONCLUSÕES FANTASISTAS

Os historiadores imbuídos de certas doutrinas filosóficas ou dominados por imaginações poéticas, tiram do pseudo local do naufrágio conclusões fantasistas.

O padre Carlos Teschauer, em 1909, preso às teorias do providencialismo, assim se refere ao caso em aprêço: "Igualmente infeliz foi a expedição de Martim Affonso de Souza, em 1531, que experimentou na altura do Chuí tão forte temporal que perdeu a capitânea e um bergantim com alguma gente.

"Parece que a providência havia decretado não passasse o domínio português além do Chuí, assinalando-o com o naufrágio de Martim Affonso". (37)

Si êsse naufrágio tivesse sido uma balisa, um marco divisório, decretado pela providência, separando o domínio de duas nações aquí na América, a nossa divisa seria pelo Rio da Prata.

A professora Stella Dantas de Gusmão ensina que o limite sul do Rio Grande é pelo Chuí, "por se ter perdido,

(36) História do Brasil, Curso Superior, segunda edição de 1901, página 36.

(37) Vida e Obras do Venerável Roque Gonzalez de Santa Cruz, página 10.



em sua fóz, um dos navios da esquadra de M. Affonso de Souza, em fins de 1531". (38)

E' o que também afirma Carlos Malheiro Dias, em 1924: "Mas os pampeiros atiraram à costa, junto ao riacho do Chuí, na plagas sul-riograndenses, a nau capitânea e o naufrágio do primeiro povoador ficou marcando a balisa do extremo sul do domínio português. (39)

Clemenciano Barnasque, em recente discurso, saudando o Estado de S. Paulo, em Pôrto Alegre, disse: "S. Paulo, bemdita terra roxa, selva verde da montanha, ensinando esperança à minha planicie natal onde vivem irmanados os descendentes dos dois irmãos Martim e Pero Affonso de Souza — um desembarcando em S. Vicente, outro naufragando na fóz do Chuí, aquele fundando a primeira comuna no Brasil, êste atirando na terra americana o primeiro boi e o primeiro cavalo".

E' mais um colaborador na confusão existente, com as seguintes novidades:

a) — Alteração de nome do irmão do chefe da expedição.

Até aquí nenhuma dúvida havia sôbre isso. Todos os historiadores o mencionam como Pero Lopes de Souza e êste mesmo nunca supôs que tivesse outro nome.

b) — Não ter sido Martim e sim Pero quem naufragou no Chuí.

E' outra novidade que o próprio Pero Lopes ignorava, porque menciona em seu "Diário" ter sido seu irmão quem naufragou, não no Chuí e, sim, no Rio da Prata — convem sempre mencionar o local verdadeiro do sinistro.

c) — Terem sido atirados à terra americana, por Pero Lopes, o primeiro boi e o primeiro cavalo.

Até aquí, segundo alguns historiadores, sabia-se que

(38) História do Rio Grande do Sul, 8.

(39) Introdução à História da Colonização Portuguesa no Brasil, III, 33.°

fôra Solis, em 1516, quem lançára em ambas as margens do Prata, os primeiros animais vacuns e cavalares.

Outros afirmam que o gado trazido de Espanha, na esquadra do adelantado Pedro de Mendonza, em 1535, é a origem dos rebanhos argentinos, que é a fonte dos uruguaios.

Quanto às primeiras rezes introduzidas no Brasil, sabia-se não terem sido em 1531, por Pero Lopes, e, sim, as que, em 1534, enviára para S. Vicente, Anna Pimentel, espôsa e procuradora de Martim Affonso de Souza, então em serviço na Índia.

d) — Serem os descendentes de Martim Affonso e Pero Lopes que constituem os vínculos que unem os riograndenses aos paulistas.

Nenhuma notícia tínhamos da existência dêsses descendentes aquí no Brasil e sabia-se que aqueles vínculos haviam sido estabelecidos pelo entrelaçamento de portugueses, especialmente açorianos, com paulistas, constituindo assim algumas das primeiras e principais famílias riograndenses e cooperando grandemente para nossa formação social.

Com essa gente, magnífica aconteceu, no território riograndense, o que acontecêra com o pêcego da estrofe LVIII do Canto IX dos Lusíadas:

"O pomo, que da pátria persa veio,
Melhor tornado no terreno alheio".

## RUMO AOS ARQUIVOS

Tudo que ficou exposto, com o fim de chamar a atenção dos estudiosos para o método perigoso e prejudicial com que, pela maioria de nossos escritores, é tratado o nosso passado, evidencia que precisamos mudar de direção, rumando para os arquivos, onde ainda jazem desconhecidos elementos essenciais, básicos, para o ensino e conhecimento de nossa história. A esta, o maior serviço que se pode



prestar, neste momento, é a divulgação dêsse material precioso e indispensável.

Essa divulgação é mais um dever dos poderes públicos do que dos historiadores.

Assim entenderam e fizeram a França, a Itália, a Inglaterra, a Alemanha e outros países cultos e estão fazendo a Argentina e o Uruguai.

# *A graça e o lirismo heroico dos Farrapos*

**Conferência do Dr. Fernando Osorio, realizada em Pôrto Alegre, na Biblioteca Pública e promovida pela "Fundação Eduardo Guimaraens".**

"E' alto, para mim, o prêmio do vosso afago de artistas, de cultura educadora, em horas de pensamento útil, nesta Acrópole de Pôrto Alegre, nesta graça que, infinitamente, me penhora e exalta, acolhendo-me no bosque sagrado como os reflexos recíprocos do clarão de expoentes, que sóis do Rio Grande Mental. Tratais da literatura para a coesão e a conciência dos riograndenses dessa literatura que é "a conciência da humanidade", o pensamento, nas formas, nas côres, nas harmonias da vida. E, perpassando-me pela memória do coração a saudade de Eduardo Guimaraens, — sinto-me bem neste enternecimento, na minha vida vazia de ambições comuns, — descontados os excessivos e benévolos louvores com que o vosso grande intérprete e meu grande amigo, insigne cantor do Rio Grande. Alcides Maia, aumentou em formosas palavras, a dívida da minha gratidão, — sinto-me bem, pensando e vibrando entre vós, porque não faço literatura ociosa e vã, nem história como a fariam com a cabeça voltada para trás os obstinados filhos da mulher de Loth.

E' em função do futuro, evidentemente, que tudo tem para o homem sentido ao serviço da esperança, sem que as gerações deixem de ser, na imagem de Bergson, como golpes de timbalos que estalam à distância no curso da sinfonia, sendo, como assentava Renan, os verdadeiros homens do progresso os que têm a sensibilidade, como tendes, o respeito do passado. E, em riscos de beleza, à espera do halo sagrado de um poema, que emoldure as afirmações ideais da alma riograndense, na prosa, verso, pintura, estatuária e música dos artistas, — cem anos cobrem a página de ouro de 35. Templários — sois, de fino jaez, para demonstrar o culto que o Rio Grande do Sul exige dos aspectos essenciais da sua civilização, em cujos painéis se ostentam païsagens de beleza, destinos de grandeza e de bondade, na vera história democrática da América onde o conjunto dos antecedentes é um elemento do passado ocidental no arranque sublime que deu ao mundo a arte grega, o ímpeto da renascença, a cavalaria do mar projetada pelas coxilhas visionários na Cavalgata dos Farrapos, cujas armas e corações se embeberam no espírito que forma o gênio de amor da nossa raça, legado de vibração e de sonho, que é o natal glorioso do episódio central e soberbo, consagrador do espírito da nacionalidade. Infinitamente obrigado pelo bem que me faz a vossa amizade, nesta reünião deliciosa que me enche de orgulho pela glória que nos dais trabalhando e servindo o Rio Grande Mental"'

*
* *

Grande intérprete das letras da alma moderna, para quem era a Pátria uma fonte de arte e de grandeza moral, o autor da tragédia de Fausto afirmava que a vida é tão variada e o mundo é tão rico que nunca faltarão assuntos de poesia. Possa esta fonte ardente, espelhando o bom gênio de amor da nossa raça, que gorgeia no lirismo-heróico do Rio Grande, como a almenara "acêsa nas torres ovantes", illuminar esta sala da flama de ouro da alegria dos



Farrapos, fremindo ao vossos olhos risonhos, á música dos vossos ouvidos, senão no lavor do dizer, certo ao enternecimento generoso dos vossos corações, na olência da flor aberta da simpatia... possa ela exumar, fulgir, aurisplender, em custódia, a labareda, o ideal, o legado de vibração e de sonho, o perfume e a graça e a cintilância do tema que me atraiu pelo seu encanto. Sentireis que êle não é frívolo nas verificações dos fatos, notando-se que faltam em nossos arquivos ou bibliotecas "memórias de tipo francês tão adoráveis, por vezes tão iluminadoras, graças às claridades que nos ministram, com a menção de uma anedota, com o relato de um episódio".

*
* *

Os modernos cultores da geografia social definem a relação entre o homem e a influência do meio; e seguindo-os de perto, cientìficamente, o que se deve ter em conta é que a formação do Rio Grande foi uma conseqüência das possibilidades da sua natureza e das fôrças sociais e raciais de coesão, porque si o habitat, si o solo impôs o trabalho pastoril, foi da ação combinada, inludível, dêsses fatores historicos que importantíssimas possibilidades agiram, como resultante, para o surto da Democracia que embebeu de Brasilidade, do espírito de Humanismo e do coração da América, o equilíbrio do gênio Rio Grandense. Vêde bem: Um sábio naturalista francês que viajou desde as cercanias de Paulo Afonso às do Prata, entrando na capitania do Rio Grande pelo sul da Laguna (de 1820 a 1821) sentiu reinar entre os primores da terra gaúcha, clara e aberta, um ar de jocundidade afirmando que a nossa campanha se assemelha a um vasto jardim cujo aspeto não fatiga como os imensos ermos de Goíaz e Minas, e nem siquer tem a monotonia das planícies Argentinas. Principalmente para o coração do Gaúcho a quem a terra exalta pelo trabalho e pela fecundação da vida vitoriosa em tôrno, o gaúcho que, em suas rondas de glória, na frase de Euclydes da Cunha

desperta amando a natureza deslumbrante que o aviventa, na brincalhona labuta campesina e na valentia dos acampamentos entre alaridos de ruïdosa carga ou simplesmente irônicos, para o seu coração que se sente expandir, respirando a livre atmosfera de pampa e coxilha, como uma expressão forte do meio a estensão querida, que não lhe infunde o terror cósmico a que aludiu Graça Aranha como mal da nacionalidade, a horizontalidade do varzedo esmeraldino e as ondulações da savana, semelhantes às vagas do oceano "que um dia Deus fez parar" imprimem o cunho da originalidade e da alegria a esta região da terra que Garibaldi definiu como sendo a mocidade da natureza, á manhã da humanidade. Fácil era amar uma natureza como esta, uma tão bela parte do Brasil em que, na graça das zonas temperadas vira outro sábio o compêndio dos acidentes memoráveis do globo. Por certo os pagos em que, ora impetuosa e quente, ora atenuada e doce, romanesca e heróica, amorosa e sentimental, vibra a poesia da distância da ausência e do nomadismo que tem a par do arrojo condoreiro a ingenuïdade das imagens simples e delicadas, o encanto dos adeuses e o voo e a mágia de cousas longínquas e desejadas, num horizonte que atrae, que chama e foge... por certo não são os pagos, não é o Pampa a inanimada païsagem triste algida no torpor da natureza que estringe de melancolia a alma que o contempla

...Ai extremado Rio Grande
Minhas bordadas campinas
Onde silvestres boninas
Ia em criança colher!
Estas saudades que sinto
Tantas, tão vivas, tamanhas,
Tenho-as eu das montanhas
Onde quisera morrer!

Num romance de costumes em que, num trecho pessimista de sua vida, José de Alencar pretendeu em 1870 pintar de longe o cenário e a índole Rio Grandenses, proclamou



como grandes virtudes da nossa alma de povo paladino a coragem a sobriedade a rapidez com que é preciso disso êle, afrontar as privações com paciência e suprimir as distâncias pela velocidade. Até a árvore solitária, exclama quo se ergue no descampado é tipo dessas virtudes: seu aspeto tem o quer que seja de arrojado e destemido; naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada há uma atitude atlética, — logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Mas José de Alencar nunca viajou pelo sul do Brasil e escrevendo de outiva, como fez notar Araripe Junior, não fixou o verdadeiro pampa encarnando o tipo misântropo que esboçou como um pesadêlo nas páginas do seu livro cujos azedumes cujos esgares da prodigiosa imaginação do romancista lembram exibições de monstruosidades na excêntrica personagem de Manoel Canho, triste, cruel vingador da justiça expatriada e acoutado no deserto onde viveu 12 anos afagando a idéia da vingança hamleticamente indignado com a lembrança do assassinato paterno e pelo casamento de sua mãe atraído ao sangue extrondosamente fazendo de Catita que êle chega a amar a rola fascinada pela serpente; como, senhores, si fôsse possível, retratar o verdadeiro gaúcho sem cavalheirismo, animalizado, abandonando os sentimentos doces que o civilizam para mostrar-se ùnicamente através às arestas de quem vive habituado com feras e cavalos. Houvera sido completo o quadro, mais familiarizado com o assunto, si o realce da palheta do peregrino artista o encarasse com as luzes da história. A maior alegria na Grécia mística que a história fabulosa conta é a da Terra fecunda em cujos elementos ao celebrar-se a vota de Dionysio se transubstanciavam as próprias divindades pagans. E Deus ao fazer esta terra de certo sorria! exclamou um emérito filho da província e o amantíssimo pelotense adotivo, o farroupilha egrégio imortalizado em Pelotas na perpetuïdade do bronze, Domingos José de Almeida, apaixonadamente em 1859 formulava êste voto: E' preciso dar a conhecer o Rio Grande, a parte mais preciosa do Brasil. Eu vim para êle como forçado: sua gente, sua fisionomia

física e suas condições me encantaram, adotei-o e meus ossos lhe serão entregues quando extinta a existência que lhe consagrei. Fulgurantes palavras! Já Raul Pompeia evidenciara que o ardor patriótico vem a ser filho da terra como Anteu, e que de fato o entusiasmo político é a psicologia do território, porque para a identificação afetiva com a existência na natureza ambiente temperam-se os corações num instintivo apêgo de dedicação filial. "E' o sol do ceu que nos aqueceu como o patriarca benigno feito luz para sempre que nós amamos como a um velho antepassado! E' a torre branca, quando o sino chama, com as orações de bronze, que nos conta pelas manhãs claras de Domingo, como a avozinha encanecida, carinhosa e sabedora dos conhecimentos encantadores de outro tempo; e sentimos no peito, como parentes das flores que nos cercaram a casa, alguma cousa do sangue vegetal circulando nas árvores e frondecendo nos bosques em misteriosa consanguinidade". confundindo a terra e o homem na mesma alma que o patriotismo dos Farroupilhas respirou no clima natal como o oxigênio da sua existência íntima e intensa!

...Sobe o fumo. E' o fogão do gaúcho,
a um tempo, o hino folgaz
do guerreiro e a canção do pastor.
Ágil, forte, sorrindo ao minuano,
Desafiando a viola em cânticos frementes...
O fogão é o fragor espectral das cruzadas avoengas.

...Dilatados rincões, cerros de Camaquam,
Planícies que o Jacuí serenamente banha,
Tudo que as virações abrem pela manhã
Tudo que ao sol sorri com uma afeição estranha
O herói com o seu amor aqueceu e abençoou!

*
* *

Eis porque o Rio Grandense, eis porque o Farroupilha é no melhor sentido da palavra um romântico, tangido pe-



las faculdades creadoras do seu espírito, no significado de uma raça aparelhada de um conceito orgânico da realidade e de uma crença que desponta da consciência instintiva do seu gênio de amor, arrebatado de imagens, símbolos alegres, e ditos golpeantes, porque é a mesma crença clara que desponta na intuïção sub-consciente da grandeza incomparável do Brasil! A voz do povo em quadras anônimas dava antigas mostras dessa intuïção profunda...

...Verde e amarela
São os primeiros sinais
Amantes da boa ordem
Farroupilhas liberais.

...No campo da honra andamos
Fevereiro, março e abril,
Defendendo a nossa causa
Como filhos do Brasil.

Já, em séculos de valor, na formação do caráter gaúcho que traçara quasi por si só as lindes dos confins nacionais, às fronteiras do seu habitat, repelindo, vitoriosamente, investidas que ambicionavam desvincular-nos do Brasil colônia, já em façanhas comparáveis às da expulsão do Batavo ao Norte, se haviam conjugado a lealdade e a altivez antítese do servilismo. "E só quando perdeu a esperança de se lhe deferir a justiça que deprecava, em reiterados protestos clamando sem repouso contra a preponderância ultrajante assegurada pelos governos do Rio de Janeiro aos seus adversários foi que irrompeu o apêlo às armas vingadoras do descaso imperialista". E como um éco da graça que na Grécia heróica satirizou através dos versos de Aristophanes no seu tremendo libelo político os Cavaleiros aos que infestavam Atenas depois da morte de Pericles, para castigar os ridículos, as vanidades e os desregramentos da tirania política, diria Platão, que as graças procurando um templo que jamais pudesse ser destruído, encontraram no Rio Grande essa grande fôrça da alma dos Farrapos —

a alegria — que Michelet considerou a quarta virtude divina! a sacra flama de oiro com que Rabelais sentiu palpitar em si a alma da Renascença. Porque, como ensinou Carlyle, o homem que não pode rir é capaz de traição, — felizes aqueles que trabalham cantando —, e só os corações puros sentem a verdadeira alegria que se muitas vezes no contraste entre o espírito e as baixezas da matéria, como em Quixote e Sancho Pança, nos obriga a rir até às lágrimas, desabrocha da paz da conciência e, da suavidade dos bons, sobe para o sol porque a alegria tem azas como o Amor e como o Pensamento! Fôra uma profanação imperdoável que, para celebrar o centenário de 35 nós afrontassemos o esplendor do sol, a doçura e a pureza do ar do Rio Grande, simplesmente ressucitando combates e exagerando as apoteóses do estrago e da morte. Não! Basta para não macular e para justificar a guerra civil dos Farrapos o consenso que ela já recebeu de ter sido um mal necessário, para que se possam associar à sua glorificação os melhores amigos da paz compreendendo que os Farrapos foram grandes guerrilheiros porque eram grandes Brasileiros, da mais Brasileira das revoluções, na época inevitável em que as suas espadas brilharam, influindo sôbre cada um os interêsses coletivos como uma atmosfera espiritual. Bem asseverou um pensador que, no mundo não há talvez um só assunto que possa ser tratado com uma completa alegria, sem tristeza e sem sorrisos, sem pensarmos no caminho que a liberdade reclama para o serviço da civilização. Êles afrontaram a morte, mas os seus olhares se ameigavam depois das batalhas revolvidas pelo roldão dos cavaleiros e, apraz-me lembrar que a auréola de legenda que os cercava não lhes tirava a simplicidade humana, e que nos dias de paz, cantando os seus amores e os seus sacrifícios, êles foram bons e alegres, com os corações cheios de tolerância e amigos das anedotas cabriolantes e engraçadas e das tiradas e franquezas dos gaúchos que não teem papas na língua e que porisso ainda mesmo despidos do seu prestígio de pró-homens não ficam diminuídos aos olhos dos que os veneram... Romanescos Farrou-



pilhas... à cujos sonhos de independência e de justiça veio dar um molde universal de beleza e Romantismo, fragoroso, como uma rebeldia, como a volta conciente às fontes medievais do critério que libertou a arte da secura e do artifício sibilino da clássica retórica vazia numa torrente de entusiasmo como um avatar que em acentos de esperança misturou para a realização da beleza o sorriso e a lágrima num acordar de tradições, florindo de lenda em lenda... E nessa peculiar e espontânea forma da alma americana, nesse retôrno do espírito ao ar livre, à poesia da natureza, nessa idealização romântica, os Farrapos além da alegria do amor, êles que espiritualizaram silhuetas femininas, que foram poetas da sua hora humana, tiveram a alegria das idéias, em que ferveu a fremência dêste povo de trabalhadores e patriotas, o povo que sempre possue a fecundidade e a expontaneidade da terra, porque a sua Musa tem uma poesia e uma filosofia (doutrinou alguém) um raciocínio, um gênio inventivo, um bom senso prenunciador que nascem, vivem e frutificam sem cultivo: porque também em cada lenda vive um símbolo e em cada fábula palpita uma lição e há em tudo isso um fundo de verdade.

* * *

Cada gaúcho és um poeta, sin mas arte que su alma. E é toda a história de um povo, a poesia do Rio Grande, símbolo do amor e da bravura. Bento Gonçalves cultivava a poesia, como quasi todos os homens de seu tempo, citando-se uns versos seus, de sainete jocoso, alusivos à situação pouco lisongeira junto de Canabarro de um cirurgião Duarte vulgo Dr. Gaiola, devendo existir uma coleção de sonetos dêle a crer-se no informe verbal de Cesimbra Jacques. Um dia, o padre Chagas culpou o Presidente da República, Bento Gonçalves que era homem amabilissimo, consumado sportman, de divertir-se muito em bailes, como si essa propensão fôsse dêle ùnicamente e não de oficiais luzidos como Souza Netto e Onofre que nos saráos da Re-

volução de 35 expandiram a sua vida sã, bem equilibrada, porque a dansa, como salientou o sacerdote Hafkemeyer, foi universal paixão de nossos maiores que souberam juntar ao exercício das armas, o galanteio a par da musa grácil nos folguedos da amável sociedade do seu tempo. Sob três aspetos si nos antolha a poesia popular Rio Grandense: pelo lado patriótico, pelo lado lírico e pelo lado humorístico, de que os folk-loristas recolhem a pedraria preciosa de desfiados colares:

...Oh mimosas Farroupilhas
Cuidai bem vossos filhinhos
Que a pátria muito precisa
Dêsses mimosos bracinhos,

muito recomendava às mães Rio Grandenses um rapsodo popular da ínclita geração de 35. E o hino ao 20 de setembro definia os deveres do homem livre:

...Não basta para ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo:
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo!

O Americano, periódico oficial da República Rio Grandense, vinha encimada por esta epígrafe:

...Pela Pátria viver, morrer por ela,
Guerra fazer ao despotismo insano;
A virtude seguir, calcar o vício,
Eis o dever de um livre Americano!

...E vós, províncias irmãs,
Recordai vosso dever
Proclamai Federação
Independência ou morrer!

transcrevia êsse estribilho de um hino o Povo de 26 de setembro de 38. Ainda ao som do hino Farroupilha entoavam-se as esfróles:



...Nos ângulos do Continente
O pavilhão tricolor
Se divisa sustentado
Por liberdade e valor.

E o trinado das violas acompanhava com as notas da tirana "Farroupilha":

...Dia 12 de setembro
Dia grato e soberano
Em que no Seival soou
O Grito Republicano!

Celebrizava o bravo David Pereira, um sarao das turbas:

...O herói Bento Gonçalves
Foi a nossa salvação!

Uma das manifestações da sociabilidade Rio Grandense foi o gôsto pelo Teatro, formando-se sociedades de amadores que em palcos particulares levavam à cena trabalhos de autores locais. No teatro de Piratiní, o mais intelectual e delicado dos cantores da revolução, Sebastião Xavier recitou vibrante ode aos povos livres da América, em que bradava:

...Fazei, oh cidadãos, fazei justiça
Do Rio Grande aos filhos valorosos
...Fraternidade, paz, independência,
Tolerância, concórdia e liberdade,
Sem a qual a virtude sôbre a terra
E' um fantasma...
...Washington, Bolivar, San Martin,
Grandes heróis, da humanidade amigos,
A bem da Pátria ,a bem de opressos povos,
...Uma ilustre República firmada
Nas bases da equidade e da justiça,
...Une-se a seus irmãos, os Brasileiros,
...O pendão tricolor da liberdade,
Sol das nações, eclípse dos tiranos.

Farrapo— . . . "meu amigo, em ti presinto
A fôrça e a graça numa só miragem,
Quando demonstras teu fogoso instinto,
No cavalo, no pampa e na coragem

Es bom na fôrça! e no valor, distinto;
Heróico vulto, sonhadora imagem
Tens a vida em confuso labírinto
De lírico, de nobre e de selvagem.

Sinto-te o fogo que no olhar estampas,
Quando deixas, numa ância indefinida,
Os teus olhos rolarem pelos pampas"

Cheio de fé, numa serena calma,
Guardas o amor das lutas pela vida,
Num círculo de glórias dentro d'alma...

Quem é bom é alegre, ao menos por piedade para com os seus semelhantes; a "paz da conciência desabrocha em sorrisos; e sem alegria a humanidade não compreende a simpatia nem o amor".

*
* *

Aquele jovem cavaleiro andante cujas armas poderosas eram a doçura e o aspecto viril, Garibaldi em suas visitas à estância do Camaquã, antes de unir a sua vida à vida de Annita, encontrou numa linda filha de Pelotas o seu primeiro idílio em terra Americana. Foi nas costas daquele rio em cujo arsenal êle instruiu e formou o seu primeiro grupo de legionários que Manoela, a sua inspiradora, a figura grácil que num rosicler de poesia foi a primeira dama dos seus pensamentos e que morreu com o seu nome nos lábios, foi alí que ela ouviu Garibaldi entoar com a sua bela voz sonóra, a mesma de Itália e Niza as canções apaixonadas recordando com as declarações dos fragmentos cívicos, as grandezas passadas da sua Pátria. Consta acêrca dos bailes da revolução que eram mui constantes e freqüentados. Um conjunto de vantagens, evidentemente explica êsse apreço dos forasteiros pelo nosso trato e pelas nossas idéias, quando o sábio Francês naturalista Saint Hilaire assistindo a festas que regista na existência culta do território Rio Grandense, alude às maneiras polidas e ao muito bom senso das mulheres do sul. Nada tinham que invejar, acrescentava outro insígne viajante de origem inglesa às suas irmãs Brasileiras, as Rio Grandenses, no seu gôsto delicado e na sua formosura natural, tendo talvez por complemento de atrativos o garbo e facilidade que lhes dá o costume, desde a idade mais tenra, de andar a cavalo.



Então a modinha, nome da creação romântica transportada para o Rio Grande ou prolação das serranilhas portuguesas, era cultivada desde o primeiro império nos mais ilustres salões da sociedade Brasileira como um som da própria terra. E é de notar-se que, segundo o depoimento de Luccock, nada já tinha de desagradável a vida no Rio Grande ao tempo de D. João VI, em que as mulheres gaúchas, êle dizia, de lindos olhos e cabelos negros ou de matiz castanho escuro, alvas e viçosas de fina tez e esmaltada de rosas a face tinham atingido a nivel superior ao das capitanias centrais, considerando que a convivência social no Rio Grande era mais franca e superior à do Rio de Janeiro nessa época. Eu mesmo já intentei, refolhando-me nas crônicas primevas, reconstruir pela imaginação uma resplandecente festa lendaria de Rio Pardo acionando a urdidura de um romance de amor e de heroismo. Um dêsses folguedos apontados com carinho da sociedade amável do tempo em que já se notava no Rio Grande com o primor da hospitalidade a dignidade da família e com o apêlo à gleba a mais escropulosa decência. Era como si a flor da cavalaria embalçamasse os salões de cortezia e respeito, recreando-se nos passos graciosos das pavanas ou deslizando no tapête o airoso minuete. Nos rodeis de gente flamejava o fogão gaúcho. Singelas e ardentes a graça das tiranas, dansas em maneira de sapateado e das chimarri-

tas, de molde peninsular, era compassada nos instrumentos mescladas à gavota francesa, à vidalita e ao pericon platinos. Querulas, zangarreavam as violas e as flautas lânguidas desferiam retornelos. As vozes alavam-se e provava-se o encanto suave da poesia. A ala dos namorados tinha, como em 35, no alegre convívio, mais de um coração de moço, rendido ao feitiço das compatrícias, nisso, ainda, parecendo-se àquela quadra a de Rolando e seus pares.

As senhoras emprestavam suas graças à elegância e progressos das aplicações locais da moda que no testemunho de Dreys, elas inovavam nos salões Rio Grandenses. O que se fazia original, era o costume nos bailes de mudarem todas as moças de vestido à meia noite, dando outro aspecto à festa. Os mocetões da raia, tinham a elegância feita de justa medida, de delicadeza e de sobriedade, juntando ao marcial aspecto de jovens Dragões do Regimento no encanto da farda azul de calções até os joelhos, espadim ao lado, botas de polimento e capacete empenachado as maneiras aliciadores e lhanas que os cercavam de simplicidade humana na auréola de legenda. E os que vieram solteiros pro aris et focis acharam um padre que os abençoasse, expandindo-se pelo casamento os ramos seculares das tradicionais famílias continentinas. Um dia, em Sta. Tecla, lirial versão se fez de que Raphael Pinto Bandeira enamorou-se de uma prisioneira; e o caudilho imortal viu que da espada outra vez a mulher triunfara... Maria Magdalena era o seu nome batismal que a alma do herói assim arrebatara. E o leito do noivado então nessa praça de guerra, êle o armou sôbre o poncho, os arreios, a espada com que soubera defender no acampamento a honra da sua amada e a honra da sua terra... sagrando a Igreja o casamento, essa união grácil de um soldado dragão sob o teto nupcial do cortinado azul do firmamento. Legado de sonho! legado de vibração em rútilas legendas das vantagens de uma raça das belezas e méritos de uma terra em cujo trato das lavouras, dos pastoreios e trigais o herói



com o seu amor viveu a independência e a bondade dos primeiros pastores e arvicultores da alvorada humana.

*
* *

Pois foi em um baile que, em Pôrto Alegre apareceu a primeira bandeira dos Farrapos, trazida a tiracolo por uma Farroupilha, essa flámula, essa Veronica do Rio Grande que, segundo noticiou o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 7 de março de 1836 era já tricolor, mas com um campo branco no centro e tendo pintado um boi, um gaúcho na ação de laçar e a árvore do mate ao lado, descrição esta que se ajusta ao primitivo bosquejo do escudo de armas depois traçado pelo padre Chagas. A 3 de maio de 1833, em Rio Pardo, estando aberta a Igreja do Senhor dos Passos, véspera de festividade, um velho, sargento mór, Mineiro, tratava de obter donativos de sacola em punho e dirigiu-se nestes termos a um tenente que alí estava: — Oh! senhor Osorio, vosmecê que vem aquí só para ver as moças, dê-me uma esmola. E o futuro Marquês do Herval, chanceoso ou com escárneo respondeu — só se quiser isto? depois de meter a mão no bôlso e apresentar ao velho Caramurú alguns cartuchos embalados, o que causou alarma na vila, pois, se tinha propalado, como iminente a revolução, tão harmonizado com o partido Farroupilha estava o corpo dêsse tenente antes, pois, do 20 de setembro. E foi em um baile que ao sinal de uma quadrilha, uma dama da familiaridade do mesmo, perguntou-lhe com certa ironia: não dança lanceiros? Como não, minha senhora, si sou comandante dêles. A dama que não esperava a resposta teve de abandonar o cavalheiro seu par e enamorado para corresponder a tal gentileza. O Farrapo compreendeu o desapontamento dela e baixinho dada a sua familiaridade, sorrindo, ponderou-lhe: é assim na guerra, minha senhora, quando mal pensamos, o tiro nos sai pela culatra... Joviais Farroupilhas!

Um esquadrão de lanceiros do invencível coronel Jacintho Guedes da Luz, do qual faziam parte trinta e cinco índios minuanos, usava, no princípio da revolução, em suas flâmulas, o seguinte dístico sugestivo de firme resistência até o último alento: — **Eu sou do Guedes. Morro sêco e não me entrego!**

Ainda no primeiro período da revolução, passando pelo acampamento de Netto o tenente Osorio retintamente Republicano de coração, improvizou contra o comandante das armas Sebastião Barreto, estas estrófes:

...A espada do despotismo
Nos quer hoje a lei ditar,
Quem fôr livre corra às armas
Si escravo não quer ficar.

...Exultai oh dia vinte
Com glória com igualdade
Os Rio Grandenses defendem
O pendão da Liberdade.

O antigo e irredutível conspirador e mártir do ideal revolucionário, que morreu no cárcere, Francisco Xavier Ferreira, vaticinava em 1834 no Noticiador: — Vamos entrar na luta maior que a liberdade tem sustentado, desde a revolução de Tiradentes:

...Nova era renasce em nosso clima
Desenruga-se o Fado,
Sombras rompendo afugentando estrêlas
Aureas nuvens lúcidas pisando.

E, sob pseudônimo, estampava no Mestre Barbeiro estas provas da temperatura do meio político:

**Motte**

Ja treme a facção proterva
De Braga e Barreto unidos.



**Glosa**

Dos decretos de Minerva
A prol do grande Brasil,
Receia o bando servil,
Já treme a facção proterva,
Embora infame caterva
Trace planos atrevidos,
Serão logo desmentidos
Êsses planos ignavos
Pelos que não são escravos
De Braga e Barreto unidos.

E em 35, no dia 15 de novembro, contraíndo o seu casamento da vila de Bagé, Osorio teve em seguida de marchar para a guerra, mas, antes de partir, dedicou esta poesia à espôsa, filha do Juiz de Bagé, Francisca, a quem êle chamou de minha glória doméstica:

...Já soa o clarim de Marte!
Vou deixar-te, minha amada,
Suspirando corro às armas
Adeus, mulher adorada.

Baixando à campa
Frio jazigo,
A tua imagem
Irá comigo.

Si fôr em árduo combate
Minha vida arrebatada
Si perder-te para sempre...
Adeus, mulher adorada.

Baixando à campa
Frio jazigo,
A tua imagem
Irá comigo.

Mas, si coroada de louros
Voltar a ver-te engraçada,
Até tão doces momentos...
Adeus, mulher adorada.

Teus lindos lábios
Beijando então
Doces prazeres
Renovarão.

Ouçamos o seguinte juizo de um observador emérito; — os nossos avós patentearam entusiásmo em todas as emprêsas e pelas idéias novas que esposavam. Êste aperfeiçoador sentimento da admiração que alevanta a alma do homem diante de tudo que é grande e extraordinário, brota na fisionomia dos nossos compatriotas com uma vivacidade rara. A jovialidade era geral; pode dizer-se que, só depois da revolução, com a descrença produzida pelas manobras constitucionais e com a alteração dos costumes alegres da vida campônia é que a tristeza estendeu o seu manto sinistro sôbre as nossas outrora risonhas plagas. Não raro era ver o próprio ancião brincar no meio da juventude entregue a diversões. Realmente, em Piratiní, vivia, por exemplo, um velho colaborador do prólogo da independência Uruguaia, o Rio Grandense Pedro José Vieira, um intrépido herói da emancipação Americana que, na Banda Oriental, em sua juventude, ganhara prestígio de pago, dançando nos bailes crioulos de zancos do que lhe adveio o agnome de Perico al Bailarin, personagem romanesco que irradiou o gênio Rio Grandense no Prata atingindo ao pôsto de Coronel dos exércitos Uruguaio e Argentino. Revivescência de torneios medievais, era o hípico recontro das tradicionais cavalhadas no Rio Grande como no tempo em que os vates antigos cantavam

...O tempo d'outrora,
quando o reino era cristão,



quando nas guerras de moiros
era o Rei nosso pendão,
quando as donas consumiam
seus teres em devoção.

*
* *

Senhores! ninguém pode impedir que o vento sopre, reza o provérbio gaúcho... e que êsse vento, passando, deixe ficar alguma cousa. Perguntar, assim ao povo porque produz os seus cantares, seria o mesmo que indagar como disse um inspirado vate o motivo porque há pérolas nas exudações da ostra: do povo que trabalha, sente e ama, êsses cantares são as lágrimas, os suores e os anelos; pode-se avaliar a graça e a originalidade, a expontaneidade e o sentimento do cancioneiro gaúcho pelas quadrinhas que espelham os rasgos característicos dêste povo de trabalhadores, de patriotas e de poetas. Ao cancioneiro guasca e Farroupilha, apanham-se formosas lapidarias; e, pelo lado humorístico, acompanhadas pela gaita que gradualmente substituiu a Harpa gaúcha, ressaltam quadrinhas de graça esfuziante que se casam ao tom cavalheiresco do culto à mulher só semelhante ao da época das cruzadas:

...Minha tirana de gôsto
Rosto mimoso e bem feito
Quem teu fandango não baila
Não é gaúcho direito

Todos gostam da tirana
Mas é só para dançar
Porque d'uma tirania
Ninguém deve de gostar.

Menina, minha menina,
Minha flor de melancia;

Um beijo de tua bôca,
Me sustenta todo dia...

Quando me ausento dos pagos
— Isto por curto intervalo
Reconhecem minha volta
Pelo tranco do cavalo.

Sou livre como o Pampeiro
E nem cortejo um tirano
Criei-me em escaramuças
Ao sôpro do Minuano.

Amarrei o sol e a lua
Com a fita da liberdade
Aquartelando as estrêlas
Só respeito a divindade.

Sou soldado, assentei praça
No regimento do amor
Como assentei por meu gôsto
Não quero ser desertor.

Aviva-se a bondade e o orgulho nas confissões do Cid do Pampa. Vale assinalar que o único poema sôbre acontecimentos militares passados sôbre nosso território, por Bazilio da Gama, foi a composição mais pacifista da literatura Brasileira, antevendo a era em que fujam da terra as guerras sanguinosas, detestadas das mães e das esposas. E um crítico estranhou mesmo a ausência de espírito épico em nosso populário, notando que só em 35 os aédos guascas começaram a narrar feitos bélicos. Mas os povos progridem do estado psicológico, subjetivo, para o objetivismo, na evolução do pensamento e assim foi natural que começassemos pela poesia lírica, expontânea e simples que encerra, por exemplo, a emoção e a delicadeza destas quadras atribuidas ao popular poeta Pedro Canga (Pedro Muniz Fagundes):



...Troncos sêcos deram fruto
O campo reverdeceu;
até pararam os ventos
no dia em que amor nasceu.
Troncos sêcos deram fruto,
O campo reverdeceu;
riu-se a própria natureza,
no dia em que amor nasceu.

A poesia, consoante Theophilo Braga, não consiste nos versos bem medidos, mas na verdade do sentimento humano, tão complexo nas suas manifestações individuais e sociais.

...Assim que te vi chinoca
Fiquei te querendo bem
E ando de bôca feichada
Sem dizer nada a ninguém.

Dizem que o mate afoga
As mágoas do coração,
Mate sôbre mate tomo
As mágoas boiando vão.

Sou valente como as armas
Sou guapo como um leão
Índio velho sem govêrno
Minha lei é o coração.

Não tenho mancha nem mêdo
Não temo o inverno ou verão
Meu culto é das raparigas
E do mate chimarrão.

Chimarrita, chimarrita
Chimarrita do outro lado
Por causa da chimarrita
Passei arroios a nado.

O vento que está soprando
Leva a palha e deixa o trigo
Só quero que me responda
Si essa carranca é comigo.

Fui soldado, assentei praça
Meti-me numa guarita
Sou chefe, sou comandante
De toda moça bonita.

Moça me diga o seu nome
E também a sua morada
Eu tenho cavalo gordo
Um galope não é nada.

O biguá dentro d'água
Passa a noite e não se molha
Eu fico mesmo que pedra
Si mulher feia me olha.

Adeus perdiz da macega
Adeus pombinhas dos matos
Si não me calo, me comam
Mutucas e carrapatos.

Sem dúvida, a alegria é profundamente social, é um sentimento que atrai, que provoca a simpatia, pela qual a sociabilidade se faz intensa e profunda. Estudando a função do riso, Fouillé asseverou que o riso é humano por ser eminentemente social, ao passo que a tristeza produz o insulamento, o misticismo imoderado, o fanatismo. E a natureza do Rio Grande não podia fazer triste, aborrecida, a alma do gaúcho, desde que... não lhe pisem no poncho.

*
* *



No decênio Farroupilha, sonoramente, vibrou a lírica Rio Grandense, de que vos falo de relancina. Em sonetos, um dêsses menestréis guerrilheiros, Sarmento Menna, aclamou o valor e o civismo de Bento Gonçalves, decantando-lhe a bravura:

...Em ti, se encerra a pública ventura
Não vaciles, herói, o bem promove
Desta terra, onde o nome teu fulgura.

E houve mesmo quem assegurasse ser curioso notar como o decênio Farroupilha foi fértil em poetas no Rio Grande onde a musa acariciou os próprios generais como Osorio, Solon e Gaspar Menna Barreto, para quem:

...Si a natureza quisesse
Só peitos duros e broncos
Teria feito na terra
Tudo pedras, tudo troncos.

A Musa antiga do Sul! que Barcellos Ferreira exalçou:

Encantados trovadores
Do Rio-Grande da outra era;
Cujos versos eram flores
Da campina em primavera,

Vós que ostentaveis na forma
A linda simplicidade
Dos vates da antiga norma,
Dos cantores da Saudade,

Recordando no estribilho,
De rima triste e presaga
Feliciano de Castilho,
Thomaz Antonio Gonzaga;

Vinde vêr que a musa antiga,
Nestes pagos não morreu
E inda canta, nobre amiga,
Sob o azul do mesmo céu,

Tangendo as cordas da lira,
Como si fôsse bem nova,
Numa sextilha suspira,
Vibra depois numa trova.

Flor do pampa merencório,
Nascida no acampamento,
A musa heróica de Osorio
Sôa com lírico acento.

E a linda Lilia, entre as belas
Nativas do ambiente bélico,
Tem o semblante daquelas
Madonas de Frei Angélico.

Como um "sorriso da História"
Com seu perfil encantado,
Resurge à luz merencória
Que nos desvenda o passado.

Bravo entre os bravos, Osorio
Tantas vezes proclamado,
Fica maior sob o hectoreo
Perfil de poeta soldado.

Os sabiás sonhadores,
Descantam estrada a fora,
Os versos dos trovadores
Do Rio-Grande de outrora.

Tem tudo a recordação
Do mais antigo trovador



E as flores do campo são
Trovas abertas em flor.

As trovas são como as flores,
Como as flores do vergel,
Si não dão frutos tem côres
Côres, perfumes e mel.

As pampeanas solitárias,
As margaridas vernais,
As inflorescências várias,
Dos vergeis primaverais,

As flores que não dão fruta
E a flor dos maracujás
Tem o ar de quem escuta,
Os cantares dos sabiás.

Quem foi o Chico da Vóvó? O Tenente Menestrel Francisco de Paula, secretário de Bento Gonçalves, autor de produções camonianas, que possuia bem montada biblioteca, e se correspondia com vultos de destaque nas letras e nas artes nacionais e estrangeiras, como o atestavam cartas e retratos, transformados depois, bem como o seu arquivo, num montão de destroços ao estalar o movimento em Rio Pardo, invadida a casa por um grupo de Caramurús. Êle morreu na flor dos anos, gloriosamente, perto de Pôrto Alegre, combatendo pela revolução e no dia seguinte à sua morte foram distribuídos estes sentidíssimos sonetos:

...Tranqüilo no teu fim, como Juliano
...Não morreste em ficções embaraçado,
Eu te venero, herói Republicano,
E choro a falta que nos tens causado.
...Os ideais da sã democracia
Que inspiraste, Amaral, a tua gente
Não baixarão contigo à campa fria.

...Justiça há de fazer-te o Sul, prudente
Quando enfim proclamar com alegria
A República livre, e independente.

Nascido no Alegrete, Francisco Pinto da Fontoura, passara dos braços de sua Mãe aos de uma senhora que, como tal, o criou. Já adolescente e dotado de uma grande beleza, viveu separado dessa dama por alguns anos, e, quando tornou à sua presença, era mui outro: Como está velho, o meu Chico! disse-lhe ela, enternecida, sem poder ocultar a surpresa. Fontoura, horas depois fixou êsse encontro em doce lirismo:

...Na primavera da vida,
Quando estes versos tracei,
Analia, nunca pensei,
Que a sorte me fôsse infida.
Esta barba encanecida,
Não é, Analia, dos anos,
E' dos tristes desenganos;
São lembranças do passado,
Do tempo em que, afortunado,
Eu era a flor dos humanos.

Assim como a sensitiva,
Quando um choque sofre apenas,
Fica despida das penas,
Como morta, sendo viva;
Assim eu, na roda ativa,
Dos meus constantes azares,
Que me chovem a milhares.
Ves-me Analia encanecido,
Em meu semblante esculpido,
O quadro dos meus pesares.

E então oh! bela Analia,
Quando te torne eu a ver
Talvez me caiba o dizer:
Analia foi uma estrêla!



Mas si eu vejo o rosto dela,
Macilento e enrugado:
**Serão rigores do fado,**
Dos anos ou da paixão...
E tu me dirás, então:
São lembranças do passado!

Tanto a natura nos rouba
O esplendor, bela Analia,
Que até tu, sendo uma dália,
Virás a ser triste murta!
Repara na ausência curta,
Que há pouco, nos separou,
Como a dor me acabrunhou,
A diferença que fiz:
— Perdi todo o meu verniz,
E a barba branca ficou!

E' da autoria de Francisco de Paula êste inspirado soneto:

De Liza o terno amante anzente estava
quando cheio de amor foi debuxando
num painel sua imagem, que a beijando,
as lágrimas as faces inundava.

Eu vejo Citeréa: assim falava
Ao ir de Liza o rosto copiando.
— Estes olhos formosos vão matando,
dizia, quando os olhos retratava.

— Eis aqui o primor da gentileza
Formando, o corpo disse, que acumula
as delícias mais sãs da natureza.

Chega ao ponto que mais o congratula;
vai pintar, quando, ó Céos! na doce emprêsa
treme o quadro, a mão pasma, a vóz tremula.

Além da ode precitada de Sebastião Xavier aos povos Americanos, versejaram João Machado da Silveira e entre outros José Pinheiro de Ulhôa Cintra, o Coronel Francisco de Paula do Amaral, sendo a família Fontoura representada no parnaso gaúcho por Francisco Pinto autor da letra do Hino do Rio Grande, pelo prestigioso Antonio Vicente e por Antonio Paulo, improvisador aplaudido nos salões e que compôs poesias em louvor não só de Bento Gonçalves como de Souza Netto e do General João Antonio da Silveira:

...Quem virtuoso se mostra,
Sem o vício da ambição:
João
Quem persegue sem descanço
O Caramurú demônio?
Antonio.
Qual é a valente espada,
Que brilha em nossa fileira?
Silveira.
Erija-se um templo agora
A essa espada primeira;
E imite quem quer ser grande
João Antonio da Silveira.

Como tipo crítico — poético das trovas populares, mordazes, imperativas, estigmatizou um autor legalista a figura simpática de Netto:

...Sinhô Netto vai simbora
Não se meta a capadócio,
Vá cuidá nos parilhero
Que fará melhor negócio.

E na sua cólera explicável assoalhavam, rezando:

...Tristes tempos mal fadados,
Nunca vistas maravilhas!
Distinguem-se os Farroupilhas
Pelo sinal



...Enxugai o nosso pranto,
Acalmai nossa discórdia,
Por nossa misericórdia,
Amen Jesús

De Antonio Paulo, em compensação, (mais conhecido por Paulino da Fontoura) é a mostra dêstes versos, por êle recitados diante da multidão:

...Oh vis Caramurús, bando inhumano,
Sectarios dos crimes d'um tirano...
Nós te daremos um açoite eterno,
Bando restaurador e delinqüente!
Pois quem é do inferno habite o inferno!

Do estro de Paulino Fontoura ainda foi o soneto publicado no Recopilador de 9 de abril de 34:

...Deu o sete de abril prova sobrada
Que não é sem direito a fôrça escudo
Que nunca impune fica a lei violada.

* * *

Dizem que um panfleto de Swift fez mais para suavisar a sorte da Irlanda do que todas as objurgatórias da imprensa ou dos mettings... Antonio Vicente o Farroupilha cujo coração internecido pela suavidade do lar ditoulhe cartas afetivas, emocionantes e de bom humor à espôsa, incluídas no seu Diário dos acontecimentos quando o exército percorria os campos da província convulsionada, — em versos ressonantes de indignação atacou a tão discutida versatilidade do General paulista Bento Manoel a quem os Farrapos chamaram — Cangalheiro de Curitiba:

...Pode um altivo humilhar-se,
pode um teimoso ceder,
pode um pobre enriquecer,
pode um pagão batizar-se,
pode um ávaro prestar-se,
pode um Mouro ser cristão,
um arrependido salvar-se,
Tudo pode ter perdão,
só o Bento Manoel — não!

Fale agora o entusiasmo dos legalistas na pompa dêste soneto de Antonio José Domingues:

...Saúda, oh Musa, o General prestante,
Que, de fidos heróis marchando à frente,
Sustenta com seu braço armipotente
Do jovem Pedro o trono vacilante.

Celebra, oh Musa, em metro altisonante,
Dos guerreiros a flor, a honrada gente,
Que, salvando do abismo o continente,
O auri-verde pendão sustenta ovante.

Vingadores das leis, da integridade
Promete-vos o Céu esta vitória
Sôbre a negra cerviz da iniquidade.

De vós a Pátria espera imensa glória,
Vossos nomes enloura a humanidade
E em tarjas de ouro os eterniza a história.

José de Paiva Magalhães Calvet, talento de escol, o doutrinador que redigiu o "Continentista" e o "Recopilador Liberal" consagrou uma ode em 1831 ao decidido agitador republicano Dr. Cypriano José Barata de Almeida, então recolhido à fortaleza da Ilha das Cobras:



...E Tu, grande Barata, heróico mártir,
Da preciosa e santa Liberdade,
Inda em vida recebes os troféus,
Que te consagra a Pátria.

Decantou Ulhôa Cintra os méritos do "Samuel Gaúcho":

...Amor à tua Pátria, à Liberdade,
Filantropia, retidão, prudência,
São virtudes, Jardim, que a sapiência
Há de louvar-te além da eternidade.

Ouçamos agora uma declaração brincalhona de amor Farroupilha: "Si na estância de teu peito quiseres conchavar o adorador das tuas rebeldias, suspendendo as rédeas ao bagual do coração para me recolher no seguro potreiro das tuas carícias". Aí vai a resposta: "Agradeço e aceito a oferta que me fazes, ganhando a raia dos meus afetos para chegar ao rodeio dos nossos amores".

Ao passeio ou romaria, pela cidade, dos presos na reação de Pôrto Alegre, a 15 de junho de 36, "debaixo de chuva miúda e fina", a dois de fundo, houve quem desse o nome de **Procissão dos 36 Anjinhos**, aos encarcerados do velho barco a "Preziganga", logo depois deportados para o Rio de Janeiro, onde alguns, como os doutores Marciano e Calvet, foram soltos por um habeas-corpus.

Ao barão de Caxias, davam os farrapos o nome de **O Carióca**; a Francisco Pedro de Abreu os apelidos de **Moringue** e **Fuinha** e ao coronel Joaquim Teixeira Nunes, pela certeza e rapidez das marchas com que caía sôbre o inimigo, o de Gavião. Aos portugueses, em Pelotas, — **galegalidade.**

E não ficavam os motejadores por aí. Na sátira farroupilha, a ofensiva desventurosa de Elzeario, a rumo de Rio Pardo, valeu-lhe em chocarreira alusão a ligeira escaramuça que o brigadeiro-presidente fizera passar por feito estrondoso, o cognome de — **herói do Barrovermelho**...

Quando, no combate do rio S. Gonçalo, foi ferido no rosto por um tiro de bordo o chefe revolucionário João Manoel de Lima e Silva, membro da Sociedade dos **Marimbondos**, sendo conduzido, em rêde, para a cidade de Pelotas, onde, pela primeira vez na Província, se decidiu o plano claro da Revolução — apareceram, alusivos ao fato, versos publicados no **Liberal Rio-Grandense**, em represália a trovas feitas a Bento Manoel:

**Fogo e mais fogo**, grita o estulto Lima
**Ao saque, ao saque cafilas rusguentas,**
— Eis nossos bravos súbditos respondem:
Vôa a metralha e dá-lhe pelas ventas.

"Lá vai na rêde o general das pilhas
Assaz bem convidado desta vez,
Folga a justiça, as fúrias se esgadelham
Faz a metralha o que o algoz não fez".

Como outra nota que bem caracteriza o ânimo das matronas Rio Grandenses da época, conta-se que Dona Joaquina Borges, moradora em S. José do Hortencio ao saber do bandeamento de Bento Manoel, mandou endiabradamente comprar um copo com duas caras e guardou cuidadosamente até que um dia o filho de Sorocaba passando pela casa dela pediu água; Dona Joaquina foi em pessoa levar-lh'a no tal copo, dizendo-lhe: — Êste copo está muito pem a propósito de V. Exa. O General riu-se e bebeu. Pouco depois de ter assumido em 1840 a presidência do Rio Grande, o General Andréa que se tornou conhecido pela facecia dos seus despachos, em verso ou prosa, foi que se deu nos limites de Pôrto Alegre um grotesco combate naquele momento em que a cidade estava toda sitiada por terra por fôrças Farroupilhas. Andréa, para poupar seus homens, tratou de alistar em Palácio sem indagar mesmo si sabiam ou não pegar em armas tudo quanto era estrangeiro, Portugueses na sua quasi totalidade, pedreiros, carpinteiros, estivadores, chacareiros, carreteiros, quitandeiros, uns de sapatos, outros de chinelos, pouquíssimos de



botas e a maioria de tamancos, que, assim, bizarramente formavam a fôrça verdadeiramente carnavalesca dos guardas noturnos legalistas das trincheiras da Capital. Eis que, numa noite de calmaria não muito distante ouve-se um estranho rumor e aquelas fôrças sem cadência são convocadas para uma surtida lá pela várzea, coberta de arbustos, de moitas e macegas. E lá se vão os improvisados defensores do General Andréa que também era Português de nascimento, ao traquetraque dos tamancos e chinelos, quando de repente, da espêssa moita desponta à cavalo meia duzia de Farrapos, um dos quais bradou: — Alto lá! Quem vive? E bruscamente assustados os recrutas bizonhos (pernas p'ra que vos quero?) dão às de vila Diogo... então "como se gargalhasse, roncou, alegremente o som da caixa Farroupilha" e assim a toque de caixa os mercenários foram tocados para dentro da cidade por seis ou sete republicanos que em suas lanças iam espetando como troféus os chinelos, os sapatos, e os tamancos abandonados pelo caminho. Era o que se via no dia seguinte dêste célebre combate que os Farrapos cognominaram, humorìsticamente e com espírito de justiça, combate dos tamancos. Ficou, por sua vez, famoso um certo padre, natural de São Paulo, violento e turbulento que, nos dias seguintes ao 20 de setembro andou armado de uma palmatória pelas ruas de P. Alegre em "endemonhadas travessuras" à frente de um grupo de exaltados desfeiteando e agredindo os Caramurús. Furioso, aplicou a muitos portugueses o bárbaro castigo dos bolos, obrigando, depois, os pacientes, infelizes, a passar recibos do que êle chamava pagamento das ofensas que o partido nacional havia sofrido. Nasceram daí os seguintes versos, cantados na época pelos trovadores da legalidade:

...Muitas revoluções
nos aponta a antiga história
Mas só nesta se receita
O vergalho e a palmatória.

Mas ainda aqui, quem com lenho fere com lenho será ferido lá diz o ditado e Sta. Luzia tão manejada pelo padre

Pedro Joaquim dos Reis acabou por se virar contra o manejador e em Pelotas no dia 30 de outubro de 35 chegou então a vez do padre apanhar bolos e passar recibo. Aos legalistas que permaneciam nas margens do S. Gonçalo os republicanos apelidaram de sapos. E por se fornecerem à custa de operações infelizes de Silva Tavares que abandonara a conjura deram o grotesco título de armazém dos Farrapos. Mas, vêde de parte à parte a nobreza dos documentos da capitulação de Pelotas em 25 de abril de 36: "A fôrça que tenho a honra de comandar, querendo evitar a efusão de sangue de seus compatriotas, que necessàriamente correrá, si êles não admitirem uma capitulação honrosa, declara: Que deporá as armas si o Comandante da fôrça que sitia garantir as vidas e todas as demais considerações com que entre os povos civilizados se costuma tratar aos prisioneiros; protestando, no caso de se lhes negarem condições, não as abandonar senão quando tenham exalado o último suspiro, porque prezam mais a honra do que a vida. Major Manoel Marques de Souza, Comandante militar da cidade de Pelotas. E isto foi respeitado em toda a plenitude pelo comandante Farroupilha João Manoel de Lima e Silva. O feitio da barba uzual entre os Farrados era a pêra; e Antonio Vicente da Fontoura, numa de suas cartas à espôsa Dona Clarinda, gracejou. "Minha fisionomia tem qualquer cousa de simpático porque de quasi todos os meus companheiros tenho sido obsequiado e isto quando a minha solitária pêra gira entre tantos bigódes e que seguramente não póde ser bem olhada". Acompanhou Antonio Vicente da Fontoura quando foi tratada a pacificação no Rio de Janeiro, Zeferino Martim da Cunha, rude gaúcho que, estando uma noite em um Teatro, enquanto Fontoura conversava um pouco retirado, alguns jornalistas interessados em saber notícias do Rio Grande apertaram com perguntas a Zeferino que lhes respondia o melhor que podia. Afinal, muito instado, não tendo como desenredar-se de algumas contradições, olhou para o lustre do centro e, atilado, saiu-se com esta, muito sèriamente, em voz alta: — Cuê pucha! mas que lampeão grande. Não precisou mais nada. Foi o sinal da debandada



geral e Zeferino, assim, fazendo-se de tolo livrou-se dos importunos interrogadores.

* * *

Senhores, é de todos os tempos e países o costume de darem os partidos sobriquetes e apelidos até ridículos aos seus adversários. Quando os habitantes dos Países Baixos revoltados contra a Espanha foram chamados de Gueux esta designação denotava que os seus inimigos os julgavam vagabundos e aventureiros. No Rio Grande do Sul na éra soberba de 35 percorriam a sociedade em suma quatro correntes de opinião partidária: Os legalistas moderados, os centralizadores ou legalistas exaltados, os revolucionários moderados e os separatistas. O partido Português que tinha por objeto a volta de Pedro I.º ao Brasil, não mais como Imperador mas como tutor de seu filho que mais tarde o sucedeu no trono, era conhecido pelas denominações de partido Caramurú (homens de fogo, isto é, da tirania militar), retrógado, conservador, restaurador absolutista.

Aos comodistas, a pilhéria das ruas, no Rio de Janeiro, apelidara de **tatús ou caracóis**, por se pôrem a coberto, a bom recato, sempre que alguma ameaça pairasse no ar.

Possuidos de exaltação, os partidários da liberdade enfrentavam as arruaças, recitando canções satíricas, de repulsa aos elementos advenas também apelidados "Camelos", "Corcundas", "Carimbotos":

...Há muito lombilho novo,
Caronas de couro crú,
Pois já vai chegando o tempo
De ensilhar Caramurú.

Quando o General Andréa ordenou uma intensa recruta de que não ficaram excluídos os estrangeiros alegou um dos voluntários de pau e corda ter nascido em Portugal, recebendo o seu requerimento êste despacho:

...Si você é Português,
Eu também o sou;
Venha pr'a o serviço,
Qu'eu já cá estou.

A fôlha de combate "O Republicano" que em 1834 pregava abertamente a idéia Federativa ostentava no cabeçalho o verso de Voltaire:

Voilà ce que je suis et ce que je veux être
soit grandeur, soit vertu, soit prejugé peut-être.

E o "Mensageiro", trazia em 35, a inscrição de Guizot:

"Soyez juste, sage, ferme, modéré, et ne vous inquiètez de rien".

Os exaltados defendiam a idéia Federativa que não era apoiada pelos Liberais constitucionalistas, filiados à célebre associação política chamada Defensora da Independência, creada pelo partido Liberal moderado, que tinha por lema, segundo Evaristo da Veiga, trabalhar, com prudência e moderação, para que não se perdesse nos abismos da dissolução social a gloriosa revolução de 7 de abril de 1831. E, em Pelotas, em Jaguarão, no Rio Pardo e no Rio Grande, se estabeleceram quatro filiais daquela associação que no dizer do General Abreu Lima, governou verdadeiramente o Brasil pelo espaço de quatro anos e foi realmente outro Estado dentro do Estado, porque sua influência era a única que predominava no gabinete do Rio de Janeiro e nas Câmaras e sua ação mais poderosa que a do seu govêrno, se estendia por todos os ângulos do Império. Por isso, os absolutistas ou Caramurús, trataram de fundar em Pôrto Alegre uma filial da sociedade creada no Rio, a Sociedade Militar, inteiramente adversária dos liberais moderados e que a pretexto de defender o espírito da classe militar, outra cousa não queria senão restabelecer princípios reacionários, tanto que os seus dirigentes eram oficiais pouco criteriosos e absolutistas emperrados em seus erros e



para quem as idéias novas eram outras tantas blasfêmias. Felizmente, êles não puderam crear a projetada sociedade que se chegou a ter 80 sócios em Pôrto Alegre não obteve uma só assinatura em Pelotas, no Rio Pardo e no Rio Grande. Deu-lhe o golpe mortal uma representação de cidadãos patriotas, em outubro de 33 levada por três juizes de Paz e pelo povo ao então Presidente da Província Desembargador José Mariani que teve que ceder depois de recalcitrar, pois sempre fôra odiado pelos liberais e só freqüentado pelos retrogados que faziam garbo do seu absolutismo e tinham como órgão na Imprensa o exagerado jornal chamado "Idade de Ouro" e mais, a "Sentinela" e o "Inflexível", combatidos pelo "Recopilador Liberal", firme em não pactuar com os restauradores e pelos sete de abril, Democrata Rio Grandense, o Inexorável e a Idade de Pao. O redator dêste, Pedro José de Almeida, o Marat Farroupilha, extremado e inteligente patriota, alvo de ferrenhos ataques do adversário, tinha um defeito físico, claudicava de uma perna, e isto serviu para mote de um soneto em que se o expunha ao ridículo. Êle respondeu com vérve admirável e explosiva:

Defeitos naturais não envilecem
Uma alma bem formada, ó vil galego,
Recorda-te o Camões, torto labrego
A quem as Musas elogios tecem.

Virtudes com sarcasmos não fenecem,
Sejam filhas do Brasil ou do Mondego;
Aprende estas lições ó meu borrego
Que bem pode ser que te interessem.

O homem que pintou a Musa tua
Não fez caso de ti, não te avalia,
Constante segue avante a marcha sua.

Pátria, honra, virtude, êle aprecia,
E como aos versos teus não retribua
A resposta de páo melhor seria.

O presidente Mariani que entrou a exercer perseguições contra os adversários dos Caramurús classificava o partido oposto de Republicano, dizendo em um ofício à Câmara Municipal de Pôrto Alegre que êles tinham planos horrorosos entre mãos. E os liberais exultaram ao cessar o govêrno daquele administrador sendo substituído por um Rio Grandense que fôra republicano em Coimbra numa associação secreta intitulada "Gruta" lá composta de Brasileiros, para quando regressassem à Pátria promoverem a proclamação da Democracia. Era êsse novo Presidente o Dr. Fernandes Braga empossado a 2 de maio de 34 e que si nos primeiros tempos de govêrno contou com a estima e apôio dos liberais, chefiados pelo prestigioso Coronel Bento Gonçalves da Silva, foi perdendo essa confiança, indeciso e frouxo, instigado pelo seu imprudente e impetuoso irmão Pedro Chaves, de geito que ao findar o ano de 34 já o Recopilador Liberal qualificava o Presidente de inepto, de traidor, de incapaz de conservar a amizade com quem nutria em seu coração a sigeleza e a sinceridade; e por sua vez, os seus defensores chamavam os liberais (no Correio Oficial N.º 1, de 7 de dezembro) de farroupilhas, pobretões, motinos, sujeitos que, desconhecendo todos os laços de obediência e ordem, procuravam submergir a Província na confusão e na anarquia. Transplantado para o meio rio-grandense, o têrmo pejorativo — farroupilha — começara a aparecer com as agitações liberais de 1831 havendo documentos de 32 em que já se faz menção do Partido Farroupilha, e outros de 1700 existentes no Arquivo Nacional, sôbre grupos de farroupilhas no Rio de Janeiro, isto é, de rebelados contra imposições iníquas dos governos.

E daquelas acusações de anarquismo fizeram-se portavozes o precipitado Presidente Braga e o Marechal Sebastião Barreto, Comandante das armas. Não preciso dizer-vos como, para sacudir o jugo que os oprimia os chefes liberais dêsses inclitos pobretões, dêsses farroupilhas do nobilíssimo Bento Gonçalves, não preciso dizer como se saíram da intriga que tocara ao auge incriminando-os oficialmente de planejarem de mãos dadas com o Caudilho Oriental "Lavalleja" a separação do Rio Grande do resto do Brasil, para sua Federação com o Estado Oriental. Mentira! Lembrai-vos do manifesto de Bento Gonçalves, proclamando logo os seus objetivos de restaurar o império da Lei, de consolidar a Constituição, de garantir as liberdades pátrias de seus ataques, tanto mais terríveis por isso que eram exercidos à sombra da carta Constitucional.



* * *

No entanto, em menoscabo a êsses caracteres que tinham firmeza no amor à liberdade como um labéu infamante os adversários da rebeldia crearam pelo desprêzo o agnome, a alcunha de Farrapos, pensando feri-los no orgulho de sua pobreza, por um qualificativo que se converteu em título de glória. E cuidaram satirizar a sua obra política de justiça e fraternidade, classificando ainda por desprêzo, o regimen que surgiu, de república de Piratiní, assim pretendendo inculcar a insignificância do inimitável rasgo praticado pelo nome de uma pequena Vila que foi a cidade sagrada, a Méca, a Jerusalém de 35.

No popularío, no folk-lore pernambucano, há uma quadrinha, contra o elemento liberal, na revolução Praieira, resumbrando aos ódios contra o presidente Chichorro:

Tudo passa, tudo morre,
Neste mundo de cachorro,
Só não morrem os Chimangos
Chica Polka e o Chichorro

(alusão a uma bailarina que tivera instantes de notoriedade).

Não falha a sabedoria do povo, si queres conhecer o vilão entrega-lhe o poder na mão: Já os retrógrados dominantes haviam dado aos liberais o qualificativo que estes aceitaram, com garbo e ufania: chimangos, como aceitaram depois o de Farrapos, pois, era designado no tempo colonial o corpo em que se recolhiam as praças despresíveis do exército por corpo de chimangos. Os dicionários registram o têrmo como brasileiro de Minas, dado aos liberais pelos Portugueses Cara-

murús e os vocabulários gaúchos dão-lhe o sentido que se foi buscar à ornitologia de ave de rapina comum na campanha. Bárbaros castigos as autoridades coloniais impunham ao referido corpo e na maldade dos déspotas, o regimen da fôrça marcava o acúmulo de crimes contra o qual ia sublevar-se uma terra vitimada pelos mandões do tempo. Pois bem, justamente o emissário enviado ao Rio Grande depois de 7 de abril para o contra revolucionar e numa expressão da época estabelecer aquí o império do caradurismo êsse emissário Major Visconde de Camamú foi dos primeiros a cair do cavalo à baixo, na véspera de 20 de setembro, quando no choque inicial da ponte da Azenha os Farroupilhas de lança em riste atravessaram-lhe uma coxa e o major que graças à escuridão da noite conseguiu embrenhar-se por entre uma cêrca de espinhos de unha de gato que por alí havia, chegou ao Palácio do Govêrno, sem barretina, tal como o retrógrado conhecido por Corneta do Despotismo se escapara atolado até o pescoço na várzea, perdendo a armadura e os quatro pés que o conduziam, agradecendo não ter perdido a vida, como sucedeu alí ao famoso Prosodia, foliculário de desbragada linguagem, Antônio José da Silva Monteiro. Contraste com o episódio que iria imortalizar Manduca, Carvalhinho, um dos três farrapos que se bateram contra trinta imperiais em fins de julho de 1844, numa estância à margem do rio Vacacaí no Município de S. Gabriel, feito êsse que constitúe uma das páginas mais brilhantes pela bravura senão pela temeridade dêsses três heróis imortalizados: Manoel Carvalho de Aragão e Silva, Seseíredo Alves Coelho de Mesquita e Polycarpo Pereira de Carvalho e Silva.

... A estância
Da Calera, no alto, aparece à distância,
toda branca a crescer na paisagem. Ao lado,
corre o Vacacaí, por um mato cerrado
debruando os desvãos das quebradas distantes.
... De trinta homens ou mais era composto o bando
que, para os combater, se armara fortemente.
... Não lhes atemoriza o coração valente



O número e o valor dos guerreiros contrários
... Empenha-se o combate. O Pampa verde vibra
O eco repete, à beira das quebradas,
o contínuo estrugir das armas disparadas
pela fôrça imperial contra os três bravos.
... Enfumarada, em pó sòmente os dois Carvalhos
as espadas na mão, os ponchos em frangalhos
flutuando pelo ar como estranhas bandeiras
rasgadas ao fragor de campanhas guerreiras,
... Já senhores do campo, assistem a vitória
do feito assinalado.
... E Militão do Canto, o próprio comandante
O cavalo aperado de prata
Abandonara, a custo, num cercado.
... ao clarão do luar,
como um alto relêvo em bronze os farroupilhas
assumem proporções de centauros gigantes
no largo pedestal do tôpo das coxilhas.

Bento Gonçalves, o irmão pelo valor, dos Oliverios e Rolandos, como o chamou Garibaldi; Bento Gonçalves, o cavaleiro andante do ciclo de Carlos Magno, o soldado das campanhas reais, de máscula formosura, o guerreiro da Independência o chefe da grande revolução, o presidente da República de Piratiní, até a êle arremessaram a alcunha, citada por Antônio Vicente a proposito de Canabarro ter visitado a barraca do Bambaqueré. Produzira-se, em fins de 1842 no Alegrete uma cisão entre os deputados na assembléia constituinte e que ainda mais se agravou com o assassinato de Antônio Paulino da Fontoura atentado que, por não se ter descoberto o real motivo no primeiro momento, foi atribuído pelos dissidentes ao presidente da república. Bem outro fôra o móvel do crime, mas o triste fato veio também dar origem ao desagravo de Bento Gonçalves num soberbo evento que levou à morte o valente e agigantado Onofre Pires no memorável duelo realizado cêrca de meia légua distante do acampamento na várzea de Santana, nas margens de um capão e após o qual apresentando-se Bento Gonçalves à prisão e querendo

entregar a sua espada ao comandante em chefe do exército, êste lhe respondeu: — Para sustentar a espada de Bento Gonçalves só conheço um homem: Bento Gonçalves.

* * *

Quem era Pedro Boticario o "Billaud-Varenne", o Marat-Farroupilha? e o Chico da Botica? e quem era o Menino Diabo e o Caporoca? Senhores, o riso nem sempre está nas pessoas, está dentro de nós; e como esclareceu um mestre, o homem ri por três motivos principais: por um ato reflexo, difícil de explicar, que repuxa para as orelhas, como dizia Voltaire, o musculo zigomático; e o homem ri na descarga do riso intelectual em face de inesperados antagonismos e contrastes, ou então com a ironia e o humor dos gêneros, duas feições intelectuais do riso impessoal, riso sem riso quasi, triste sorriso, amargo no canto dos lábios que pode ser sem agressão como um riso da superioridade de espírito que se desprende das condições de simpatia ou antipatia humana. Não é de admirar que os Farrapos fôssem capazes de rir, si já no Céu "leve e azul da creadora Grécia aguçada pela dialética das academias e pelo exercício das controvérsias na Agora Ateniense chispava a faisca da ironia ao choque das opiniões políticas ou filosóficas: era o tempêro do sal ático que, fazendo rir com os olhos maliciosos estimulava o gôsto das palestras assim como o sal inglês faz rir com o canto da bôca fechada"... Falo-vos de Pelotas, no berço ridente de Ferreira Vianna que soube menear os segredos do esprito Helênico resumindo num dito à crítica de um acontecimento e pintando com uma anedota uma situação, como um vassalo da ironia, essa graciosa fada que o ajudou a defender os interêsses supremos da pátria e da humanidade, libertando os escravos, com as virtudes cristãs e Rio Grandenses do seu coração cheio de bondade militante...

* * *



Sim, minhas senhoras e senhores, os Farrapos foram romanescos e gloriosos, no melhor sentido da palavra por que sentiram a alegria do amor e a alegria das idéias tangidos pela crença clara de que despontou a intuïção subconciente da grandeza incomparável do Brasil. Perseguidos tenazmente de município em município, em dezembro de 1843 já não ocupavam localidade alguma da província, mas nunca, como nesse transe, foram tão admiráveis pela abnegação e pela bravura, de que se pode orgulhar o Rio Grande, sacrificando-se, em marchas e cargas mortíferas do inimigo, a ponto de se dizer que êles foram então mais Farrapos do que nunca! Não havia como esconder. Aquilo era o fim. Foi quando a presença de uma mulher no exército produziu escândalo, uma mulher casada com um boticário filho do Rio de Janeiro, João Duarte que tinha nas fôrças de Canabarro o cargo de Médico. Um dia, em marcha, êle levava ao ombro uma gaiola de papagaio e um oficial Farrapo por uma pilhéria salgada batizou-o de Dr. Gaiola e a mulher de Papagaia, "chave da surpresa de Porongos".

* * *

Senhores. Foram dez anos de heroicidades e desgraças, "Dez anos!... Não! Dez séculos augustos, — de lutas e belezas"... Entre o dia em que por patriotismo começou essa eclosão de uma raça e o dia, em fevereiro de 45, em que também por patriotismo foi concluida a página de ouro dos nossos anais, quando no coração daqueles Rio Grandenses que sempre repeliram as alianças propostas pelo caudilho Rosas, não podia ecoar insensivelmente à insólita ousadia com que o tigre de Palermo afiava as garras para invadir o Brasil. Permiti, em conclusão que eu vos traga um depoimento fidedigno de meu inolvidável Pai Dr. Fernando Luiz Osorio, de seu próprio punho escrito há 40 anos, narrando que, uma vez partira desta cidade de Pelotas ao lado de seu progenitor o General Osorio em dire-

ção à Santana do Livramento. No alto de uma coxilha ambos se detiveram para descançar, descendo do veículo em que viajavam. O dia estava plácido, claro e belo. O sol de verão iluminava as campinas, sôbre elas lançando suas ardencias e descortinando largo horizonte às vistas do observador. Veio à lembrança falar da guerra dos Farrapos e o filho extremoso perguntou a seu pai si por alí não tinha êle outrora passado com os seus companheiros d'armas e si não havia sítio perto onde se travara alguma peleja. — "Todos êsses campos que avistas, respondeu o veterano, apontando, — foram percorridos pelos soldados do império e da república. Eu os percorri também e levando a tristeza no coração porque eu sempre tive horror, à guerra civil, à guerra entre cidadãos da mesma pátria. Bem junto a nós está um sítio que nunca há de ser esquecido — Ponche Verde. Êste nome recorda um combate sanguinolento e lembra também a pacificação, a data, para mim, mais gloriosa dessa época!... Aí, os republicanos, que se bateram com valor, transigiram com dignidade, e os imperialistas que os perseguiram com pertinácia, os receberam com amor. E ainda por algum tempo foi discorrendo sôbre a nova Troia, movimento que justificou por ter sido verdadeiramente popular e unânime, embora sossobrasse a república dêsses heróis que êle julgava inimitáveis, dignos adversários dos que formaram nas fileiras da legalidade. E meu Pai lhe perguntou: — Como se explica que uma república acusada de ter vindo tão fora de tempo tivesse durado tanto? — Pela constância dos seus Chefes, pela sua tenacidade que valeu mais que um exército, e depois pela inépcia do govêrno imperial que cuidou mais de política do que da administração e mesmo pela falta de habilitações dos Generais a quem entregou a direção da guerra, porque, depois que os republicanos, por motivos diversos, começaram a mostrar fadiga e um certo enfraquecimento, nomeado Caxias êste teve o bom senso de não se deixar dirigir pela Côrte e cercando-se de gente capaz de comandantes afeitos ao gênero da guerra peculiar ao Sul e creando numerosas fôrças providas convenientemente de



todos os recursos lògicamente teve de vencer. E a verdade, senhores é que a paz de 45 pôs têrmo a essa Epopéia, negociada, porém, de potência a potência pelo govêrno imperial com a ínclita gente Farroupilha! cujos mentores, de conciência leve e satisfeita, morreram paupérrimos, mesmo os que entraram para a revolução abastados à custa do seu trabalho, cercados de respeito e de bênçãos, para que um dia, que não pode estar longe, se erga da terra santa do Rio Grande um Monumento magestoso à memória dêsses heróis continentinos, padroeiros da dignidade e do civismo que, lutando para não serem escravos na sua própria casa, dormem o perpétuo sono da glória. E, então, diante dêsse monumento, como em face de um altar, os seus descendentes, ajoelhados, repetirão que êles presavam, alegremente, o seu nome de Farrapos, porque tendo o orgulho honrado da sua pobreza, acampando e dormindo ao relento, com a face voltada para as estrêlas, êles eram mais ricos assim, olhando, não para si, mas para o infinito Céu sem raias do Rio Grande e para a vastidão querida das coxilhas visionárias, como os dois infinitos em que, na frase de Bilac, os Farrapos dilataram e irradiaram o seu grande ideal de Liberdade e de Justiça.

# *A Patria do Gaúcho*

**Síntese histórica da formação do Rio Grande do Sul**

*Castilhos Goycochêa*

## ANTECEDENTES

**Até o fim do século XV a terra imensa que é o Novo Continente, banhada por quatro oceanos, traço de união entre os dois polos da Terra, era desconhecida do homem branco.**

**Vagas referências, apenas, são feitas a navegantes escandinavos que no século X.° teriam aportado às costas do Canadá.**

**O fato real, porém, é que só em 1492 o europeu pisou terra americana.**

**O seu dono, até essa data, era o homem amarelo, vindo não se sabe de onde, como e nem quando.**

A transição do século XIV para o XV é assignalada por uma inquietação na Europa no sentido da emancipação ao comércio das especiarias, em mãos dos mussulmanos.

Portugal, já livre da dominação mourisca, compreendendo os riscos de uma concurrência no Mediterrâneo onde o Veneziano — aliado do Árabe — imperava, pensa no caminho do mar, para atingir o Extremo Oriente.

O infante D. Henrique — "o navegador" — funda para isso a Escola de Sagres, onde se preparam as expedições marítimas que de 1419 até 1498 deixam a Europa em busca das Índias, contornando o Continente Negro.

Espanha, depois de oito séculos de guerras incruentas com o inimigo da fé cristã, não pode, desde logo, acompanhar as tentativas do visinho e rival.

Inglaterra e França exaustas por duzentos anos de guerras, desinteressam-se do emprendimento.

As demais nações do Velho Continente, ainda sem organização séria, também não podem pensar na aventura.

E' assim que o lusitano, sem emulação mas sem riscos, durante todo o correr do século XV, pode viajar em direitura à terra ambicionada, chegando a ela em 1498.

Vasco da Gama que comandara a expedição, traçara o caminho marítimo para a Índia fabulosa.

---

Enquanto Portugal, com os olhos fitos na Índia, persistia no seu afan de atingí-la por mar, Espanha a 2 de janeiro de 1492 conseguia expulsar os mouros do seu último reduto na Península Ibérica (Granada).

Isso feito, os reis Fernando V e Isabel, que desde 1486 mostravam interêsse pelo sonho de Cristóvão Colombo, de alcançar "el levante por el poniente", asseguram-lhe o auxílio para a expedição que logo a 3 de agôsto de 1492 deixou o pôrto de Palos, rumando para o ocidente.

A 12 de outubro dêsse mesmo ano, a esquadra espanhola a mando do almirante genovês que viajava na caravela SANTA MARIA, chega à ilha Guanahani, do arquipélago das Lucayas.

Estava descoberto o Novo Mundo.

---

João II, de Portugal, recebeu com despeito a notícia e preparou-se imediatamente para agredir Fernando V, em seu reino. Alegava, para justificar a agressão, a bula pontifícia de 8 de janeiro de 1454 que lhe concedera "o direito de conquistar todas as regiões habitadas por infiéis e reduzir seus habitantes á escravidão".



O papa Alexandre VI, entretanto, por meio de outras bulas, conseguiu evitar o conflito iminente, até que a 7 de junho de 1494, por seus delegados, Portugal e Espanha assinam em Tordezillas a convenção segundo a qual a linha divisória dos dois domínios, riscada de polo a polo, passaria a 370 léguas a oeste da ponta do Tarrafal, na ilha de Santo Antão, a mais ocidental do arquipélago de Cabo Verde.

Essa convenção, chamada de TRATADO DE TORDEZILLAS, é "o primeiro capítulo da história diplomática da América".

---

Afastada a hipóthese de uma guerra imediata na Península; conhecida a existência de terras a serem conquistadas no ocidente; e delimitada a raia da ação de cada um, Portugal e Espanha fizeram-se de vela para o Novo Mundo.

Iam começar a representação do grande drama que é a conquista da terra americana, cujo último ato teria como palco as coxilhas gaúchas junto ao rio Uruguai.

---

Colombo, a serviço da corôa espanhola, três vezes mais volta á terra que descobrira. Em 1493 visita as Antilhas; em 1498 chega á foz do Orenoco e arriba na costa da Colômbia; em 1502 explora as prais da América Central a procura do canal que daria passagem para as Índias.

Ojeda, também da Espanha, em fins de 1498, chega ás costa das Guianas.

Do mesmo país, Vicente Yañes Pinzon e Diogo de Lépe, percorrem a costa ocidental da Sul América, do cabo de Santo Agostinho até a embocadura do Orenoco.

Juan Dias de Solis e Yañes Pinzon, em 1508, chegaram a Honduras e Yucatan.

Vasco Nuñez de Balbôa, em 1513, descobríu o MAR DO SUL — o Oceano Pacífico — fato que veiu demonstrar o êrro

do que até então era aceito: que a terra recem descoberta era a Índia.

Em 1515 é Solis que volta á América, não mais em busca do canal que se supunha existir no gôlfo do México, mas que estaria no sul do continente. Penetra, com êsse fim, no estuário do rio da Prata, em fevereiro do ano seguinte.

A Fernando de Magalhães, a serviço também do rei d'Espanha, estava reservada a descoberta do almejado canal. De fato: tendo deixado Sanlucar a frota sob seu comando em 20 de setembro de 1519, voltou ao mesmo pôrto no dia 7 de setembro de 1522, depois de ter estado nas Índias. Fôra, também, a primeira viagem de circumnavegação da Terra.

Em 1535, Pizarro funda a cidade de Lima, que viria a ser o centro da dominação castelhana no Pacífico e Pedro Mendonza lança as bases de Buenos-Aires que seria mais tarde o ponto de irradiação da autoridade espanhola no Atlântico.

Logo a seguir, em 1536, Ayalas funda Assumpção; dois anos depois Santa Fé de Bogotá é fundada por Quezada; Santiago resulta da incursão de Valdivia, em 1547, ás terras Andinas do sul.

Assumpção assume, em 1538, a posição de centro da expansão castelhana no sul. Partem daí expedições em todos os sentidos pelos caminhos fluviais. O rio Paraná é a grande estrada que leva o conquistador até Ciudad Real, em 1557.

Em 1611 os jesuítas são investidos na direção dos povos fundados até essa data, nas margens dos grandes rios.

Ao padre Roque Gonzales, dessa Ordem, é cometida a catequese dos indígenas que habitavam a margem oriental do rio Uruguai, onde é martirizado com outros companheiros.

A atividade de Espanha, no sul, tem como eixo o rio Paraná e no norte o seu ponto de irradiação é Lima.

Tudo se fazia, portanto, longe da raia de Portugal.



Portugal, a seu turno, alonga-se no sentido da terra nova. Pedro Álvares Cabral, em 1500, aporta ás costas da Baía.

No ano seguinte nova expedição lusa percorre a costa brasileira desde o cabo de São Roque até o cabo de Santa Maria, no Uruguai.

Em 1503, Fernão de Noronha, com uma frota de seis navios, fez-se ao mar em busca da terra crismada de Vera Cruz.

Affonso de Albuquerque no mesmo ano alcança a terra americana.

Francisco de Almeida, Tristão da Cunha e Vasco da Gama logram o mesmo fim em 1506.

A ascenção de João III, em 1521, ao trono vago com a morte de D. Manoel, trouxe uma nova era de atividades em prol da terra de Santa Cruz.

Para a sua colonização dividiu o território conquistado em capitanias hereditárias, sob um govêrno geral com séde na Baía.

O primeiro Governador Geral, Thomé de Sousa, estabelece o regimen de administração pública e fomenta o comércio com a metrópole.

A expansão dominadora faz-se, então, em parte por iniciativa particular e em parte com o auxílio oficial.

Essa expansão, rumo sul, em 1556 teve solução de continuidade com a fundação de Laguna pelo paulista Domingos de Britto Peixoto.

---

A actividade dos conquistadores íberos, nessa época, é muito grande. Cada qual, porém, respeitava a linha traçada pelo báculo de Alexandre VI e aceito em Tordezillas.

Espanha procurava o oeste dessa linha; Portugal agia a léste dela.

A terra era grande e os homens eram poucos, embora a sua cobiça não tivesse limites.

E' assim que os castelhanos desembarcados nas terras da América Central vão descendo, rumo sul, pela costa do Pacífico, emquanto a gente lusitana vai aportando na margem do Atlântico e se estabelecendo na periféria.

Ao sul do continente, nas terras banhadas pelo Atlântico mas já fóra da linha aceita em 1494, vão também se instalando os de Espanha.

Portugal sobe até o Amazonas e desce até a ilha de Santa Catarina.

Espanha, vinda pelo Pacífico, desce a Cordilheira dos Andes encontrando seus agentes estacados na margem esquerda do rio do Prata.

Durante mais de dois séculos nem os de Castella se animam a vadear as águas doces do estuário, nem os portugueses tentam avançar em direitura sul.

Respeito ao pactuado em Tordezillas? Talvez. Principalmente tendo-se em conta que Portugal e Espanha tinham seus domínios limitados por uma linha imaginária que começava a riscar a terra americana do sul em Belém, no Pará, e em Laguna, em Santa-Catarina, entrava no mar oceânico.

Portugal, portanto, não podia avançar além de Laguna porque as terras ao sul dessa fundação bandeirante eram castelhanas.

O fato real é que entre Buenos-Aires, primeiro pôsto espanhol, e Laguna, o último estabelecimento lusitano, havia um grande trato de terras não ocupadas por nenhum dos dois conquistadores europeus. Eram as terras dos Charruas e dos Guaranís, aquelas que viriam a constituir a República Oriental do Uruguai e o Estado do Rio Grande do Sul, florões do orgulho americano porque a pátria do gaúcho brasileiro e o berço do gaúcho castelhano.

---

No começo do século XVII os padres da Campanhia de Jesús, atravessando o rio Uruguai, fundaram os Sete Povos das Missões, nas terras riograndenses do sul.



Os bandeirantes paulistas, no correr do mesmo século, também palmilharam o solo que seria a Pátria Gaúcha.

Nem os jesuitas, porém, agiam oficialmente em nome da Espanha e nem os mamelucos de Piratininga serviam a Portugal para a conquista da terra.

Os religiosos, segundo os dois governos, eram os membros de uma sociedade perigosa que pretendia o domínio civil da nova terra.

Os bandeirantes, é ponto pacífico, procuravam o selvagem para o explorarem no trabalho de suas fazendas ou para vendê-lo aos fazendeiros do Rio de Janeiro e de São Vicente.

A presença, pois, dos padres e dos bandeirantes no Rio Grande do Sul não teve, desde logo, significação política. A terra continuava sem dono europeu.

---

Não obstante, todavia, a vigência do Tratado de Tordezillas, Portugal no dia 1.º de janeiro de 1680, penetrou com uma esquadra na embocadura do rio da Prata e em face de Buenos-Aires fundou a Colônia do Sacramento.

Era um desafio jogado á Espanha sôbre ser um falseamento ao combinado em 1494. Era, igualmente, o início do último ato do drama da conquista americana.

Espanha não tardou em levantar a luva do desafio desalojando o lusitano da novel colonia.

Portugal não se deu por vencido e insistiu. E' aí que ocorre ao Govêrno Geral da Colônia a idéia de abrir um caminho por terra até o Prata. Esse caminho teria de ser pelas terras do Charrúa e do Guaraní.

---

## A DESCOBERTA

Em 1715, o Capitão-Mor Francisco de Britto Peixoto, filho do paulista que fundara Laguna, á frente de uma pe-

quena expedição de reconhecimento, deixa essa povoação e penetra ás terras do sul.

A essa, sucederam-se outras expedições de lagunenses com o fim de marcarem o caminho terrestre para a Colônia do Sacramento.

Só a 19 de fevereiro de 1737, entretanto, é que tem lugar a primeira fundação oficial na terra charrúa. Nêsse dia o Sargento-Mor de Batalha, José da Silva Pais, penetrou na barra do Rio Grande e aí estabeleceu o presídio militar JESÚS MARIA JOSÉ.

Estava descoberto o Rio Grande do Sul por Portugal.

Ia quasi em meio o século XVIII e o Brasil já contava mais de duzentos anos...

---

A expulsão dos portuguêses da Colônia do Sacramento, logo depois de sua fundação, foi o primeiro choque armado entre as gentes de Portugal e de Espanha na terra da América Meridional.

Foi, também, o início de um período de guerras incruentas entre os dois consquistadores e seus descendentes — "os brasileiros e os platinos" — que se prolongaria até mesmo depois que estes despediram aqueles do Novo Mundo.

O teatro dessas guerras foi sempre a terra riograndense do sul.

A fixação da linha divisória dos domínios das duas corôas, a causa.

---

## AS LINDES

Pelo Tratado de Tordezillas, assignado em 1494, por plenipotenciários de Portugal e de Espanha, a América do Sul ficou dividida em duas partes por um linha traçada de norte a sul que passando por Belém, no Pará, cairia no Atlântico abaixo de Laguna, em Santa Catarina.



Assim, quasi todo o território de Santa Catarina, todo o do Rio Grande do Sul e o da República Oriental do Uruguai — "para só falar no sul" — teriam de obedecer á suserania de Espanha.

A impossibilidade material de marcar no terreno essa linha, deu aso a que os lusitanos, logo depois de pisarem a nova conquista fisessem em tôrno a ela as conjecturas que lhes convinham. Foi assim que em carta de 1.º de junho de 1553, Tomé de Sousa, o primeiro Governador Geral, avisou ao soberano de Portugal que os espanhóis haviam fundado Assunção e que: "Parece-nos a todos que esta povoação está na demarcação de V. M....".

Verificando-se a carta geográfica da América do Sul observa-se, entretanto, que a capital do Paraguai está a 10 gráus a oeste da linha convencionada...

Ignorância? Má fé? Uma e outra coisa ao mesmo tempo. O próprio missivista, aliás, confessa: "... e se estas palavras parecem a V. M. de máu epiríquio e pior cosmógrafo terá V. M. muita rezão que eu não sey nada disto se não deseyar que todo mundo fosse de V. M. e de vossos herdeiros...".

Não obstante essa opinião levada a João III, Portugal parecia conformado em respeitar o meridiano convencionado. De fato, a sua ação colonisadora se fazia entre êsse meridiano e o Atlântico.

Foi a audácia do bandeirante mameluco que, penetrando o "hinterland" sem ater-se à linha imaginária que delimitava o domínio português, encorajou Pedro IV a, em 1678, expedir ordens ao Governador do Rio de Janeiro, Manoel Lobo, para fundar a Colônia do Sacramento, em frente de Buenos-Aires, a oeste, portanto, da aludida linha.

Antonio Raposo, por exemplo, á frente de uma forte bandeira, em 1628, já havia destruído as reduções jesuíticas do Paraná e deslocado dessarte o "meridiano-divisor".

Outro houve que subiu a Cordilheira dos Andes de onde chegou a avistar o Oceano Pacífico.

Foi, pois, á audácia inqualificável do bandeirante que Portugal deveu a dilatação do seu domínio americano, com

a mudança da linha de Tordezillas para 25 gráus além do acordado.

O Rio Grande do Sul é, nessas condições, uma conquista brasileira para Portugal.

---

A fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, por Manoel Lobo, é a primeira deslocação da fronteira austral de Portugal.

Daí em diante a fronteira fica em flutuação, a sofrer fluxos e refluxos.

A cada avançada portuguesa corresponden, sempre, uma reação espanhola.

No mesmo mês e ano da fundação da Colônia do Sacramento, os espanhóis ao mando de Vera Mujica, tomam-na aos portugueses.

Em 1683, em virtude do pacto firmado em 1681, entre os litigantes, é ela restituída a Portugal que é novamente expulso dela em 1705, pelas tropas de Balthazar Garcia de Ros.

Era o começo da série de avanços e recuos em direção ao sul.

Em 1750, afinal, pelo Tratado de Madrid, assinado a 13 de janeiro, são fixadas as lindes dos dois domínios — "lusitano e castelhano" — e revogado dessarte o Tratado de Tordezillas.

A habilidade diplomática do brasileiro Alexandre de Gusmão, conseguíu para Portugal, em troca da Colônia do Sacramento, vantagens apreciáveis nêsse Tratado: a posse das terras na margem oriental do rio Guaporé; as entre os rios Paraná e Paraguai; as marginais ao Madeira, até ao mar.

Estabeleceu, a bem dizer, a fronteira atual.

Deu o que não pertencia a Portugal e em troca recebeu o que pertencia a Espanha...

---



No que diz com a fronteira meridional, o Tratado de Madrid não deixou margem para discussões entre os dois velhos e fidagais inimigos, pelo menos imediatamente.

Entre ambos, porém, surge o silvícola — "o dono da terra" — dirigido superiormente pelos jesuítas, para se opor a expropriação do que era seu.

E' o charrúa indomável que ia fazer ouvir sua voz de bravo. De tal fórma êle se houve que, depois de derrotados isoladamente, em 1754 os tradicionais contendores dão-se as mãos para atacá-lo. Só assim conseguem os europeus, os homens brancos civilizados, vencer a resistência do selvagem americano, o infiel, o bárbaro...

E' a Guerra Guaraní do poema heróico de Basílio da Gama que termina na batalha de Caaibaté.

O herói dessa guerra, São Sepé, é o índio Tiaraiú que alegava "não havia direito para lhes tirarem aquelas terras que Deus e São Miguel lhes tinham dado...".

Puderam os europeus assenhorear-se da terra alheia mas depois de experimentarem duramente o protesto do expropriado.

---

Foi de curta duração o Tratado de Madrid. Vencida a resistência do gentío chefiado pelos jesuítas, em 1756, logo no ano seguinte surgem dificuldades na demarcação da fronteira combinada.

Em razão dessas dificuldades os plenipotenciários de José I, de Portugal, e de Carlos III, de Espanha, em 12 de fevereiro de 1761 assinaram o Tratado do Prado, pelo qual foi revogado o Tratado de Madrid, de 1750.

Foi a volta á fronteira que tinha como último pôsto a Colônia do Sacramento e ao recomeço dos avanços e recuos dos dominadores.

Portugal reempossado na Colônia, em virtude do ajustado, perde-a logo a seguir, para as tropas de Pedro de Ceballos, governador de Buenos-Aires, que também invade o Continente de São Pedro, designação que tinha o Rio

Grande do Sul de hoje, fazendo sua entrada triunfal na vila de Rio Grande, a 12 de maio de 1763.

A 1.º de janeiro do ano seguinte (1764), em cumprimento ao Tratado de París, firmado a 10 de fevereiro de 1763, a Colônia do Sacramento foi restituída a Portugal.

O CONTINENTE DE SÃO PEDRO, todavia, não foi restituído. Espanha apégou-se para isso no Tratado de Tordezillas.

A tentativa de Portugal para retomar pelas armas a vila de Rio Grande, fracassa em parte: não conseguiram os lusos atravessar o canal.

Ao pequeno êxito português, o Governador de Buenos-Aires, Juan José de Vertiz y Salcêdo, respondeu com uma ofensiva partida de Montevidéu em novembro de 1773, invadindo a região oeste do Rio Grande do Sul, visando restabelecer a antiga fronteira, junto ao rio Pardo, o que não conseguiu.

Só em abril de 1776 é que o exército do general Henrique Boehm, auxiliado pela esquadra do Almirante Mac Dowell, consegue retomar a vila de Rio Grande.

Em março dêsse mesmo ano, o gaúcho Rafael Pinto Bandeira, á frente de uma pequena fôrça, havia tomado o forte de Santa Tecla. O de São Marinho, em Cima da Serra, considerado o principal baluarte das Missões, caia em poder do mesmo general em outubro.

Era o primeiro gaúcho que se sagrava herói. Até aquela data eram lusitanos os que combatiam Espanha.

---

Espanha, por essa época, compreendendo a importância que tomavam os acontecimentos no lado do Atlântico, criou o Vice-Reinado do Prata, com séde em Buenos-Aires, de onde emanaria a direção das atividades militares a serem tomadas contra os portugueses.

O primeiro Vice-Rei nomeado — "Pedro de Ceballos" — não demorou em dar respostas ás vitórias de Raphael



Pinto Bandeira no interior e ás de Boehm e Mac Dowell no litoral. Parte de Espanha á frente de uma forte esquadra que, ates mesmo de ir ter á sede de sua governação, arribou á ilha de Santa-Catarina, de que se apossou violentamente em fevereiro de 1777.

Em junho dêsse mesmo ano assedia a Colônia do Sacramento e destrói tudo o que nela havia sido construido por lusitanos.

Em continuação da ofensiva envia fortes recursos bélicos a Vertiz y Salcêdo que marchava rumo norte.

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1.º de outubro de 1777, interrompeu a execução do plano militar do Vice-Rei Ceballos para deslocar a linha de fronteira em benefício de Espanha. Portugal ao assinar êsse tratado resignara-se a êsse deslocamento. Não havia necessidade, portanto, de efusão de sangue...

A fronteira, segundo o ajuste, ficou traçada da barra do arroio Chuí á foz do Perí-Guassú, passando pela margem ocidental da Lagoa Mirim até o vale do rio Piratiní, de onde subia ás cabeceiras do Camaquã, do Vacacaí e do Jacuí, para cruzá-las.

Foi a perda da metade do território do Continente de São Pedro.

Em troca da evacuação da ilha de Santa-Catarina, Portugal desistíu dos seus pretensos direitos sôbre a Colônia do Sacramento, o já secular pomo de discórdia porque um "exclave" no flanco do domínio castelhano.

Daí em diante só haveria a derimir as questões prêsas ás terras ao norte do estuário do Prata.

---

O Tratado de Santo Ildefonso foi o último capítulo da história da dominação lusitana no Brasil Meridional.

Portugal, ao aceitá-lo, estava já em plena decadência, enquanto que os primeiros gaúchos brasileiros começavam a tomar parte nas questões lindeiras. O predomínio do elemento nativo começa então a se acentuar.

As três ofensivas desfechadas em 1801 contra os de Castella, no sentido de ser retomado o território perdido no Tratado de 1777, são nìtidamente brasileiras, tanto nos comandos como nas fileiras de combatentes. Marques de Sousa, Corrêla da Câmara, Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, que as dirigem, são brasileiros natos.

A primeira dessas três ofensivas joga a linha divisória da lagoa Mirim até o rio Jaguarão; a segunda empurra-a para o oeste do Ibicuí: a terceira, levada a efeito por um punhado — "menos de meia centena" — de gaúchos capitaniados por José Borges do Canto e por Manoel dos Santos Pedroso, leva o espanhol de vencida desde o Ibicuí até o Uruguai.

E' proximamente, a volta á fronteira de 1750, acordada no Tratado de Madrid, obra vitóriosa do tacto diplomático de um brasileiro.

---

A paz assinada em Badajoz, entre Portugal e Espanha, trouxe como conseqüência a cessação da ofensiva vitoriosa dos brasileiros.

A linha de fronteira ficou, porém, onde a puseram os exércitos luso-brasileiros e os gaúchos de José Borges do Canto, isto é, arroio Chuí, rios Jaguarão, Quaraí, Uruguai. A linde atual.

---

Nenhum receio pode haver em afirmar que os limites do Brasil com os Estados do Prata foi obra dos brasileiros. A descoberta do Rio Grande do Sul, aliás, também foi feita pelos descendentes dos lusitanos nascidos na América.

As balisas marcadas por Marques de Sousa, Corrêia da Câmara e José Borges do Canto deveriam prevalecer no futuro.



A invasão da Banda Oriental do Uruguai, em 1811, por tropas luso-brasileiras ao mando de Diogo de Sousa (exército pacificador), não teve em mira uma dilatação do domínio português, mas apenas socorrer o exército espanhol sitiado em Montevidéu...

A rainha d. Carlota Joaquina, espôsa de João VI, era irmã de Fernando VII, de Espanha — "então prisioneiro em França" —. Ela quis auxiliar dessa forma os soldados seus compatrícios que garantiriam a posse dos domínios do irmão, sitiados pelos libertadores platinos.

O plano de Portugal de expender seus domínios até a margem norte do rio da Prata, só em 1816 teria execução, com a invasão da Banda Oriental pelo exército mandado por Frederico Lécor, o qual a 20 de janeiro do ano seguinte consegue assenhorear-se de Montevidéu.

A luta já não era entre Portugal e Espanha — os descobridores e colonizadores da terra americana — para estabelecerem as raias das suas dominações.

Era João VI, então homisiado no Brasil, que pretendia dar realidade ao sonho de João III, no século XVI, de fixar o extremo meridional da colônia lusitana no rio da Prata. Espanha a êsse tempo já havia sido despedida do novo continente.

O rei de Portugal não quís vêr, porém, que os naturais da terra, do outro lado do Prata, já haviam despedido os de Espanha, e que, pois, a sua cobiça, não mais seria exercitada contra o silvícola ou contra o rival íbero, mas contra o descendente indomável dêsse.

O fato real é que a linha de fronteira foi, ainda uma vez, deslocada em favor de Portugal.

Em 1825, entretanto, a mudança se fez novamente, mas para traz, em benefício do gaúcho uruguaio.

O Brasil, dessarte, entrara definitivamente nos limites fronteiriços traçados pelos rio-grandenses do sul em 1801.

---

Portugal ao mudar a linha divisória de seus domínios, em 1816/1817, encerrou a sua ação conquistadora. Pouco depois despediam-no para todo o sempre das terras descobertas por seus navegadores ao raiar o século XVI. O que haveria de ocorrer ainda, em questões lindeiras com os visinhos, seria resultado da sua política de cobiça, de ambição, de imperialismo europeu.

Espanha também já fôra despedida pelos povos nascidos ao grande ar da terra colombiana.

Encerrou-se assim o ciclo dos descobrimentos e teve fim o grande drama da conquista da América Meridional.

Portugal e Espanha, pobres, exaustos, volveram ao velho continente, á sua península, de onde haviam partido três séculos antes, impelidos por seu espírito aventureiro, em busca do caminho do mar que os levasse à India fabulosa das especiarias.

O Deus Acaso pô-los, a um e a outro, na costa de um continente desconhecido, cheio de seiva, varrido por um ar demasiado leve para as suas mentalidades pesadas de preconceitos de toda a ordem: de raça, de religião, de castas sociais.

Não souberam adaptar-se às condições de vida nas terras que a sua energia desbravou, que a sua fôrça conquistou à Natureza e ao nativo, que a sua inteligência organizou.

Tiveram, por isso, a sorte de todos os colonizadores — ingleses inclusive — ao fim de sua obra: a expulsão.

---

À Espanha ficou a glória de ter fundado na América do Sul nove países onde o seu idioma ainda é, e sempre será falado.

Portugal pode jactar-se de igual glória na fundação de um povo que habita um território de oito milhões e quinhentos mil quilometros quadrados e que o idioma "em que Camões chorou, no exílio amargo, o gênio sem ventura e o amor sem brilho" é o principal — sinão único — elemento de cohesão entre mais de quarenta milhões de individuos, vivendo em clima vário, alimentando-se diversamente, orientados em sentidos contraditórios por vezes.

A ambos, ao mesmo tempo, além da glória, o orgulho, de terem descoberto, desbravado e colonizado, a terra opíma que é a Pátria do Gaúcho!

1934, novembro.

# *Cruz Alta*

**(Sua Flora Municipal)**

Durante o longo tempo, que exercemos nesta cidade a profissão de farmacêutico prático, como proprietário fundador da extinta **Farmácia Filódema** (amiga do povo), não deixámos de nos dedicar um pouco ao estudo da flora dêste município, a qual dividimos em sete espécies de vegetais:

1.ª) **Plantas alimentares:** São representadas por todas as espécies de cereais, legumes e frutas, que seria demasiado longo e fastidioso, enumerar aquí. Algumas indígenas, como o palmito, o pinhão, a beldoega, o carurú, etc. A maior parte, porém, exóticas, mas perfeitamente aclimadas, como a laranja, a maçã, o repolho, a alface, etc.

2.ª) **Plantas Codimentares:** Dão aquí muito bem a erva-doce, a salsa da horta, a mangerona, o tomate, o louro, a cebola, o alho, a pimenta, o aipo, a alfavaca, a mostarda. etc.

3.ª) **Plantas Pomareiras:** Além das que se cultivam, tais como a uva, a banana, a maçã, a pera, a laranja, a ameixa, o pêssego, o figo, a lima, o limão, a cidra, a castanha, a noz, a azeitona, a nêspera,(*) em resumo, quasi to-

---

(*) Nos Açores e mesmo no continente português, chamam nêsperas e também mônicas as frutas a que damos aquí a denominação de **ameixas do Canadá (Eryobotria japônica?)**, alí introduzidas a cêrde meio século e da qual fazem excelente aguardente, uma das principais indústrias da Ilha Terceira. A verdadeira nespereira **(Mespilus germânica)** e que lá chamam, **sorva**, é uma árvore da família dos marmeleiros, aos quais se enxerta fàcilmente e produz um fruto pequeno, com o sabor aproximado da maçã.

das sinão todas as frutas européias e algumas da própria zona equatorial, temos ainda uma regular porção de frutas silvestres, algumas, bem saborosas, como a pitanga, o guabijú, o araçá, etc. Neste particular, porém, é excessivamente pobre esta região, em confronto com o norte do Brasil.

4.ª) **Plantas Medicinais:** Afóra as que se acham aquí perfeitamente aclimadas, como a borragem, o eucalípto, o funcho, o agrião, a hortelã, a mostarda, a salva e tantas outras, temos uma grande quantidade, cujas aplicações medicinais se podem enumerar sob a rúbrica **remédios.**

5.ª) **Plantas Forrageiras ou Pastos:** Com essa denominação classificamos as diversas espécies de gramas, capins e ervas em geral, buscadas pelos animais, como alimento, ou cultivadas com êsse fim. A alfafa (luzerna), a milhã e a rama do amendoim são as mais empregadas como tais.

6.ª) **Plantas Daninhas:** Incluimos nesta classe os vegetais nocivos, como a milhã, a guanchuma, a barba de bóde, muitos dos quais, porém, são empregados como alimento, como remédios ou como pastos, tais como a beldoega, o carurú, a milhã, etc.

7.ª) **Madeiras:** Hoje em dia constitue um dos principais ramos do comércio dêste município as excelentes madeiras de construção e de marcenaria, que possue, tal como o cedro, a grapiapunha, o angico, etc.

Damos a seguir a nomenclatura vulgar e técnica dos vegetais indígenas dêste município. O número ou números, de que vão acompanhados, indicam a classe a que pertencem na divisão acima.

E' possível e provável mesmo que nessa lista haja lacunas e erros, devidos à incompetência do seu organizador. Servirá, porém, de esbôço para que outros mais competentes a completem e corrijam.



Abrôlo, **Xanthium macrocarpum**, 4.

Abútua, v. Pereira brava.

Açouta cavalo, **Lobea divaricata**, 7

Água-pé, **Alisma floribunda vel Eicornea azurea**, 6.

Aipo do bauhado, **Aphanosthemma apolfolium**, 4.

Alecrim, **Hyperieum luxiseculum**, 7-4.

Amarilho, **Termbalia australis**, 7.

Amora do mato, **Rubus erythrocladus vel Setlowi**, 3.

Angélica, **Basanacantha spinescens**, 7.

**Angico, Acacia angico vel Piptadenia rigida**, 7.

**Araçá, Psidium speciosum**, 3.

**Araçá do campo, (Nome scientífico?), 3.**

**Araticum, Amora speciosa vel Rollina exalbida**, 3.

Aroeira ou Pán de bugre, **Lithaea brasiliensis**, 7. Esta árvore, que para algumas pessôas é inócua, a outras causa, parando debaixo dela, uma grave erupção cutanea, principalmente do rosto, que dura alguns dias, sem outras conseqüências, porém.

Aroeira do Campo, **Schinus lentiscifolius**, 4.

Arnica, **Arnica montana**, 4.

Artemija, **Artemisa vulgaris**, 4.

Arumbeva, **Opuntia monocantha**, 6.

Avenca, **Adiantum cuniatum**, 4

Azedinha, **Oxalis amara**, 4.

Baicurú, **Statice brasiliensis**, 4.

Banana do mato, v. Gravatá.

Barba de bóde, **Aristida trachipogon vel pallens**, 5 e 6.

Barba de pán, **Fillandsia usneoide**, 6

Bardana, **Arctium lappa**, 4.

Barericó, **Sysirinchium galaxioide**, 4.

Batinga, **Eugenia durissima**, 7.

Beldoega, **Portulaca oleracea**, 1 e 6.

Bom para tudo ou Casca de anta, **Drymis granatensis**, 4.

Branquilho, **Sebastiana klotzchiana**, 7.

Butiá, **Coccus capitata vel aniospatha**, 3.

Cabriúva, **Myrocarpus frondosus**, 7.

Carurú, **Hibiscum cannabinus**,

Catus miudo das pedras, **Echinocactus muricatus**, 4.

Caetê, **Cana denudata**, 6.

Cambcatá, **Eugenia tenilla**, 7.

Cambará, **Moquinia polymorpha**, 7.

Camomila, **Matricaria chamomilla**, 4.

Cancrosa, **Iodina rhombifolia**, 4.

Canela (diversas qualidades), **Nectandara, leucothyrsus, rigida, noiis**, etc. 7.

Cangerana, **Cabralia cangerana**, 7.

Capim meudo, **Agrotis montevidensis**, 5 e 6.

Capim limão, **Elimurus candidus**, 4 e 6.

Capim (diversos), **Eragrotis alrodo, capillaris, panicum capillare, chrysitis, chrysoblepharum, paspalum dislantum**, etc. 5.

**Capororoca, Myrcine umbellata, marginata, rapanea**, 7.

Carapiá, V. Figueirilha.

Cardo santo, **Onicus benedictus**, 4.

Caroba, **Jacarandá micrantha**, 7, 4

Carne de vaca, **Styrax leprosum**, 7.

Carqueja, **Baccharis genistecloide**, 6.

Carqueginha, **Baccharis articulata**, 6.

Carrapicho de Santa Helena, ou Espinho de carneiro, **Xantium spinosum**, 4.

Carrapicho rasteiro, **Acanthasperum xantioide**, 4.

Casca de anta, v. Bom para tudo.

Catiguá, **Trichilia catigua**, 7.

Caúna, **Ilex amara**, 7.

Cavalinha, **Equisituno pyramidale**, 4.

Caixeta ou Figueira brava, **Cicropia putata vel adenopus**, 7.

Cedro, **Cedrella brasiliensis**, 7.

Ceroja, **Myrcianthus edulis**, 3.

Chachim ou Xaxim, **Dieksonia sellowiana**, 4.

Chagas, **Tropocolum majus vel pentaphyllum**, 4.

Chorão ou Salso, **Salix elegantissima vel humboldtiana**, 7.

Cocão, **Erythroxilum ovatum**, 7.

Coentrilho, **Fagaria subservata**, 7.

Coerama, **Cestrum parquii vel Solanum inæquale**, 7.

Coquinho (capim), **Paspalum plicatum**, 5.

Coronilha, **Scutia buxifolia**, 7.

Corticeira, **Corallodendron crista-galli**, 7.

Cotia, **Pilocarpus sp.** 7.

Cicuta, **Conium maculatum**, 4.

Cidró, **Lippia citrodora**, 4.

Cina-cina, **Parkinsonia aculeata**, 7.

Cincho, **Sorocia illicifolia**, 7.

Cinamomo, **Melia azedarach**, 7.

Cipó **cabeludo** (nome científico?).

Cipó-cruz, **Arrabidea**, 4.

Cipó-chumbo, **Cuscuta americana**, 4.

Cipó-mil-homes ou Jarrinha, **Aristolochia brasilfensis**, 4.

Cipó-suma, **Anchieta salutaris**, 4.

Cipó de S. João, **Pyrostigia venusta**. Flor.

Cravo do mato (diversos), **Achnea dislacantha, Filiandsia bicolor, diantholdea**, etc. Vulgarmente denominadas **parasitas**, porém não o são e sim simplesmente plantas epífetas, dando belas flôres (Orquideas).

Crescîme, **Chusquea ramosissima**, 7.

Cúia, v. Porongo.

Douradinha, **Waltheria douradinha**, 4.

Ervas, V. Hervas.

Espinilho, **Zanthoxilum prie cox vel Acacia cavena**, 7.

Espinho de Carneiro, V. Carrapicho.

Farinha sêca, **Basiloxylum rex**, 7.

Fedegoso, **Cassia occidentalis**, 4.

Fel da terra, **Erythrea centauricum**, 4.

Fetos (grande variedade) **Polipodium angustifolium, angustum**, etc. 4.

Figueira brava. V. Caxeta.

Figueira do inferno. V. Stramonio.

Figueirilha ou Carapiá, **Dorstentia montividensis**, 4.

Fruta de pomba, **Allophylus edulis**, 3.



Fumo bravo, **Solanum auriculatum**, 4.

Gervão ou Urgevão, **Verbena officinalis**, 4.

Grama. V. Capim.

Grapiapunha, **Apulea praecox**, 7.

Gravatá ou Banana do mato, **Bromelia fastuosa**, 3.

Gravatá do campo, **Eryngium ciliatum**, 4.

Guaco, **Galphinia brasilfensis**, 4.

Guabijú, **Eugenia guabijú**, 3.

Guabiroba, **Myrtus mucronata**, 3.

Guabiroba do campo, **Campomanesia aurea**, 3.

Guaimbé epífita (nome tecnico?), 3 e 4.

Guajuvira, **Pantagonola** americana, 7.

Guamerim (Nome científico?), 7.

Guassatunga. V. Herva de Bugio.

Guatambú, **Aspidoperma**, 7.

Guaxuma, **Sida rhombifolia vel umbifolia**, 4 e 6.

Herva de bicho, **Polygonum acre**, 4

Herva de bugio ou guassatunga, **Cascarea sylvestris**, 4.

Herva cidreira, **Melissa officinalis**, 4.

Herva lanceta, **Soldago microglosa**, 4.

Herva-mate, **Ilex paraguayensis**, 4.

Herva-moura, **Solanum nigrum**, 4.

Herva de passarinho (parasita), **Loranthus marginatus**, 4 e 6.

Herva da pontada, **Casearea sylvestris**, 4.

Herva santa, **Ochaceu**, 4

Herva de Santa Luzia, **Commelina sulcata**, 4.

Herva de Santa Maria, **Chenopodium ambrosoide**, 4.

Herva tostão, **Boerhavia hirsuta**, 4.

Herva de touro, **Orobanche iætida**, 4.

Hortelã, **Mentha viridis**, 4.

Imbé, **Philodendros Schlt**, 6

Ingá, **Ingá marginata**, 3.

Ipé, **Tecoma alba vel ipé**, 7.

Ipecacuanha ou poáia, **Cephicelis ipeca**, 4.

Jalapa ou batata de purga, **Oxogonium jalapa**, 4.

Japecanga, **Smilax campestris**, 4.

Jarrinha. V. Cipó-mil-homes.

Jerivá. **Cocus romanzoffiana**, 3.

Joá, **Solanum sisymbriifolium**, 3.

Juncos (diversos), **Juncus buchenassi, dicholumus**, etc.

Junquinho, **Cyperus sanguineus**, Juvevê (arumbeva?).

Larangeira do mato, **Actinostemon concolor**, 7.

Lingua de vaca, **Captalia nutans**, 4.

Lírio, **Iris fetidissima vel germanica**.

Louro, **Cordia hypoleuca**, 7.

Macega brava, **Saccharum cyanense**, 6

Macela, **Achinocline alata**, 4.

Mal-me-quer, **Calendula alvensis**.

Malva, **Malva passiflora**, 4.

Mamica de cadela, **Fagaria rhoifolia**, 7.

Mamona, **Ricinus Communis**, 4.

Manacá, **Brunfelsia uniflora**, 4.

Mangerona do campo, **Gliecon spathulata**, 4.

Maracujá roxo, **Passiflora edulis**, 3.

Maracujá (diversos), **Passiflora elegans, lunata, miltocarpa**, 3.

Maravilha, (*) **Mirarabilis dichotona**, 4.

Maria-mole (nome técnico?) 6.

Maria preta, **Macreightia olerata**, 7.

Maricá, **Mimosa sepiaria**, 6.

Marmeleiro do mato, **Ruprechtia laxiflora**, 7.

Mastruço, **Sinebriera didyma**, 4.

Mata ôlho, **Lucuma sellowii**, 7.

Menstruz. V. Mastruço.

Milhã, **Panicum sanguinale**, 5 e 6.

Musgo, **Sphagnum cuculatum**, 6.

Orquídeas. V. Cravos do mato.

Ováia. V. Uvalha.

Ovarana. V. Uvarana.

Ortiga. V. Urtiga.

Parasitas. V. Cravos do mato.

Paratudo. **Gomphriana sesilowiana**, 4.

Paineira, **Chorisia speciosa**, 7.

Pariparoba, **Piper pellatum**, 4.

Parreira brava ou Abútua. **Cissampelus**, parreira, 4.

Pata de vaca, **Bauhinia fortificata vel candicans**, 4 e 6.

Páu d'arco, **Guana lessoniana**, 7.

Páu de bugre. V. Aroeira.

Páu-ferro, **Cæsaltina ferrea**, 7.

Páu de leite, **Excaearia biglandulosa**, 7.

Pé de galinha (grama), **Elusine indica**, 4.

Péga-péga, **Meibomia albi-flora vel Desmodium cuneatum, 4 e 6.**

Penacho (capim das capoeiras), **Cortadeira argentea**, 5.

Pequiá, **Apidrosperma australe**, 7.

Pessegueiro do mato, **Prunus sphærocarpia**, 7.

Picão, **Bidens pilosus, 4 e 6.**

Pinhão de purga, **Jatrophas curcas**, 4.

Pinheiro. **Araucaria brasiliensis**, 7-3.

Pitangueira, **Stenocalix pitanga**, 3.

Piteira, **Tourcroya gigantea**, 7.

Poáia, **Ionidium hicolor vel Cephalis ipeca**, 4.

Poêjo, **Mentha puligium**, 4.

Porongo ou Cúia, **Lagenaria vulgaris**, 4.

Quebra-fouces, **Annesleya Tewedii**, 7.

Quassia, **Quassia amara**, 4.

Quina, **Colletia cruciata vel Discoria febrifuga**, 4.

Rabo de bugio, **Cyathea schanchina**, 7.

Ruibarbo, **Cypella Herbartii**, 4.

Roseta, **Soliva sessilis**, 6.

Sabugueiro, **Sambucus australis**, 4.

Salso. V. Chorão.

Salsa moura, **Cissus quinquefolia**, 4.

Samambáia (fetos diversos), **Pteridinum aquilinum, Alsophila aspera, Hemilelia sitosa**, etc. 4.

Samaumbáia ou Feto macho do Brasil, **Polypodium incanum**, 4.

Sapé (capim) **Imperata brasiliensis**, 6.

Serralha, **Sonetrus oleraceus**, 4.

Sete-capote, **Britoa sellowiana?** 3.

Sete-sangrias, **Cuphea ingrata**, 7.

Sombra de touro, **Acanthosyno spinescens**, 7.

Sucará, **Chuquiragua spinescens**, 7.

---

(*) Nos Açores dão-lhe o nome vulgar de **Boas-noites.**



Suçuaiá, **Elephantropus scaber**, 4.

Stramonio ou Figueira do inferno, **Datura stramonium**, 4.

Tanchagem, **Plantago major (?)** 4.

Tajujá, **Triana sperma fissifolia**, 4.

Tajuvá, **Machura officinalis**, 7.

Taquara (nome científico?).

Taquaruçú (idem).

Tarumã, **victrix montividensis**, 7.

Timbaúva, **Enterolobium timbauva**, 7.

Timbé, **Atelia Glazoviana**, 7.

Timbó, **Paullinia primata**, 7.

Trapoeiraba, **Commelyna platyphilla**, 4.

Treme-treme. **Brisa erecta**, 7.

Trevo, **Trifolium polymosphum**, 5.

Tucum, **Bactrix lindmanniana**, 7.

Tuna ou Mandacarú, **Cereus alacriportanus**, 6.

Turubí. V. Velame.

Umbú, **Phytolacea dioica**, 7.

Unha-de-gato, **Acacia bonariensis**, 6.

Urinaria ou graminha, **Tricum repens vel Panicum dactylon**, 4.

Urtiga, **Urtica dioica, urens**, etc. 4.

Urtiga brava, **Urera baccifera**, 4.

Uvalha, **Eugenia uvalha**, 3.

Uvarana, **Tucapendula.**

Vacum, **Schumidelia edulis**, 7.

Vassoura (diversas), **Mimosa incana, Dodonaea viscosa, Baccharis incisa**, etc. 6.

Vassourinha, **Scoparia dulcis**, 6.

Vela ou Bela da pureza. V. Uvarana.

Velame ou Turubi. **Croccum campestris**, 4.

Veludo, **Quettarda uruguensis**, 3.

**Nota Final:** — Fomos encontrar nos Açores (Ilha Terceira) algumas dessas plantas, tais como o agrião, a Beldoega, o Fel da terra, os Fetos, o Funcho, o Inhame, o Lírio, o Mastruço, a Malva, o Musgo, o Sabugueiro, a Tanchagem, a Urtiga, o Urgebão, a Maravilha, etc. Seriam trazidas de lá para cá pelos primitivos colonos do arquipélago, quando vieram povoar o Rio Grande, ou seriam levadas daqui para lá, pelos que se repatriavam ou, finalmente, o que é mais provável, originarias de ambas as regiões?...

**J. Santos Lima.**

# *Nótulas Bibliográficas*

por Walter Spalding

FRANCIS, THOMAS Y JOHN DRAKE EN EL PLATA, por **B. Caviglia (hijo).** — Morales Hermanos, impresores. — Montevideo, 1934.

O Sr. Caviglia (hijo) nos foi revelado aquí por sua excelente contribuição sôbre o étimo de **gaúcho.** A respeito dessa monografia GAÚCHO DE GARRUCHO tivemos ocasião de falar nestas mesmas páginas, merecendo êsse nosso modesto e despretencioso trabalho judiciosos comentários do ilustre e erudito autor, além de ativa correspondência que muito nos honra.

Grande estudioso, o Dr. Buenaventura Caviglia (h.) não perde seu tempo em conjecturas vãs. Tudo quanto tem escrito, inclusive suas eruditas notas na primorosa revista regional uruguaia, — EL TERRUÑO, dirigida pelo brilhante intelectual Sr. Agustin Smith, — está cheio de observações interessantes, a que seu constante bom humor de cidadão de consciência tranqüila, alma feliz, e cheio de saúde, põe um quê de especial encanto.

Essas mesmas qualidades do ilustre historiador nota-se na sua conferência sôbre os Drake, realizada no Rotary. E' contribuição valiosa, profunda de erudição e pesquisa, para a história uruguaia.

Continuando essa sua série de estudos históricos, sabemos que o Dr. Caviglia está trabalhando em duas novas

monografias: uma sôbre a Cisplatina e outra sôbre os charrúas, e minuanos.

Esperamô-las com o mais vivo interêsse na certeza de que muito, nelas aprenderemos, como temos aprendido nas publicadas: GAÚCHO DE GARRUCHO E FRANCIS, THOMAS Y JOHON DRAKE EN EL PLATA.

---

LA CONVENCION NACIONAL CONSTITUYENTE Y LA CARTA MAGNA DE LA REPUBLICA, por **Héctor Francisco Decoud.** Buenos Aires, Talleres Gráficos Argentinos L. S. Rosso, 1934.

Grande é o número de obras até hoje publicadas, que se referem aos sucessos paraguaios após os últimos tiros trocados nas margens do Aquidabanigui. Nenhuma, porém, ao que sabemos, tratou o assunto com tanto interêsse, minúcia e imparcialidade, como a que escreveu o Dr. Hector Francisco Decoud, que Dona Adelina L. de Decoud, num gesto patriótico, fez publicar em homenagem a seu espôso que faleceu antes de levar a cabo a publicação da preciosa obra.

"La convencion Nacional Constituyente y la Carta Magna de la Republica" é, inegàvelmente, obra de real valor histórico e documental, da qual se não póde prescindir para o estudo do primeiro período de após-guerra no Paraguai.

O escrupúlo do Dr. Decoud chegou ao ponto de servir-se de depoimentos novos de descendentes diretos e quasi testemunhais dos acontecimentos.

E' assim que a pág. 19 transcreve o Dr. Decoud uma carta que lhe dirigiu D. Belisario Rivarola, datada de 8 de novembro de 1929, onde é descrita a convocação do Congresso por Lopez II após a morte de D. Carlos e todo o martírio da família do autor da carta. Um documento precioso e de grande interêsse.



A pág. 142 trata o Dr. Decoud da supôsta intervenção brasileira nos negócios internos do Paraguai, transcrevendo importante documentação provando a falsidade de tal intervenção.

A pág. 147 e sgts. examina o caso dos soldados brasileiros que empastelaram o jornal VOZ DEL PUEBLO que atacou o Brasil cujas tropas ocupavam ainda a capital paraguaia, e transcreve a opinião de diversos órgãos de imprensa de sua pátria a respeito, o pedido de indulto aos soldados feito pelo Triunvirato a Silva Paranhos, e esta comovente súplica das mulheres do Paraguai heroico:

"Exmo. Sr. Marechal Visconde de Pelotas:

Também nós as filhas do Paraguai, vimos, em nome da bondade e do perdão, falar com a voz do coração ao coração do vencedor da tirania, do libertador de Cerro Corá.

Também nós unimos nossas súplicas a favor dos infelizes sôbre os quais devem pesar os rigores de uma severa justiça, porque sabemos que por maior que seja a gravidade do delicto, há nêle algo de muito elevado e nobre, e não a malvadez e o hábito do crime.

Não são êsses culpados que se não possa justificar ou que sejam indignos do perdão. Por isso nós, as paraguaias, contentes e inspiradas pelo sentimento do dever, não trepidámos em levantar nossa voz em favor dêsses desventurados soldados, ante um general e companheiro de glória, de fortuna, trabalhos e dôres.

Recordamos que muitas de nós a êles devemos a existência; recordámos a bondade com que nos buscavam, com que nos encontravam, nos socorriam, nos salvavam de uma morte certa e imediata, repartindo conosco, como irmãos carinhosos, até o que nos fazia falta.

Pois bem, senhor marechal, nós, as redimidas do Paraguai, redimidas por vós e por êles, recordamos os martírios que sofremos, a fome, o cansaço, os perigos e tantos mil transes de futuro incerto, e vós nos salvastes. Em nosso nome, em nome das redimidas de Azcurra, de Yhu, de Espadin, de Igatimi, de Cerro Corá e de tantos outros lugares; ontem, salvadores, e hoje, apreciando quem as sal-

vou; nós vos rogamos, libertador do Paraguai, em nome das mulheres brasileiras, das mães, de seus filhos a quem pertenceis, senhor, pedimos o perdão para estes estraviados filhos de vossa querida patria. — Assunção, julho de 1870".

A-pesar-de tudo isso foram os soldados castigados, mas não com o rigor que o caso exigiria em outras circunstâncias.

A pág, 165 reproduz na íntegra o vibrante discurso que o Triunviro Carlos Loizaga, pronunciou em nome do Govêrno Provisorio na Sessão Inaugural da Convenção a 15 de agôsto de 1870.

E' também esta uma página forte em que a figura do bárbaro ditador é recordada com frases como esta: "Onze lustros!! nos quais seus autocratas acumularam sôbre êle (o povo paraguaio) elementos de combustão, apagando de vez as luzes da inteligência e habituando-o á passada e submissa obediência, para entregá-lo assim, submisso e passivo, ao sacrifício nas aras das criminosas paixões de seus tiranos".

E mais adiante: "...Francisco Solano Lopez, desde su solitaria tumba de Cerro Corá, sigue aun haciendo victimas, por que al Gobierno no le ha sido posible contener del todo los efectos de su nefando crimen"...

Reproduz o Dr. Decoud nêsse seu magnífico livro projetos e comentários à nova Constituição Paraguaia e um histórico completa e precioso dos precedentes, sessões preparatorias, instalação e, finalmente, das eleições primeiras no novo regime.

"La convencion Nacional Constituyente y la Carta Magna de la Republica" é obra de valor imenso que merece a mais ampla divulgação pois é a prova mais cabal do desacerto dos "lopezguaios" que procuram, com as subtilezas dos sofistas, endeusar aquele que foi a causa do martírio e da ruina de um povo bom, nobre e sobrehumanamente heróico, como o paraguaio.

---



HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRIPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI (5 vols.), pelo general de divisão **Augusto Tasso Fragoso.** — Imprensa do Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1934.

Tasso Fragoso! Só êsse nome inspira grande respeito em quantos se dedicam à história e ao estudo de nosso passado. O general Tasso Fragoso é um dos nossos grandes mestres, especialmente em matéria de história militar. A "Batalha do Passo do Rosario", embora atacada por alguns, deu-lhe maior realce ao nome e o consagrou grande mestre.

Publicando, agora, a sua "História da guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai", o general Tasso Fragoso não só nos presta relevantíssimo serviço, como se consagrou definitivamente o historiador militar do Brasil. Na história militar Tasso Fragoso é, hoje, um nome e um símbolo: um nome que honra as letras pátrias e um símbolo de trabalho, amor ao estudo e à verdade histórica.

Nessa sua obra o general Tasso Fragoso não abordou certos assuntos relativos à guerra, como os incidentes diplomáticos, justificando, e muito bem, essa exclusão. Há de haver outro historiador que os estude, como Taunay descreveu a "retirada da Laguna". Em outras partes, como nas precedentes, passou por alto, simplesmente para dar uma idéia geral. Mas aí, devido essa brevidade, há cousas que ficaram um tanto confusas e das quais se podem valer os adversários dizendo que o general Tasso Fragoso também o afirma. Sabemos, porém, que nada disso é real e que a intenção foi outra.

Citaremos, como exemplo, essa passagem da pág. 19, vol 1.º: "A 20 de setembro de 1835 estalou a rebelião dos farrapos, que, embora parecesse a princípio mera sedição dentro do regime constitucional, logo depois se transformou em tentativa de constituição de um novo Estado republicano, desmembrado do resto do Brasil monárquico, e a que se deu o nome de **República de Piratiní**".

Embora verdadeira essa asserção, deveria ser, contudo enunciada de outra maneira. O douto general Tasso Fragoso com mais duas ou três palavras não daria motivo a ser, amanhã ou depois, citado como abonando as idéias separatistas do Rio Grande do Sul. Bastava, para isso, que acrescentasse as palavras, no fim dêsse período: cujos dirigentes queriam a Federação com as demais províncias brasileiras". Assim a verdade histórica estaria nítida e o general a salvo de imputações errôneas.

A "História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai" é, em conjunto, obra de incomparável merecimento. E', talvez, a melhor história, pelo método expositivo até hoje publicada. As letras históricas podem felicitar-se com a valiosa aquisição.

---

EL RIO DE LA PLATA Y EL MAR TERRITORIAL: DOS PROBLEMAS DE INTERES NACIONAL, por el Capitán de Navio **José Aguiar.** — Apartado de la "Revista del Instituto Historico y Geografico del Uruguay", tomo X. — Montevideo, Imprenta "El Siglo Ilustrado", San José 938. — 1934.

E', sem dúvida, de capital importância o assunto de que trata o ilustrado capitão José Aguiar.

Quasi nulo tem sido nosso estudo sôbre tão transcendente matéria, e por isso lamentámos não poder, em nada, cooperar para o esclarecimento da tese em aprêço.

Julgamos, porém, de grande valor o trabalho do sr. José Aguiar, e estamos de pleno acôrdo com suas idéias a respeito de "mar territorial" e das ditas "aguas historicas" — baías, estuários, estreitos.

O mar é grande e, portanto, não serão demais 18 milhas de mar na costa dos países marítimos. Entretanto cremos que, para que seja mais ampla a parte livre e, assim, haver menos motivo para questões internacionais, seu limite máximo deverá ser fixado nas 9 milhas, valendo o mesmo raio para as ilhas, arrecifes, etc., tudo, porém, de acôrdo com os itens estabelecidos pelo douto capitão Aguiar.



Quanto às águas históricas, nada temos a dizer. As proposições do ilustre autor de "Dos problemas internacionales de interés nacional: el Rio de la Plata y el Mar territorial", são irreprocháveis, no nosso modo de encarar êsses assuntos, pois, com o próprio José Aguiar pensamos que, atualmente, "nada puede obstar a las soluciones armónicas, equitativas y justiceras", "mediante la concertación de regímenes internacionales inteligentes y generosos, sinceros y solidariamente fraternales" (sobretudo fraternais, por que a fraternidade, em tais casos, mais que a justiça se torna mister...)

Só assim, realmente, teremos firmada, com solidez, a paz "física e espiritual" na nossa América.

Grande trabalho fez, grande desinteressado e nobre o sr. capitão José Aguiar, e oxalá sua voz seja ouvida, compreendida e meditada como merece.

---

OS NOSSOS ALMIRANTES, 6.º vol., pelo almirante reformado **Henrique Boiteux.** — Imprensa Naval, Rio de Janeiro, 1934.

Quem já percorreu a bagagem, ou parte da bagagem lítero-histórica do sr. almirante Henrique Boiteux, fica, desde logo, com seu nome destacado na memória.

Realmente não se pode mais, hoje, estudar nossos grandes almirantes, a cujas biografias o sr. almirante Boiteux dedicou grande parte de sua atividade, — sem consultar as obras que escreveu o ilustrado catarineta.

Já tivemos ocasião de noticiar, nestas mesmas páginas, obras do sr. Boiteux e, agora, com a máxima simpatia, reafirmando o que dissemos, deixamos aquí registado, com os nossos aplausos, o aparecimento do 6.º volume de OS NOSSOS ALMIRANTES, no qual estuda as figuras altamente

significativas dos almirantes Jesuino Lamego Costa (Barão de Laguna), Francisco Cordeiro Tôrres e Alvim (Barão de Iguatemy), Miguel Antônio Pestana, João Justino de Proença, José Pinto da Luz e José Marques Guimarães, todos naturais de Santa Catarina.

---

CANNAE E NOSSAS BATALHAS — Ensaios á luz das idéias schlieffenianas, por **Henrique Oscar Wiederspahn,** tenente de artilharia e auxiliar de instrutor da Escola Militar do Realengo. — Com 30 esboços elucidativos. — Of. Gráf. d'"A Noite", 1934.

Dentre os nossos novos cultores da História e, especialmente da História Militar, destaca-se o sr. tenente Wiederspahn, cujos estudos o colocaram já num lugar de destaque entre seus irmãos quer da ciência militar, quer da histórica.

Leigos em matéria de militarismo e militança, palavras que se devem distinguir, segundo nos ensinou o general Parga Rodrigues em amável palestra mantida no seu gabinete, no Q. G. da 3.ª Região Militar, vimos a-pesar-disso, desde muito, acompanhando o desenvolvimento no terreno dos estudos do jovem, ilustre e já ilustradíssimo oficial do nosso exército.

O Rio Grande do Sul sempre se distinguiu pelos generais que deu ao Brasil. Contudo, poucos, pouquíssimos trataram assuntos militares, quer outrora, quer agora.

Cremos que, além de Sousa Docca, Francisco de Paula Cidade, Alvaro Alencastre e, agora, o tenente H. O. Wiederspahn, ninguém mais se dedicou, filho desta terra, ao estudo da ciência militar — a militança —, e ao de nossa História Militar.

Com CANNAE E NOSSAS BATALHAS, o sr. Wiederspahn presta relevante serviço às letras históricas e militares, estudando à luz da estratégia e da tática nossas maiores e principais batalhas, confrontando-as com algumas da velha e da moderna história européia.



Baseado nas idéias do célebre general alemão von Schieffen, os seus estudos são verdadeiros mananciais de conhecimentos e, sobretudo, de ensinamentos práticos.

Os nossos grandes generais de outrora, como Osório, como Andrade Neves, como, talvez, o próprio Caxias, hoje, com o novo sistema de guerra, passariam á categoria de simples aprendizes e, si se metessem em campo, como comandantes, arrastariam, sem dúvida alguma, à destruição a própria Pátria. O valor pessoal, que era apanágio dos guerreiros de há meio século, é hoje condenado. Um cobarde embuçado numa metralhadora arremessá-lo-ia irremediàvelmente para o outro mundo, pondo em perigo o resto do exército. Uma cavalaria audaciosa e valente, poderá, faltando-lhe a tática e estratégia, ser completamente desbaratada, em poucos minutos, por um só homem montado num dêsses pássaros de aço.

O exército de hoje não requer, como outrora, valentes e heróis: exige, apenas, homens ativos, de tática militar e grande capacidade estratégica.

Tudo isso é o que o sr. tenente Henrique Oscar Wiederspahn faz ressaltar de seu ótimo livro CANNAE E NOSSAS BATALHAS.

---

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA IMPRENSA SANTAMARIENSE, por Getúlio Schilling. — Santa Maria, — 1934.

E' um folheto de 10 páginas apenas, em que o A., um legítimo estudioso, crítico brilhante e erudito sociólogo, faz o estudo histórico da imprensa no município de Santa Maria.

Escrito num estilo leve, quasi didático, êsse estudo prende a atenção do leitor, o que bem demonstra o poder intelectual do autor de "Problemas Americanos de Sociologia e estética".

Preciosos são, sem dúvida alguma trabalhos como êsse que noticiamos, lamentando, apenas, não ser completo, pois a história da imprensa em nosso Estado não foi feita ainda e, cremos, dificilmente o será, por ser grande o desleixo dos próprios senhores jornalistas em fazerem registar devidamente quer na Biblioteca Pública, quer no Museu do Estado, os seus jornais, enviando coleções completas para serem arquivadas.

Portanto, e por isso, só se conseguirá alguma cousa, fazendo como acaba de fazê-lo o sr. Getulio Schilling, um histórico da imprensa, mais ou menos completo, em cada município do Estado.

E oxalá tal se realize, pois estudiosos não faltam.

---

THE CARIBBEAN AREA, 2.º vol of "Studies in Hispanic American Affairs" — edited by **A. Curtis Wilgus,** Director of The Center of Inter-American Studies. — The George Washington University Press, Washington, D. C., 1934.

Como o primeiro volume, é sumamente interessante êste 2.º, editado pelo professor A. Curtis Wilgus. Trata êste volume de mais de seiscentas páginas da história em geral da América Central e o norte da América do Sul: — Colômbia, Venezuela, México, Nicarágua, etc., além de algumas das ilhas: Haïtí, Havaï, Domínica, etc.

São 29 capítulos e mais quatro de apêndice, firmados, todos, pelos mais representativos professores e estudiosos de história, geografia, costumes, etc., das diversas Universidades dos Estados Unidos.

Para êsse segundo volume, nada mais podemos dizer do que repetir aquí o que dissemos a respeito do primeiro: obra de grande valor que deveria ser amplamente divulgada, em português e espanhol para seu mais perfeito conhecimento.



E' um verdadeiro traço de união intelectual entre as Repúblicas que formam as três Américas.

Com essas publicações o editor, Sr. Curtis Wilgus, presta relevantíssimos serviços à História e, especialmente aos historiadores futuros destas partes do globo.

---

POETAS CAPICHABAS, por **José Vitorino.** — Adersen Editores, Rio de Janeiro, 1934.

Trata-se de uma colectânea, com ligeiros comentários íntimos, sem crítica, de versos de todos os poetas do Espírito Santo. O autor não teve a preocupação de selecionar o que a poesia capichaba produziu de melhor e mais expressivo, mas fez, ùnicamente, obra de divulgação de todos os poetas espiritosantenses. Bons e máus. E' um livro que prestará bons serviços para o historiador de amanhã da literatura brasileira.

José Vitorino, aliás, é um grande trabalhador, um incansável divulgador e digno, por isso, de todos os encômios. Não lhe regateamos os nossos.

---

ITARÂNA, por **Jorge Hurley,** separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vol. IX. — 1934.

O sr. Jorge Hurley é um dos grandes estudiosos do nosso populário.

Êsse seu último trabalho é mais uma prova de nossa asserção já feita anteriormente nestas mesmas páginas.

**Itarâna,** reünião de pequenos estudos sôbre o populário da bacia amazônica, especialmente, está longe de ser a "pedra falsa" que o título indica. São, êsses artigos, verdadeiras jóias de legítimas pedras colhidas em acurados estudos da vida, costumes, religião, etc., de nossos selvícolas.

No interessantíssimo capítulo sôbre o livro do sr. José Carvalho, "O matuto cearense e o caboclo do Pará" — intitulado **Yaribes da Amazonia**, refere o Dr. Jorge Hurley grande número de poesias populares, algumas verdadeiras jóias do populário nacional.

O que, porém, muito nos entusiasmou, aficionados que somos aos estudos e assuntos "folclóricos", foi o termos encontrado, aí, as seguintes quadras tocantinas (?):

Vou-me embora, vou-me embora,
adeus que me quero ir,
menina de-me seus braços
que me quero despedir!

O trevo diz que se atreve
dar a flor e não abrir;
não sou trevo mas me atrêvo
de nos teus braços dormir.

Vou-me embora, vou-me embora,
é mentira, não vou, não;
embora que eu vá me embora
meu coração não vai não!

Você me mandou cantar
julgando que eu não sabia...
Eu sou como a cigarra
que em cantar leva o dia.

Em suscinto estudo comparativo que fizemos de nosso populário, em 1933 (POESIA DO POVO, 4.º trimestre desta Revista), mencionamos as seguintes quadras que mais não são que variantes das citadas pelo Dr. Hurley:

Vamos dar a despedida
como deu a pintasilva;
adeus, coração de prata,
perdição da minha vida!



além de algumas outras, variantes todas. Nesse mesmo trabalho citamos a seguinte, colhida por Couto de Magalhães (**O Selvagem**):

Vamos dar a despedida,
Mandú sarará
como deu o passarinho;
mandú sarará
bateu azas, foi-se embora,
mandú sarará
deixou a pena no ninho
mandú sarará.

Mas, mais parecidas ainda com as quadras **tocantinas** transcritas pelo sr. Jorge Hurley, são as seguintes trovas sul-riograndenses:

Vou-me embora, tenho pressa,
tenho muito que fazer:
tenho que parar rodeio
no peito do bem querer.

Vancê me mandou cantar,
pensando que eu não sabia,
mas eu sou como a cigarra
que cantando passa o dia.

Esta última não figura no nosso citado "Poesia do Povo". Semelhantes ha uma infinidade de quadras.

Ainda mais esta:

Em cima daquelle morro,
siá dona;
tem um pé de jatobá;
não ha nada mais pió
ai, siá dona,
do que um homem se casá.

Que tem a seguinte variante (?) sul-riograndense:

Lá detraz daquele sêrro
móra um velho gaioleiro;
quando vê moça bonita,
faz gaiola sem poleiro,

e muitas outras semelhantes.

Nossa tese, sustentada no "Poesia do Povo" é que o populário de todo o mundo é um só e que nêle tudo são variantes, pois em todas as terras encontramos contos, poesias, lendas, etc., cujo fundo e, não raro, tem a mesma forma, aproximando, dêsse modo, todos os povos e os irmanando.

Assim, Quaayayp, Tupan, Nzamé, o próprio Maní dos nossos selvagens e o Puck dos frisões, anglos, jutos, etc., são simplesmente, variantes da divindade, de um Deus verdadeiro, conforme os relatos bíblicos, o que nos faz crer tenham, em suas origens, todos os povos tido uma só orientação religiosa que, mais tarde, o nomadismo transformou, modificou e cercou de idéias próprias ao seu "modus vivendi", de superstições, tótens e deuses de toda a casta.

Sumamente interessante e útil é êsse trabalho do sr. Jorge Hurley e sentimo-nos bem a vontade proclamando-o autoridade indiscutível no estudo do nosso populário.

---

A DEFESA DO BRASIL (Profissão de fé Integralista), por **A. Pompêo.** — Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo, — 1935.

Grande e digna de nota é a atividade que, no livro e na tribuna vem desenvolvendo o sr. Antônio Pompêo de Camargo, e tanto mais digna por dedicar-se inteligentemente, á defesa e aos interesses reais de nossa pátria e da religião.



Nesse último trabalho — A DEFESA DO BRASIL, — mostra o seu ilustrado autor a necessidade que há em formar um Brasil uno e forte, livre de preconceitos políticos dessa política mal compreendida e mal orientada, cheia de falsos partidos que só servem para desharmonizar e impedir a marcha do progresso.

Os cinco capítulos de que se compõe o belo opúsculo são a mais clara mostra do grande e devotado amor do dr. Pompêo á felicidade do Brasil.

Há, aquí e alí, alguns exageros regionalistas, fàcilmente compreensíveis.

Somos dos que, para mais amplo conhecimento do Brasil, apregoamos a necessidade do regionalismo quer em arte, quer em literatura, quer em história. Não somos, porém, pelo regionalismo em política. Esta deve, para ser política de verdade, política pura, reünir em sí o todo. Deve ser nacional como nacionais foram os partidos do tempo da monarquia. Liberais e conservadores de então, eram de todo o Brasil, de todos os cantos do Brasil. Veiu a República e, com ela, essa imensidão de partidos muitos dos quais nem sabem para que existem.

E é isso, em grande parte, o que condena, com lógica, o sr. A. Pompêo em A DEFESA DO BRASIL, opúsculo que merece ser lido por todos como, aliás, merecem todas as obras do brilhante escritor paulista.

---

ANAIS DO VIII CONGRESSO RURAL, efetuado em Pôrto Alegre de 10 a 15 de julho de 1934. — Publicação da "Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul". — 1934. — Of. Gráficas da Livraria do Globo, Pôrto Alegre.

São sempre de grande interêsse Congressos como êsse VIII realizado em Pôrto Alegre em julho do ano findo. De grande interêsse e de grande utilidade, mormente para os ruralistas pois sempre, em tais ocasiões, são discutidos as-

suntos de técnica, remodelações ou inovações que só podem ser úteis a criadores e agricultores. Uma pequena tese, não raro, produz grandes efeitos, si tratada com cuidado e cientìficamente.

Nesse volume de quasi 500 páginas, ficaram registadas as teses aprovadas nesse VIII Congresso Rural, cujo interêsse é indiscutível.

Além das teses apresentadas e aprovadas, encerra o volume em apreço os discursos trocados na sessão de instalação e as atas das diversas sessões.

Grande número de teses vêem fartamente ilustradas com gráficos, demonstrativos e desenhos elucidativos.

---

PÁGINAS ECONÔMICAS, pelo bacharel **Mário Ferreira Barboza**, Diretor da Diretoria Geral de Estatística do Estado da Baía. — Baía, Imprensa Oficial do Estado, 1934.

Folheto de apenas 54 páginas em que o A., com verdadeiro conhecimento de causa "reüne algumas considerações", como diz em nota preambular, "em tôrno de assuntos econômicos de real interêsse para a Baía e para o Brasil".

Realmente, de grande interêsse coletivo são as judiciosas considerações do Dr. Ferreira Barboza, e, mais tarde, serão fonte de valor para o historiador da era presente.

Preciosos serão, nesse particular, os dados estatísticos, "as cifras" que o A., faz acompanhar as considerações dessas PÁGINAS ECONÔMICAS.

---

HISTÓRIA DO DIÁRIO OFICIAL, por **Sud Menucci**. — Imprensa Oficial do Estado. — 1934. — São Paulo.

O Sr. Sud Menucci é sem favor algum, uma das grandes mentalidades literárias da paulicéia.



Ensaista, cronista, professor e jornalista, o A. da HISTÓRIA DO DIÁRIO OFICIAL é de uma atividade inaudita.

A "Revista dos Professores", que dirige, é mais uma prova de nossa assertiva.

Sempre estudando, sempre examinando, sempre pesquisando, sempre anotando. E com que competência! e com que arte!

A sua recente HISTÓRIA DO DIÁRIO OFICIAL, ainda que desprovido de um interêsse direto, é, contudo, obra que se lê com a mais viva simpatia, porque o A. sabe escrever e de tal fórma que, como a serpente aos pássaros, fascina o leitor.

Aliás, convém frizá-lo, a "História" do "Diário Oficial" de São Paulo é um verdadeiro romance, uma odisséia. A história da imprensa no Brasil...

---

DAVID CANABARRO (Estudo Biográfico) por **H. Canabarro Reichardt**. — Edição do Centenário Farroupilha, N.º 4. — Rio de Janeiro, Papelaria Velho, 1934.

David Canabarro... E' toda uma história heróica a dêsse glorioso guerreiro do grande decênio. Mas, escrevê-la... só mesmo o poderá fazer quem estiver completamente a par da História da grande revolução. A não ser assim, falhará sempre. Errará sempre.

O Sr. Canabarro Reichardt procurou, vê-se que com carinho, biografar o grande soldado de 35. Mas nem sempre foi feliz. Seu trabalho deixa algo a desejar com respeito à História. Os próprios retratos de Canabarro são falsos.

Em conjunto, porém, êste trabalho do Dr. Canabarro Reichardt é muito superior à biografia de Bento Gonçalves, publicada em 1933.

---

HIGIENE ELEMENTAR, pelo **Dr. Emílio Kemp.** — Editores: Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & C.ª, Pôrto Alegre, s/d.

Múltiplas são as atividades do Dr. Emílio Kemp: médico, poeta, professor e jornalista.

Em todas, com brilho invulgar, distingue-se o ilustre diretor da Escola Normal do Estado sem que se saiba, ao certo, qual delas lhe merece a preferência.

Agora, com a publicação de HIGIENE ELEMENTAR, volume de mais de 500 páginas, reune o distinto beletrista patrício suas qualidades de médico às de higienista e professor, de uma maneira tão harmônica que se tem a impressão, admirável impressão, de estar lendo não uma obra puramente didática, mas uma obra de artista que é, cheia de belezas e especiais encantos mesmo nas partes mais materiais, como a em que trata da alimentação e higiene do corpo.

Com referencia a uma separata de HIGIENE ELEMENTAR — "Contribuição ao estudo do clima antropológico do Rio Grande do Sul" —, ressaltamos a excelência do trabalho do Dr. Emílio Kemp que dissemos ser de grande clareza e concisão. O conjunto da obra vem cabalmente provar essa nossa assertiva sôbre a separata.

Digna, pois, de todos os encômios é êste utilíssimo livro do Dr. Emílio Kemp, e tanto mais que é o único tratado com tanta amplitude e conhecimento até hoje editado no nosso Rio Grande.

HIGIENE ELEMENTAR, ao qual se seguirá "Noções de Puericultura", preenche, brilhantemente, a lacuna que existia de tais obras entre os livros didáticos publicados e editados no Rio Grande do Sul.

---



A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Poema histórico em estilo popular, por **Adalberto Machado dos Santos.** — Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre. — 1935.

E' um volume de 144 páginas em que o A. descreve, singelamente, em versos despretenciosos, a grande epopéia farroupilha.

Sôbre o valor do poema, que fale o Dr. Eduardo Duarte, no "julgamento" que prefacía a obra.

"O vosso livro deve ser publicado e vastamente difundido pelo pago. E' preciso que a nossa gente o leia na cidade ou na campanha, na escola ou no seio da família, pois que alí, na simplicidade daqueles versos, está condensada a vida do farrapo de trinta e cinco, em pleno vigor da luta, valente e destemeroso, monarca das coxilhas, lança enristada nas terríveis arrancadas em demanda da morte pelo seu ideal, dessa morte que êle sabia despresar pois que o animava poder mais alto que era a liberdade da sua terra e da sua gente".

---

## REVISTAS

Recebemos, agradecemos e permutaremos:

REVISTA DOS PROFESSORES: — Direção do prof. Sud Mennucci, São Paulo, Ns. 3 a 8, 1934.

TÉMIS: — (Revista científica e jurídica), direção de Carlos A. Mendonça Lima, Nilton Costa e Paulo Setembrino, Pôrto Alegre. Ano I, ns. 2, 3, 4 e 5.

BOLETIM DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS: — Publicação do Instituto da Ordem dos Advogados, de Pôrto Alegre. Ns. 2, 3 e 4, correspondentes ao 2.º, 3.º e 4.º trimestres de 1934. (um vol.).

VIDA ACADEMICA: — Direção de Odilon Lima, Vitória. Ano I, n.º 1, setembro de 1934.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: — Redator: Dr. Fernando de Magalhães, Rio de Janeiro. Ns. 151 a 156 (1934).

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS "BANDEIRANTES": — Comissão de redação: Alfredo Romário Martins, Arthur Martins Franco e José Loureiro A. Fernandes, Curitiba. Tomo I, N.° 1, setembro de 1934.

G. E. G. H. P. (Gabinete de Estudinhos de Geografia e História da Paraíba): — N.° 5, vol. II. João Pessoa, 27 de setembro de 1934.

JURIDICAS Y SOCIALES: — Revista Universitaria. Diretor: Juan F. Moia, Buenos Aires. Ns. 13 a 17, 1934.

LA REVISTA AMERICANA DE BUENOS AIRES: — Diretor: V. Lillo Catalan, Buenos Aires, noviembre 1934, N.° 127.

SENDEROS: — Organo de la Biblioteca Nacional de Bogotá. Diretor: Daniel Samper Ortega, Bogotá (Colombia). Ns. 5 a 11, 1934.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES: — Organo de la Academia Colombiana de Historia. Diretor: Gustavo Otero Muñoz, Bogotá. Ns. 239 a 247, 1934.

BOLETIN DE ESTUDIOS HISTORICOS: — Diretores proprietarios: Leopoldo López Alvarez y Sergio Elias Ortiz, Pasto (Colombia). Ns. 61 y 62. Setiembre de 1934.

BOLETIN DE LA SOCIEDAD GEOGRAFICA NACIONAL: — Publicação da Sociedad Geografica Nacional, de Madrid. Tomo LXXIV, 1934.

GEOGRAPHICAL REVIEW: — Published by The American Geographical Society of New York. October, 1934 and January 1935.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA: — Comissão de redação: Coronel Manoel Alexandrino Ferreira da Cunha, tenente-coronel Glicerio Fernandes Gespes, tenente-coronel Ademar Alves de Brito e major Ramos. Imprensa do Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, Ns. 1 e 2, 3 e 4 (em 2 vols.), 1934.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTÓRICO DA BAÍA, N.° 60, 1934. — Comissão de redação: Dr. Bernardino José de Souza, Dr. Francisco da Conceição Menezes, Dr. Carlos Chiacchio, Dr. Deraldo Dias de Morais, Dr. Francisco Hermano de Sant'Anna.

# ÍNDICE


Memorável Centenário, pelo dr. Leopoldo de Freitas ..... 3

Caxias e os generais de 35, pelo coronel Alvaro de Alencastre .... 11

O naufrágio do Martim Afonso de Souza, pelo coronel Souza Docca 53

A graça e o lirismo heroico dos Farrapos, pelo dr. Fernando Osorio 73

A Patria do Gaúcho, por Castilhos Goycochéa ..... 119

Cruz Alta (Sua flora municipal), por Josino dos Santos Lima ..... 137

Nótulas bibliográficas, por Walter Spalding ..... 145


51649